

**A recepção da ideia de Babilónia entre os assírios:
a construção de um mito**

Madalena Kadosh Ezra

**Dissertação de Mestrado em História - Área de especialização
em Civilizações do Médio Oriente e Ásia Antiga**

Outubro, 2014

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em História - Área de Especialização em
Civilizações do Médio Oriente e Ásia Antiga, realizada sob a orientação
científica do Professor Doutor Francisco Caramelo

À minha Mãe

A recepção da ideia de Babilónia entre os assírios: a construção de um mito

Madalena Kadosh Ezra

RESUMO

O tema apresentado nesta Dissertação incide sobre as relações entre a Assíria e a Babilónia durante o período neo-assírio, ou seja, entre os séculos X e VII a.C., tendo como principal objectivo compreender qual a percepção que a Babilónia teve entre os assírios. Para tal, analisaremos os diferentes métodos utilizados pela Assíria para governar o seu vizinho meridional e o modo como os reis assírios se relacionavam com os babilónios e os seus deuses. Pretende-se compreender como os babilónios se destacavam entre todos os outros povos com que os assírios se relacionavam e de que modo esse relacionamento afectou a própria Assíria.

PALAVRAS-CHAVE: Assíria, Babilónia, Império Neo-Assírio, I Milénio a.C., Relações Políticas, Estatutos, Privilégios

ABSTRACT

The subject presented in this dissertation focuses on the relationship between Assyria and Babylonia during the neo-assyrian period, namely, between the tenth and seventh centuries B.C., where the primary aim is to understand the perception that Babylonia had among the assyrians. With this end, we will analyze the different methods used by the assyrians to govern its southern neighbor and the relationship between the assyrian kings and the babylonians and their gods. The purpose is to understand how the Babylonians stood out among all the other people that the assyrians related to and how this relationship affected Assyria itself.

KEYWORDS: Assyria, Babylonia, Neo-Assyrian Empire, First Millennium BC, Political Relations, Status, Privileges

ÍNDICE

Lista de Abreviaturas	vi
Introdução	
i. Objecto de Estudo	1
ii. Fontes	2
iii. Método	2
Capítulo I - A emergência do império neo-assírio	
1. Os Antecedentes do império neo-assírio	5
2. Aššur-dan II a Tukulti-Ninurta II (934-883 a.C.)	6
2.1 A política administrativa dos territórios conquistados	7
2.2 Os primeiros contactos entre assírios e babilónios	9
3. Aššurnasirpal II e Salmanasar III (882-823 a.C.)	10
3.1 A administração das províncias e dos estados vassallos	11
3.2 As revoltas babilónias: indícios da importância da Babilónia para a Assíria	13
3.3 O rei como representante da ordem divina	16
4. Šamši-Adad V a Aššur-Nirari V (822-745 a.C.)	17
4.1 A relação da Assíria com os deuses estrangeiros	19
4.2 O tratado de paz de Šamši-Adad V e Marduk-zakīr-šumi I	21
Capítulo II - A imposição assíria na Babilónia: o controlo militar e político dos reis assírios	
1. A consolidação do império: Tiglath-Pileser III e Salmanasar V (745-722 a.C.)	24
2. Sargão II e a revolta de Merodach-Baladan II (721-703 a.C.)	26
3. Senaquerib e um problema chamado Babilónia (704-690 a.C.)	30
3.1 A destruição da Babilónia (689-681 a.C.)	33
4. Assaradão (681-669 a.C.)	35
5. A monarquia dividida: Assurbanipal e Šamaš-šuma-ukīn (669-652 a.C.)	41
5.1 A revolta de Šamaš-šuma-ukīn (652-648 a.C.)	46
6. O início do fim: Kandalanu e os últimos anos de Assurbanipal (647-626 a.C.)	56

**Capítulo III - A imagem e a representação da Babilónia percebidas pelos assírios:
factor condicionante da acção política e militar neo-assíria**

1. Enquadramento geral	59
2. A governação assíria da Babilónia	60
2.1 A relação do rei assírio com os babilónios	77
2.2 Os grupos pró e anti Babilónia	89
2.3 As deportações	94
3. Os deuses babilónios	97
3.1 O deus Marduk na Assíria	97
3.2 O papel do rei assírio na religião babilónia	99
4. Propaganda real assíria: como os reis assírios narraram a realidade	110
4.1 O “pecado” de Sargão	110
4.2 O Julgamento de Marduk	113
4.3 A identificação do deus assírio Aššur com o deus babilónio Anšar	115
4.4 O papel de Marduk na destruição da Babilónia	116
Conclusão	118
Bibliografia	122
Imagens	136
Anexo A	viii
Anexo B	ix

LISTA DE ABREVIATURAS

- ABC Grayson, Albert K. *Assyrian and Babylonian Chronicles. Texts from Cuneiform Sources 5*. Locust Valley, New York: J.J. Augustine, 1975.
- AGS Knudtzon, Jørgen A. *Assyrische Gebete an den Sonnengott für Staat und königliches Haus aus der Zeit Assahaddons und Asurbanipals*. Leipzig: Pfeiffer, 1893.
- AJA *American Journal of Archeology*.
- AJSL *American Journal of Semitic Languages and Literatures*.
- AnOr *Analecta Orientalia*.
- ARAB Luckenbill, Daniel D. *Ancient Records of Assyria and Babylonia*. 2 volumes. Chicago: The University of Chicago Press, 1926-1927.
- BE Clay, Albert T. *The Babylonian Expedition of the University of Pennsylvania. Series A: Cuneiform Texts Vol. 8/1*. Philadelphia: Department of Archaeology, University of Pennsylvania, 1908.
- BBSt King, Leonard W. *Babylonian Boundary Stones and Memorial Tablets in the British Museum*. 2 Volumes. London, 1912.
- CAH *Cambridge Ancient History*
- CSMS *Canadian Society of Mesopotamian Studies*
- CT *Cuneiform Texts from Babylonian Tablets in the British Museum*.
- CT MET Sparr, Ira e Von Dassow, Eva *Cuneiform Texts in the Metropolitan Museum of Art. Volume III. Private Archive Texts from the First Millennium B. C*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000.
- JAOS *Journal of the American Oriental Society*

<i>JCS</i>	<i>Journal of Cuneiform Studies.</i>
<i>JEOL</i>	<i>Jaarbericht Ex Oriente Lux.</i>
<i>JNES</i>	<i>Journal of Near Eastern Studies.</i>
<i>ISIMU</i>	<i>Revista sobre Oriente Proximo y Egipto en la antigüedad.</i>
<i>ND</i>	Saggs, Henry W. F. <i>Nimrud Letters, 1952. Cuneiform Texts from Nimrud V. British School of Archaeology in Iraq, 2001.</i>
<i>RO</i>	<i>Rocznik Orientalistyczny</i>
<i>SAA</i>	<i>State Archives of Assyria.</i>
<i>SAAB</i>	<i>State Archives of Assyria Bulletin.</i>
<i>SBLMS</i>	<i>Society of Biblical Literature Monograph Series</i>
<i>UST</i>	<i>Ur Excavation Texts I. Royal Inscriptions.</i>

Introdução

i. Objecto de estudo

As relações políticas, culturais e religiosas entre a Assíria e o seu vizinho meridional, a Babilónia, atravessaram cerca de dois milénios de História da Mesopotâmia. Em grande medida, essas relações traduzem o equilíbrio e a interacção entre o Norte e o Sul, marcados por matrizes identitárias e civilizacionais assinaladas pelas suas especificidades.

A nossa dissertação consiste em analisar a relevância dessas diferenças e também das convergências num período concreto como é o período neo-assírio, isto é, entre os séculos X e VII a.C. Ao longo deste período, a Assíria, potência hegemónica no Médio Oriente, lidou com a Babilónia de diferentes maneiras, encontrando soluções distintas. No plano político, esta é efectivamente uma das vertentes da nossa proposta, isto é, observar e estudar o enquadramento e a eficiência dessas soluções institucionais.

Algumas dessas soluções revelaram-se completamente diferentes de outras que os assírios concretizaram relativamente a outros territórios conquistados ou dominados. Não deixará de ser interessante compreender as razões porque foi seguida, neste caso, uma política distinta. Teremos que estudar o problema mais a fundo, no entanto, certamente essa diferença explicar-se-á, em certa medida, pelo reconhecimento de que a Babilónia tinha um estatuto político, cultural e religioso singular.

Uma outra dimensão do nosso estudo, complementar relativamente a esta, a que nos referimos anteriormente, reside na intenção de abordar as representações, as percepções e, diríamos nós, a recepção que a ideia de Babilónia teve entre os assírios. Essa percepção, isto é, a forma como a metrópole meridional, grande e prestigiado centro religioso, era vista pelos seus vizinhos do Norte encontra-se reflectida na literatura assíria deste período. O nosso propósito consiste em compilar e estudar sistematicamente as fontes, isto é, os textos oriundos de diversos géneros literários, procurando identificar as linhas retóricas e argumentativas fundamentais.

Depois de analisarmos todas as relações políticas, culturais e religiosas entre a Assíria e o seu vizinho estaremos preparados para concluir se a Babilónia era realmente um caso especial no contexto assírio e se esse estatuto especial poderá ter sido uma das causas para a queda do império assírio e o início do império neo-babilónico.

ii. Fontes

O período neo-assírio está, de um modo geral, extremamente bem documentado. Temos disponível uma abundância de fontes escritas que descrevem, particularmente, as campanhas militares levadas a cabo pela Assíria em toda a região do Crescente Fértil. Os anais assírios e as crónicas babilónicas permitem-nos analisar a evolução geopolítica da Mesopotâmia, sendo complementados pelas listas de reis e as listas de epónimos que permitem apurar cronologicamente os eventos mais importante deste período. Desta maneira, estas serão as principais fontes que iremos utilizar para a fundamentação do nosso objecto de estudo na sua primeira parte.

A partir do reinado de Tiglath-Pileser III, e durante os 140 anos que se seguiram até à queda do império assírio, as cartas, os documentos administrativos do palácio, os tratados e juramentos de paz e os oráculos e profecias encontrados em cidades como Ashur, Calah e Nínive complementam as inscrições reais, tornando este período num dos mais bem retratados de toda a história da Mesopotâmia. Estas fontes são um excelente complemento das fontes iniciais uma vez que, ao contrário destas, não têm um carácter propagandístico por detrás e não seguem um conjunto de directrizes, ou seja, não se focam exclusivamente nas fantásticas acções e campanhas militares dos reis assírios. Assim, sempre que possível, iremos utilizar estes documentos para proceder à nossa análise, esperando chegar a conclusões fundamentadas por essas mesmas fontes.

iii. Método

De modo a podermos fazer um estudo completo da relação entre a Assíria e a Babilónia, sentimos a necessidade de explicar certas características e ideologias do

império assírio. Para a nossa análise estar completa temos de perceber o lado administrativo dessa relação, ou seja, como é que a Assíria incorporava no seu território a Babilónia. É importante fazermos um levantamento desta informação pois podemos chegar a importantes conclusões sobre o relacionamento da Assíria com a Babilónia e, em suma, perceber se esta tinha ou não um estatuto especial.

Tendo isto em conta, este trabalho será dividido em três partes. Numa primeira parte, iremos abordar os primeiros dois séculos do período neo-assírio, analisando os principais acontecimentos dos reinados de Aššur-dan II a Aššur-nirari V. Vamos ver que é durante este período que se dá uma aproximação maior entre a Assíria e a Babilónia, estabelecendo-se os precedentes para a incorporação desta última no império assírio com Tiglath-Pileser III.

Na segunda parte deste trabalho, vamos analisar a relação política da Assíria com a Babilónia entre os reinados de Tiglath-Pileser III e Kandalanu. Esta parte está destinada apenas à vertente militar da relação entre a Assíria e a Babilónia. Iremos analisar as várias intervenções assírias na Babilónia devido a revoltas e usurpações do trono, deixando a análise dos diferentes métodos de governação da Babilónia para a terceira parte. Será nessa parte do trabalho que realizaremos um estudo mais completo da diferenciação dada à Babilónia face aos outros povos que compunham o império assírio.

Vamos ver que a governação assíria da Babilónia nunca seguiu um método único, sendo claro que os monarcas assírios adaptavam a sua governação às diferentes situações em que a Babilónia se encontrava. Por outro lado, vamos também analisar separadamente a relação do rei assírio com os babilónios. Iremos ver, especialmente através de cartas, mas também através dos relatos encontrados nos anais e inscrições reais, que os babilónios eram um povo especial, com um estatuto privilegiado e, por isso, não podiam ser tratados de igual modo aos outros povos do império. As cartas são um importante testemunho dessa relação pois são trocadas, directamente, entre o rei assírio e os babilónios, eliminando qualquer possibilidade de distorção dos relatos. Também vamos dar destaque à relação que os monarcas assírios tinham com o panteão babilónio e perceber que a intervenção da Assíria na Babilónia ia muito para lá do carácter político e militar, entrando mesmo na esfera religiosa e cultural.

Por fim, a terceira parte deste trabalho fica completa com a análise de quatro episódios da relação da Assíria com a Babilónia que dado o seu carácter único optámos por analisá-los separadamente. Estes episódios enquadram-se dentro da chamada propaganda assíria e visam, de algum modo, justificar certas acções dos reis assírios na Babilónia.

Assim, pretendemos que este estudo contribua para melhorar os conhecimentos que temos do papel da Babilónia dentro do império assírio, da relação que os monarcas assírios tinham com os babilónios e do modo como a Babilónia influenciou o destino da Assíria.

CAPÍTULO I - A emergência do império neo-assírio

1. Os antecedentes do império neo-assírio

O segundo milénio a.C. caracterizou-se como sendo um período de grande florescimento civilizacional, com as grandes dinastias do Egipto, da Assíria, da Babilónia, de Elam, de Mittani e de Hatti a controlarem a região do Próximo Oriente. Durante este período de “equilíbrio do poder”, todas estas dinastias estavam uniformemente dispersas pela região da Mesopotâmia, não existindo uma que tivesse em seu poder um sistema administrativo e militar capaz de unificar toda a região num grande império¹.

Com o fim da idade do Bronze, os últimos séculos do segundo milénio a.C. trouxeram uma estagnação à região. Num período muitas vezes intitulado “idade negra”, vários factores socioeconómicos, migratórios e mesmo climatéricos² foram responsáveis por um retrocesso nas sociedades destas grandes civilizações. Na Assíria, os reinados de Aššurnasirpal I (1050-1032 a.C.) e Salmanasar II (1031-1020 a.C.) foram particularmente difíceis³, nomeadamente devido à ameaça que os reinos vizinhos exerciam constantemente sobre uma Assíria que ainda não havia consolidado o seu poder.

Com a entrada no primeiro milénio, não existindo nenhuma grande potência dominante na região, a Assíria, com o seu poder militar superior, era a principal candidata para se tornar na grande força política de toda a Mesopotâmia. Quando

¹ M. Liverani, 2003:24.

² J. Neumann e S. Parpola, *JNES* 46/III (1987):161-182.

³ A. T. Olmstead, 1923:74.

Aššur-dan II se torna rei da Assíria em 934⁴, são dados os primeiros passos para a consolidação dessa força política em direção à criação de um grande império.⁵

2. Aššur-dan II a Tukulti-Ninurta II (934-883 a.C)

O último grande rei do período meso-assírio, Tiglath-Pileser I (1115-1077 a.C.), lançou uma série de campanhas militares em direção a Oeste (atravessando o rio Eufrates até às margens do Tigre, atacando os Arameus e os povos da costa do Mediterrâneo), a Norte (penetrando no coração de Nairi até ao lago Van), e a Sul (invadindo a Babilónia)⁶. Coube a Aššur-dan II (934-911 a.C.) recuperar estes territórios que foram perdidos depois da morte de Tiglath-Pileser I, dando, assim, início ao que ficou conhecido como o império neo-assírio.

Com várias campanhas militares, o maior problema de Aššur-dan II foram os Arameus, responsáveis, segundo os assírios, pela apropriação de territórios que pertenciam, legitimamente, ao império assírio e a determinação em trazer de volta os descendentes da população assíria que tinha fugido devido ao período negro em que a região tinha estado imersa⁷.

Durante os 23 anos de reinado de Aššur-dan II, a Assíria conseguiu recuperar muitos dos territórios perdidos durante o virar do milénio e quando o seu filho, Adad-nirari II (910-890 a.C.), chegou ao poder quis continuar o trabalho de seu pai, superado o número de campanhas militares do seu antecessor. Foram em três as principais regiões que Adad-nirari II se concentrou: os Arameus, a Babilónia e as terras de Nairi e Khabkhu. Com estas campanhas militares, Adad-nirari II tinha a liberdade total de se deslocar por estas regiões sem encontrar qualquer tipo de resistência, recebendo

⁴ Para a datação dos reinados do período neo-assírio iremos utilizar a lista de epónimos disponível no estudo de A. Millard, "The Eponyms of the Assyrian Empire, 910-612 BC", State Archives of Assyria Vol. 2. Helsinki: University of Helsinki Press. Para o período anterior a 910 a.C. utilizaremos a cronologia de J. N. Postgate disponível em "The Land of Assur and the Yoke of Assur", World Archaeology 23/3 (1992):247-263.

⁵ Aššur-dan II é o primeiro rei no espaço de um século a realizar campanhas militares de expansão de território.

⁶ CAH III.1:248.

⁷ RIMA 2:134.

tributos das populações conquistadas⁸. Esta estabilidade permitiu que o seu filho, Tukulti-Ninurta II (899-883 a.C.), optasse mais pela consolidação dos territórios já conquistados do que por um elevado número de campanhas militares em busca da expansão do território do império. Quando optava por partir numa expedição militar, Tukulti-Ninurta II encontrava uma resistência cada vez menor, comparando com aquelas de seu pai e avô. Esta ocorrência mostra-nos que, a partir de 890 a.C., a Assíria já tinha conquistado a sua posição política na região, onde os seus principais vizinhos sabiam que não tinham o poder militar para a enfrentar.

O curto reinado deste rei não permitiu grandes avanços na construção do império assírio, mas, em 882 a.C., com a subida ao trono de Aššurnāširpal II, encontramos o primeiro grande rei do período neo-assírio. É também Aššurnāširpal II que, nas suas inscrições reais, nos relata a apreciação dos esforços destes primeiros reis para a construção do império assírio⁹.

2.1 Política administrativa dos territórios conquistados

Durante este período, os reis do recém-criado império neo-assírio mantiveram os territórios conquistados dentro dos limites do império durante o período meso-assírio. De acordo com os anais destes primeiros três reinados podemos verificar que os reis consideravam que a conquista dos antigos territórios, era o processo de evolução natural deste novo império, pois esses antigos territórios eram ainda considerados como parte da Assíria e não se tratava de um processo de imperialismo¹⁰.

É interessante verificar que a Assíria não optou por anexar, de imediato, a totalidade destes territórios, preferindo adoptar uma política de vassalagem e tributo para com certas regiões. Nos anais podemos verificar uma semelhança muito grande no que toca à descrição do processo de transformar um território num estado vassalo.

⁸ RIMA 2:153.

⁹ RIMA 2:166.

¹⁰ O facto de as fontes assírias tratarem parte das populações destes territórios como os “assírios” que tinham sido deslocados pelos Arameus mostra claramente a posição da Assíria face a estas antigas províncias.

Este processo era sempre o mesmo: rápidos ataques com a destruição total de uma cidade e o maior número de baixas humanas, seguido por uma pilhagem dos bens mais preciosos (que eram levados para a residência do rei) e por fim a imposição de taxas.

Apesar de as fontes serem bastante explícitas no relato da conquista do rei assírio, ficamos sem qualquer descrição do destino destes territórios quando o exército partia. Em apenas duas ocasiões, os relatos voltam a mencioná-los: caso o rei regressasse para receber o seu tributo ou caso esses territórios violassem o tratado com a Assíria, obrigando o rei assírio a retornar para controlar a rebelião. O facto de esta ser uma constante ao longo dos três primeiros reinados do período neo-assírio é a principal razão para concluirmos que o processo imperialista de expansão territorial ainda não estava em curso durante este período inicial. A administração do território era feita através de estados vassalos e não de províncias e isso nada tinha a ver com o tipo de relacionamento que a Assíria mantinha com estes territórios.

Não é clara a razão pela qual o império assírio tomou esta posição, no entanto, podemos supor duas principais razões: uma de carácter económico e outra de demonstração de superioridade militar. Ao tornar um estado vassalo, a Assíria permitia que mantivesse os seus governantes e o mesmo sistema de administração. Em contrapartida, deveria assumir a sua submissão. Esta submissão era, maioritariamente, demonstrada através do pagamento anual de tributos e a oferta de presentes, reconhecendo assim o estatuto da Assíria. A importância económica destes tributos é retratada nos anais, onde encontramos um registo detalhado de todas as terras por onde o rei assírio passava e os bens que lhes eram oferecidos por esses governantes. Especialmente no caso do rei Tukulti-Ninurta II, temos uma enumeração pormenorizada dos bens que o rei recebeu ao longo da sua viagem pelos territórios que se tinham tornado estados vassalos¹¹. Por outro lado, podemos especular que estas deslocações do rei em viagens de recolha de tributos seria uma demonstração do poder militar assírio. Desta forma, pretendia-se demover quaisquer intenções de rebelião contra o império que, como vimos anteriormente, aconteceu nos reinados de Adad-nirari II e Tukulti-Ninurta II, onde ambos beneficiaram do respeito que os vizinhos da Assíria demonstravam pela sua força militar.

¹¹ RIMA 2:175.

2.2 Os primeiros contactos entre assírios e babilónios

Pouco mais de 100 anos antes do início do nosso período, as crónicas dos reis da Babilónia relatam-nos um acordo estabelecido entre os reis Aššur-bel-kala (1074-1057 a.C), da Assíria, e Marduk-šāpik-zēri (1082-1070 a.C.), da Babilónia:

Marduk-šāpik-zēri, so[n of Marduk-nādin-aḥḥē, re]built [the wall of Babylon]. He con[quered...] the kings of the lands. [During his reign, the people of the country] enjoyed [abundance] and prosperity. He concluded a mutual accord and a peace with King Aššur-bēl-kala of Assyria. At that time, the king went from Assyria to Sippar.¹²

Segundo Brinkman, este primeiro tratado entre a Assíria e a Babilónia foi resultado de uma união contra as várias tribos semi-nómadas que pressionavam os territórios da Assíria e da Babilónia vindos de Oeste¹³ e indica o estado das relações entre ambos nas vésperas do período neo-assírio.

É durante o reinado de Adad-nirari II que temos a primeira referência das fontes assírias à Babilónia, ou Karduniaš. Embora as datas das campanhas militares sejam desconhecidas sabemos que Adad-nirari II derrotou o rei Šamašmudammiq tornando-se “conquistador de toda a terra de Karduniaš”¹⁴. Aparentemente o rei da Babilónia morreu durante este confronto, pois foi imediatamente sucedido por Nabû-šuma-ukin I e também este terá sido derrotado por Adad-nirari II que destruiu várias cidades na região Norte da Babilónia. Depois desta vitória, o rei assírio terá feito um tratado com o rei da Babilónia onde se estabeleciam fronteiras e cada rei oferecia a sua filha ao outro para ser educada na respectiva corte¹⁵. Durante os 80 anos que se seguiram, até ao reinado de Šamši-Adad V (822-810 a.C.), este tratado de paz manteve-se em vigor, no entanto, como iremos ver mais à frente, as condições alteraram-se e este rei acabou por atacar a Babilónia.

¹² J-J. Glassner, 2004:285.

¹³ J. A. Brinckman, *AJA* 76/III (1972):271-281.

¹⁴ RIMA 2:148.

¹⁵ G. S. Goodspeed, 1902:186.

Não podemos comprovar qual o nível de conquista que Adad-nirari II descreve nos seus anais, no entanto, quando Tukulti-Ninurta II parte numa expedição de recolha de tributos não encontra qualquer tipo de resistência, chegando a pernoitar em Sippar¹⁶, o ponto mais a Sul da expedição, antes de se voltarem para Oeste em direcção ao Eufrates, seguindo o rio para Norte. Esta descrição permite-nos concluir que o poder militar assírio já era bastante forte, mesmo que não existisse um controlo completo de todos os territórios em redor da Babilónia.

Embora nesta época tenhamos um conhecimento reduzido do tipo de relacionamento que a Assíria tinha com a Babilónia para além das campanhas militares, podemos partir dela para analisar, passo a passo, a evolução dessa mesma relação ao longo de todo o período neo-assírio.

3. Aššurnaširpal II e Salmanasar III (882-823 A.C.)

Aššurnaširpal II (882-858 a.C.) é considerado o primeiro grande rei do período inicial neo-assírio. Com ele, a Assíria começa a evoluir de um reino territorial para um reino imperial. Durante os seus 25 anos de reinado, este rei lançou catorze grandes expedições militares. Nas suas campanhas para Norte, Nordeste e Noroeste, o rei focou-se nos territórios de Khabkhu, Nairi e Urartu. Em direcção ao rio Tigre, Aššurnaširpal expandiu o território assírio pela região de Kadmukhu e prosseguindo para Oeste até ao rio Balikh, atravessando este e chegando a Carquemiš e à terra de Patinu, junto às montanhas Nur¹⁷. Daqui Aššurnaširpal desceu ao longo da costa do Mediterrâneo onde realizou o antigo costume de lavar as armas no mar e recebeu tributos dos reis das terras costeiras¹⁸.

Ao longo do Eufrates, as regiões que estavam sob controlo da Assíria desde os reinados de seu pai e avô deram a Aššurnaširpal alguns problemas (a partir de 883), sendo uma região motivada a revoltar-se pela Babilónia e pelo estado de Bit-Adini.

¹⁶ RIMA 2:174.

¹⁷ CAH III.1:253.

¹⁸ RIMA 2:218.

A descrição bárbara nas fontes assírias de todas as campanhas (com referências a massacres, deportações, pilhagens e destruição) levou a que fosse atribuída a Aššurnaširpal uma das piores reputações entre os reis assírios, sendo caracterizado como cruel e sádico¹⁹

Devido às acções militares de seu pai, quando Salmanasar III (857-823 a.C) se torna rei da Assíria em 858, as fronteiras assírias estão asseguradas, permanecendo, no entanto, a ameaça dos seus vizinhos setentrionais, os reinos de Urartu e Nairi²⁰ e ainda de uma coligação recém-formada pelos reinos da costa do Mediterrâneo.

Uma comparação entre as inscrições reais de Aššurnaširpal e Salmanasar permite-nos verificar que este último não sente a mesma facilidade de movimento, quando se desloca ao longo do Eufrates e da costa do Mediterrâneo, que seu pai tivera. Apesar disto, o reinado de Salmanasar III é caracterizado como sendo um período de expansão territorial, alargando as fronteiras assírias para o Norte e Oeste.

No fim do reinado de Salmanasar III, vários problemas internos assolavam a Assíria. Embora tivessem sido lançadas as bases para a construção de um grande império, o sistema administrativo da Assíria estava concentrado em governadores com muito poder, o que poderia levar a uma descentralização e dispersão do poder central²¹.

3.1 A administração das províncias e dos estados vassalos

É no reinado de Aššurnaširpal II que vemos definidas as linhas iniciais para a implementação de um sistema administrativo de províncias e estados vassalos com o poder central na figura do rei. Os territórios para Oeste, no centro-Norte da Mesopotâmia, tinham estabelecido acordos de paz com a Assíria, tornando-se estados vassalos, o que obrigava ao pagamento de tributos, uma das principais fontes de enriquecimento do império. Estes tratados de paz também davam à Assíria a

¹⁹ Cf. A. T. Olmstead, *JAOS* 38 (1918b):209-263.

²⁰ A. T. Olmstead, *AJSJ* 37/III (1921):347.

²¹ Cf. A. K. Grayson, *SAAB* 8 (1993):19-52.

oportunidade de se envolver nos assuntos internos e externos desse reino. Para além do mais era de sua obrigação proteger os estados vassalos de qualquer tipo de ameaça militar²². Caso houvesse, por exemplo, uma rebelião²³, o rei assírio interviria restabelecendo a ordem e colocando um governador assírio²⁴, tornando o reino numa província²⁵. O processo de transformar um território inimigo em estado vassalo é facilmente identificado nas fontes assírias e o mesmo acontece quando um território se torna numa província Assíria.

É no reinado de Aššurnaširpal que nos surge essa primeira descrição²⁶. Ao tornar-se uma província, estes territórios tornavam-se parte do império. Ao contrário do que acontece com os estados vassalos, encontramos nos anais o desenrolar de acontecimentos que se seguiam após a anexação de um território²⁷. Sabemos, através destes relatos, que uma das primeiras acções tomadas pelo rei era a construção de um palácio real, tal como existia em todas as cidades da Assíria, onde o rei poderia permanecer caso assim o desejasse. De seguida, temos um género de auto-promoção do rei. É ele que constrói o palácio “de cima a baixo” e insere as suas “inscrições monumentais” onde descreve os seus “feitos heróicos”. Por outro lado, também temos referência, de novo, à população assíria que regressou depois de ter fugido devido à fome.

É de notar que embora tanto as províncias como os estados vassalos fizessem parte do império como um todo, a verdade é que existia uma clara diferença no modo como eram reconhecidas as populações de cada um. Ao passo que as províncias pagavam uma taxa anual para contribuir para os cofres do império (tal como acontecia nos territórios que sempre fizeram parte da Assíria), os estados vassalos ofereciam

²² Acerca da intervenção da Assíria em conflitos militares dos seus estados vassalos, consultar o artigo de G. Galil, “Conflicts Between Assyrian Vassals”, *SAAB* 6/1 (1992):55-63.

²³ As rebeliões são um assunto de extrema importância para a Assíria. Como veremos mais à frente, não aceitar o poder assírio era ir contra a vontade divina pelo que quando são relatados os castigos dados àqueles que não se subjugavam vemos que é uma descrição bastante explícita e bárbara própria de uma acção que era, literalmente, contra a vontade dos deuses.

²⁴ Os governadores colocados nas províncias eram, muitas vezes, membros da elite assíria ou mesmo da família real de modo a diminuir as hipóteses de também estes se insurgirem contra o poder central.

²⁵ RIMA 2:230.

²⁶ RIMA 2:221.

²⁷ RIMA 2:242.

tributos anuais²⁸. Esta diferença, embora acabe por não ter impacto a nível económico, levou à necessidade de distinguir a maneira como se tratava a população que se assumia como assíria daquela que reconhecia a soberania assíria.

Embora este sistema de administração seja implementado durante o reinado de Aššurnaširpal II não foram muitos os novos territórios anexados ao império. No ano de ascensão ao trono de Salmanasar III, temos apenas entre cinco e sete províncias anexadas ao território assírio²⁹.

3.2 As revoltas babilónias: indícios da importância da Babilónia para a Assíria

A partir de 882, Aššurnaširpal II teve de lidar com algumas rebeliões na região a Sul do império assírio, a meio do vale do Eufrates. Estes reinos que lutavam contra o poder assírio eram incentivados por dois importantes territórios: a Babilónia e Bit-Adini. O modo como Aššurnaširpal lidou separadamente com estes dois reflecte os primeiros passos dados em direcção à protecção dos babilónios.

Uma das principais características que podemos retirar das inscrições assírias é uma consistência quanto ao castigo aplicado pela Assíria àqueles que não aceitavam a sua governação. O relato minucioso de como o rei destrói aqueles que não aceitam a supremacia absoluta da Assíria não deixa margem para dúvidas que a insurreição contra a Assíria levava a um castigo absoluto por parte do seu rei. Nunca esquecendo o carácter “propagandístico” das fontes assírias, podemos ver que essa é uma constante no relacionamento da Assíria com os territórios conquistados. No entanto, face à Babilónia, temos uma situação completamente nova. Através das inscrições reais, é claro que o rei assírio tinha conhecimento do envolvimento total da Babilónia nas

²⁸ A nível económico, os tributos recebidos pelos estados vassalos eram uma importante fonte de financiamento da Assíria. Ao organizar os territórios conquistados de acordo com as suas necessidades, a Assíria assegurava a rentabilidade máxima desses mesmos territórios. Parte das novas populações conquistadas eram enviadas para locais onde os terrenos agrícolas não eram explorados ao máximo fazendo com que mais bens chegassem às principais cidades do império. Por outro lado, o controlo das rotas comerciais que atravessavam a Ásia até ao Mediterrâneo também enriquecia os cofres assírios. É importante referir que pela primeira vez nos anais de Aššurnaširpal II temos uma estatística completa de todos os tributos que eram recebidos pelo rei.

²⁹ A. T. Olmstead, *The American Political Science Review* 12/I (1918a):70-71.

rebeliões de 877 e 867³⁰ mas as fontes informam-nos que embora os responsáveis pelas rebeliões sejam tanto a Babilónia como Bit-Adini³¹, apenas este último é sujeito a uma punição militar por parte do rei assírio³². A Babilónia foi poupada a qualquer tipo de castigo militar havendo apenas uma pequena referência em que o rei afirma que o medo do poder assírio chegou até à Babilónia³³.

Numa época em que a Babilónia não estava à altura do poder militar assírio e sem qualquer tipo de informação adicional nas fontes, podemos retirar deste episódio uma importante conclusão: a relação da Assíria com a Babilónia já ultrapassava o mero tratado de paz estabelecido por Adad-nirari II, havendo por parte de Aššurnaširpal um respeito pelo seu vizinho meridional que o levava a optar por não castigá-lo militarmente.

Esta relação especial continuou no reinado de seu filho. Em 851 uma rebelião na Babilónia contra o rei Marduk-zakīr-šumi I (854-819 a.C.) levou o rei assírio em auxílio do seu homólogo³⁴. A rebelião foi iniciada pelo irmão do rei da Babilónia, Marduk-bēl-usāte e, durante um período de 2 anos, Salmanasar III perseguiu o “rei rebelde” por toda a região acabando por tomar Marduk-bēl-usāte “pela espada”³⁵. De seguida, o rei assírio marchou em direcção à Babilónia:

*[...] He reached Cuthah, city of the hero of the gods, the exalted divine Utulu. He bowed down humbly at the gate of the temple and made sacrifices and offerings. He entered Babylon, link between heaven and underworld, the abode of life, (and) ascended to Esagil, the palace of the gods, abode of the king of all. He reverently appeared in the presence of divine Bel and Belat, properly performed their rites, slaughtered (and) offered up lofty sacrifices (and) holy offerings in Esagil. He (also) presented holy offerings at the shrines of (other) deities in Esagil and Babylon.*³⁶

³⁰ RIMA 2:213.

³¹ RIMA 2:198.

³² RIMA 2:214-215.

³³ Ibidem.

³⁴ RIMA 3:30.

³⁵ Ibidem.

³⁶ Ibidem.

E, de seguida, partiu para Borsipa:

He took the road to Borsippa, city of the hero of the gods, son of Bel, the powerful prince, (and) entered Ezida, temple of destinies, temple of his firm decision. He bowed down in the presence of the deities Nabû and Nana, the gods, his lords, and reverently (and) properly performed their (lit. "his") rites. He slaughtered (and) offered up superb oxen (and) fat sheep. He presented bursaggû offerings at the shrines of (other) deities of Borsippa and Ezida in like fashion. For the people of Babylon and Borsippa, his people, he established protection and freedom under the great gods at a banquet. He gave them bread (and) wine, dressed them in multicoloured garments, (and) presented them with presents.³⁷

Este relato da viagem de Salmanasar III pelas cidades da Babilónia e Borsipa é o primeiro das fontes assírias que as descreve com um carácter glorioso e divino, “o elo entre o céu e o inframundo”³⁸. Estas cidades são únicas. É de notar que nesta época a Babilónia ainda não faz parte do império assírio, no entanto, temos um rei que assume a importância desta, prestando homenagem às divindades locais (Marduk, Nabû e Nana). Também a população da Babilónia e Borsipa recebe um tratamento especial, no entanto, não podemos afirmar que os babilónios também se sentiam privilegiados com estas acções. De acordo com a tradição babilónia, apenas o rei podia realizar os rituais que Salmanasar III realizou e uma vez que, de acordo com as fontes assírias, esta era a primeira vez que um monarca estrangeiro realizava essas funções, podemos imaginar o grau de desconfiança sentido pela população babilónia.

A importância dada por Salmanasar III a esta relação também pode ser vista através de um painel encontrado em Nimrud, onde o rei da Babilónia, Marduk-zakīr-šumi I, é visto a cumprimentar o rei assírio, retratando o par como reis de igual estatuto³⁹.

³⁷ RIMA 3:31.

³⁸ RIMA 3:30.

³⁹ Consultar Imagem 1.

3.3 O rei como representante da ordem divina

Para compreendermos melhor alguns aspectos da relação do rei assírio com os povos e territórios com quem mantinha uma relação, é necessário termos presente uma importante doutrina do império assírio que pretende justificar todas as campanhas militares realizadas pelo rei assírio. Nas inscrições reais ou mesmo nos baixos-relevos encontrados nos palácios de Aššurnaširpal II e dos reis que se seguiram, podemos ver retratadas as grandes vitórias da Assíria com os “novos” assírios (na sua maioria elites e soldados) a prestarem tributo ao rei. Destas caracterizações podemos retirar uma ideologia de extrema importância para a construção do império e da identidade assíria: a vontade e legitimação divina para a conquista de pessoas e territórios.

De acordo com a literatura assíria, o deus Aššur era o “grande senhor, rei de todos os grandes deuses”, ou seja, era a divindade principal, aquela que regia todo o mundo divino e, conseqüentemente, todos os deuses desse mundo. De acordo com a ideologia mesopotâmica, esta situação deveria estar reflectida no panorama político terrestre e sendo o rei assírio o representante de Aššur também ele deveria governar sobre todos os reinos⁴⁰. Por outro lado, o facto de as divindades serem as criadoras de todo o universo, e do Homem⁴¹, dá-lhes a autoridade e o poder⁴² para controlarem e governarem todos os povos.

Através dos textos mesopotâmios, sabemos que uma das principais funções do rei era evitar a desordem e o caos (próprias de um mundo pré-civilizacional), estabelecendo a ordem divina. Para tal, o rei assírio necessitava de alargar as

⁴⁰ Vemos essa ideia de domínio universal quando os reis são tratados como “rei de todo o universo”.

⁴¹ De acordo com o mito de criação *Enuma Elish*, o Homem foi criado pelos deuses com o único intuito de os libertar da elevada carga de trabalho a que estavam sujeitos, ou seja, todos os povos eram vistos como uma espécie de criados das divindades.

⁴² Uma outra maneira de expressar o poder absoluto que as divindades tinham sobre todos os povos pode ser visto através dos cognomes dados pelos assírios a cada um dos deuses. Como vimos, o deus Aššur é o “grande senhor, rei de todos os grandes reis” mas também é o “senhor das terras”. O deus Enlil é aquele que “decreta destinos”. O deus Samaš é aquele que “lidera correctamente a humanidade”

fronteiras da Assíria⁴³, trazendo cada vez mais povos para a esfera de Aššur (pagando o devido tributo). Explicitamente, o rei representava a ordem e tudo o que não se encontrava sob o seu poder representava o caos. Haas chega a referir a existência de uma espécie de “demonização” nas fontes assírias de tudo o que fosse fora da área de influência da Assíria. Para lá das fronteiras do império, era onde habitavam os demónios da deusa Tiamat, era a representação do caos⁴⁴.

Assim, devemos ter sempre presente, ao longo do nosso estudo, que, de acordo com os assírios, todas as acções militares estavam legitimadas por Aššur. O rei e o exército eram um instrumento para realizar a sua vontade e a dos “grandes deuses”⁴⁵. Caso as populações vizinhas não se submetessem ao poder assírio, era subentendido que estariam a ir contra a vontade divina e, por essa razão, tinham de ser castigados. Estas acções em nada têm a ver com o relacionamento que a Assíria tinha com estes territórios. Não podemos caracterizar uma relação somente pelas acções militares que ocorrem entre ambas as partes e, neste caso, é ainda mais evidente que, de acordo com as fontes assírias, estas acções militares eram uma ordem directa dos deuses. Eles eram os verdadeiros conquistadores.

4. Šamši-Adad V a Aššur-Nirari V (822-745 a.C.)

De acordo com a lista de epónimos do império assírio, a partir do ano 826, ainda no reinado de Salmanasar III, e até 820, terceiro ano de reinado de Šamši-Adad V (822-810 a.C.), a Assíria enfrentou uma revolta interna⁴⁶. De acordo com os anais, um irmão de Šamši-Adad, Aššur-danin-apli, apoiado por várias cidades assírias, como Nínive e Aššur, e pelos arameus insurgiu-se contra seu pai⁴⁷. Šamši-Adad V acabaria

⁴³ Podemos ver, por exemplo, que Aššurnaširpal II considerava-se “aquele que trouxe todas as pessoas sob uma única autoridade”(RIMA 2:308), exactamente como acontecia na esfera divina com o deus Aššur.

⁴⁴ V. Haas, *RO* 41/II (1980):37-44.

⁴⁵ Esta ideologia é anterior ao período neo-assírio. Nos anais de Tiglath-Pileser I, podemos também encontrar referências a este lado mais religioso da construção do império assírio. Aqui, o rei afirma que o processo de expansão territorial é uma ordem dada pelos “grandes deuses” e que os povos conquistados tornavam-se súbditos de Aššur e a ele deveriam ser pagos as taxas e os tributos.

⁴⁶ A. Millard, 1982:57.

⁴⁷ RIMA 3:183.

por controlar esta rebelião mas este episódio marca o início de um período negro na História do império assírio.

Com poucas campanhas militares, Šamši-Adad V parece ter concentrado o seu exército nas zonas em redor de Nairi e da Babilónia. No que toca à Babilónia, este rei adoptou uma posição muito diferente daquela de seu pai e avô face ao vizinho meridional. A difícil relação com a Babilónia desviou as atenções deste rei dos territórios a Oeste. De acordo com as inscrições reais de seu filho, Adad-nirari III (809-782 a.C.), quando este mobiliza o seu exército em direcção ao Mediterrâneo é com o intuito de recuperar o tributo perdido destes “reis hostis” durante o reinado de seu pai.

Dos 28 anos de reinado de Adad-nirari III, poucos registos chegaram até nós⁴⁸. É importante referir que embora este período seja visto como uma época negra, foi neste reinado que a Assíria registou o maior número de províncias anexadas ao seu território⁴⁹. Um total de onze províncias⁵⁰ foram registadas como fazendo parte da Assíria, tornando este num grande período de organização provincial.

Com o fim do reinado de Adad-nirari III⁵¹, a Assíria entra numa fase mais obscura. Entre 781 e 743, Salmanasar IV (781-772 a.C.), Aššur-dan III (771-754 a.C.) e Aššur-nirari V (753-745 a.C.) tiveram de lidar com uma série de ameaças militares vindas de todas as fronteiras assírias, em especial do reino de Urartu⁵², assim como vários problemas internos⁵³. Esta situação foi deteriorando-se ao longo destes 40 anos

⁴⁸ Talvez o mais importante seja a inscrição de Nimrud (Calah) onde o rei relata que o “esplendor de Aššur, meu senhor, oprimiu-o e ele submeteu-se a mim, e tornou-se meu vassalo”, referindo-se ao rei de Damasco (RIMA 3:213). Por outro lado, o rei também irá receber tributos dos reinos de Israel, Fenícia e Nairi.

⁴⁹ A. T. Olmstead, *JAOS* 34 (1915):351-352.

⁵⁰ Este elevado número de províncias também pode ser apontado como uma das principais razões para o enfraquecimento do poder assírio durante Este período de declínio.

⁵¹No fim dos reinados de Aššurnaširpal II e Salmanasar III, um conjunto de governadores tinha reunido em si um grande poder central, o que enfraquecia o poder da Assíria enquanto império. Esta situação vai ser sentida com mais intensidade no reinado de Adad-nirari III. Este é visto como um dos principais factores que levou ao declínio do império pois o rei, embora tivesse alcançado importantes vitórias no campo de batalha, não conseguiu controlar o crescente poder que alguns indivíduos detinham (Cf. A. K. Grayson, *SAAB* 7 (1993):19-52).

⁵² Para um estudo alargado da relação entre a Assíria e o reino do Urartu, consultar K. Radner, “Assyrians and Urartians”, em S.R. Steadman e G. McMahon (eds.), “The Oxford Handbook of Ancient Anatolia (10.000-323 BCE)”. Oxford: Oxford University Press, 2011b:734-751.

⁵³ Entre os anos 768 e 746, a lista de epónimos relata 9 anos onde não houve campanhas militares fora do território assírio e outros 6 anos onde são registadas revoltas.

até que em 745 Tiglath-Pileser III toma o trono assírio e inicia, de novo, o processo de consolidação do império.

4.1 A relação da Assíria com os deuses estrangeiros

O modo como os reis assírios lidavam com a religião própria dos territórios conquistados é um tema bastante importante da Assiriologia. Regra geral, podemos identificar duas posições opostas nos estudos realizados sobre este tema. Autores como McKay⁵⁴, Cogan⁵⁵ e Parpola⁵⁶ defendem que os assírios não impunham a sua religião aos territórios conquistados, ou seja, embora houvesse a necessidade de afirmar Aššur como a divindade mais importante (com a criação de lugares de culto tanto para este deus como para as outras divindades da Mesopotâmia), era dada liberdade para a continuação do culto das divindades locais ou regionais. Por outro lado, a religião não era um motivo militar, ou seja, nenhum rei assírio partia para a guerra porque um certo território prestava culto a outras divindades que não as divindades mesopotâmias⁵⁷. Em contrapartida, autores como Spieckerman⁵⁸ defendem que a Assíria impunha o culto único e exclusivo de todas as suas províncias e estados vassallos ao panteão assírio, proibindo o culto dos deuses locais⁵⁹.

É importante ter presente esta distinção quando realizarmos a análise às fontes para compreendermos a posição do império assírio nesta questão. Embora seja a partir do reinado de Tiglath-Pileser III que tenhamos os melhores exemplos de como este rei e os reis do período sargónida lidaram com as divindades estrangeiras, e

⁵⁴ J. McKay, 1973.

⁵⁵ M. Cogan, *SBLMS* 19 (1974):22-41.

⁵⁶ S. Parpola e K. Watanabe, 1988.

⁵⁷ Esta ideia pode parecer um pouco contraditória com aquela que vimos anteriormente onde o rei assírio deveria alargar a esfera de Aššur ao máximo de povos. O que pretendemos afirmar é que nas fontes assírias não temos em nenhum caso uma campanha militar que seja iniciada porque, por exemplo, na região da Síria o deus El era considerado um dos deuses mais importantes do panteão, mais importante que o deus Aššur.

⁵⁸ H. Spieckermann, 1982.

⁵⁹ O único testemunho que podemos utilizar para provar esta visão de Spieckermann chega-nos dos anais de Salmanasar III: "I took my gods into his palaces and celebrated in his palaces" (RIMA 3:22). Apesar de não concordarmos com a posição tomada por Spieckermann, esta é a única passagem onde parece existir a possibilidade de que o rei assírio impôs o culto dos deuses assírios a um território conquistado, neste caso as cidades junto ao rio Balihk, no entanto, é um tópico altamente discutível.

especialmente com os deuses babilónios, podemos já apresentar algumas importantes características da política que a Assíria adoptava no que toca à matéria religiosa. De acordo com Cogan, duas dessas importantes características são 1) as vitórias assírias eram resultado não só do apoio e vontade dos deuses assírios mas também do apoio dos deuses dos territórios conquistados que não estando satisfeitos com o seu culto abandonaram os seus seguidores e 2) quando as imagens dessas divindades estrangeiras eram levadas de volta para as cidades assírias deviam ser tratadas com respeito, como se fossem hóspedes na casa assíria, sendo depois devolvidas caso o estado em causa assumisse a subjugação assíria.

Embora nos reinados anteriores já haja relatos de como os deuses locais eram levados para a Assíria “e oferecidos como presentes a Aššur”⁶⁰, esta prática parece ser mais frequente a partir do reinado de Šamši-Adad V, onde a proporção de “raptos” de deuses é maior face à quantidade de inscrições disponíveis. Das seis campanhas militares documentadas que temos deste rei, quatro delas acabam com a tomada dos deuses locais⁶¹. Por outro lado, das trinta e quatro campanhas documentadas de Salmanasar III também são quatro o número de vezes que o rei leva os deuses locais de volta para a Assíria⁶².

Através das fontes deste período inicial, não sabemos o que acontecia aos deuses quando chegavam à Assíria e essa falta de informação é o que leva a que haja pontos de vista contraditórios entre os autores acima referidos⁶³. De um modo geral, não parece existir por parte dos assírios qualquer crueldade direccionada para com esses deuses, embora haja casos onde as imagens dos deuses são destruídas. No reinado de Salmanasar III temos inclusive um exemplo onde este rei presta homenagem a deus estrangeiro, o deus amorita Amurru⁶⁴.

⁶⁰ RIMA 2:134.

⁶¹ RIMA 3: 184, 190 e 191.

⁶² RIMA 2:29, 40 e 118.

⁶³ Spieckermann defende que a falta de informação das fontes deve-se ao facto que o processo de substituir os deuses locais pelos deuses assírios era tão comum que não havia necessidade de estar referido nas inscrições. Esta mesma falta de informação é vista por Cogan como o exacto oposto, ou seja, significa que o rei assírio não impunha aos povos conquistados o culto aos deuses assírios, se tal acontecesse seria evidente a descrição da construção de locais de culto por todos os locais por onde o exército assírio passasse. Seria de esperar também que encontrássemos relatos dessa imposição noutras fontes, o que tal não acontece.

⁶⁴ RIMA 3:155.

Concluindo, a relação do rei assírio com os deuses estrangeiros parece evoluir ao longo do período inicial neo-assírio. Não podemos determinar, com toda a certeza, que alguns deuses eram mais importantes que outros pois temos casos onde os reis prestam culto a mais do que um deus estrangeiro. O deus Marduk (e o culto prestado na Babilónia) é, sem dúvida, mencionado mais vezes que os restantes⁶⁵, no entanto, na sua maioria deve-se ao facto de o rei assírio ter mais campanhas militares na Babilónia do que noutras regiões. Esta relação com os deuses também parece variar de rei para rei. Salmanasar III é aquele que dá uma importância maior aos locais de culto da Babilónia. No entanto, nos anais do seu filho, por exemplo, embora haja uma referência ao deus Marduk aquando de uma campanha militar na Babilónia, não há qualquer referência a uma viagem às cidades da Babilónia ou Borsipa para prestação de culto⁶⁶.

Desta forma, de modo a não generalizarmos incorrectamente o relacionamento da Assíria com os deuses estrangeiros, iremos apenas chegar a conclusões nas segunda e terceira partes deste trabalho, onde uma maior abundância das fontes permitirá determinar se a Assíria mantinha alguma relação especial com um determinado número de deuses.

4.2 O tratado de paz entre Šamši-Adad V e Marduk-zakīr-šumi I

A Babilónia não conseguiu aproveitar a frágil situação interna da Assíria para se tornar a potência dominante da região. Apesar disto, para a nossa análise do relacionamento entre a Assíria e a Babilónia, este período dá-nos a oportunidade de estudar essa relação do ponto de vista babilónio. Até agora, só nos foi possível realizar uma análise do ponto de vista assírio, no entanto, no reinado de Šamši-Adad V temos

⁶⁵ Consultar Anexo B.

⁶⁶ Esta situação é a mais comum durante este período inicial neo-assírio. Durante os reinados de Aššur-dan II, Adad-nirari II e Tukulti-Ninurta II não temos qualquer referência ao lado religioso da relação entre a Assíria e a Babilónia, apenas algumas referências ao deus Marduk. No reinado de Aššurnasirpal II, o lado religioso é ainda menos evidente. Embora, como vimos, o rei tenha optado por não punir militarmente a Babilónia quando esta participou numa rebelião, não existe qualquer outra referência à Babilónia. Por outro lado, o deus Marduk é apenas mencionado duas vezes em todas as inscrições deste rei (RIMA 2:238 e RIMA 2:263).

disponível um tratado de paz entre este e o rei Marduk-zakīr-šumi I onde a Babilónia é, claramente, a parte que sai mais privilegiada deste acordo.

Como vimos anteriormente, Salmanasar III foi chamado em auxílio do rei da Babilónia para controlar a rebelião que tinha sido iniciada por Marduk-bēl-usāte. Dadas estas circunstâncias, o rei Assírio teve uma total abertura das fronteiras da Babilónia, podendo deslocar-se livremente por esta região enquanto perseguia o rei rebelde e o rei assírio aproveitou a situação para manter o seu exército na Babilónia:

*After the great gods had looked joyfully upon Salmanasar, strong king, king of Assyria, directed (towards him) their faces, accepted his offerings and ..., (and) received his prayers: I moved out of Babylon (and) went down to Chaldea.*⁶⁷

Com os deuses da Babilónia a apoiá-lo, Salmanasar III decidiu partir para Sul onde se encontravam algumas tribos semi-nómadas que, constantemente, entravam em guerra com o exército babilónio. Salmanasar III saiu vitorioso de todos os seus confrontos, levando mesmo a que estes povos se submetessem a ele e pagassem o tributo devido, apoiado sempre pelo “esplendor de Marduk”.

Esta situação terá humilhado Marduk-zakīr-šumi I que teve oportunidade de se “vingar” aquando a morte de Salmanasar III e a disputa de poder entre os seus dois filhos Šamši-Adad V, o rei legítimo, e Aššur-danin-apli, o irmão rebelde. Vimos que Šamši-Adad V teve de pedir ajuda ao rei da Babilónia para controlar esta rebelião e, para tal, foi assinado um acordo de paz entre ambos. Este tratado chega-nos de uma fonte babilónia pelo que temos de analisá-lo, tendo em conta, tal como fazemos com as fontes assírias, que nela pode estar embutida uma mensagem propagandística e de exaltação dos feitos do rei da Babilónia⁶⁸.

⁶⁷ RMA 3:31.

⁶⁸ O facto de que este tratado não estar disponível em nenhuma fonte assíria pode significar que estamos perante um relato verdadeiro dos acontecimentos. Uma vez que o rei assírio não é a figura principal deste acordo e a Assíria é claramente prejudicada por ele, Šamši-Adad V terá feito os possíveis para apagar este acontecimento dos registos que ficariam do seu reinado.

Grande parte do texto que sobreviveu é dedicado aos deuses babilónios que são testemunhas do acordo entre ambos e que irão ser os castigadores caso algum dos reis viole este tratado⁶⁹. É relevante notarmos que enquanto as fontes assírias evocam regularmente os deuses babilónios, o contrário não se verifica, ou seja, os deuses assírios parecem não ter qualquer relevância na religião babilónia. Além do aspecto religioso, outro facto igualmente importante que podemos retirar deste tratado é que o título de rei é apenas dado a Marduk-zakīr-šumi I, enquanto Šamši-Adad V é apenas mencionado pelo nome. O modo como Šamši-Adad V é tratado pelo rei babilónio é particularmente humilhante, especialmente se recordarmos como Salmanasar III retratou este mesmo rei aquando do pedido de ajuda deste último. Claramente, Marduk-zakīr-šumi I não pretende retratar neste acordo uma igualdade de estatutos entre ele próprio e o rei assírio. Este caso é um bom exemplo para ver que o relacionamento especial sentido pela Assíria face à Babilónia não era recíproco. Não temos disponíveis nas fontes babilónias quaisquer indícios que demonstrem algum género de distinção no que toca à Assíria (fora do contexto militar), como acontece quando as fontes assírias retratam a Babilónia. Esta humilhação levou a que, mais tarde, depois da morte de Marduk-zakīr-šumi I, Šamši-Adad V lançasse pelo menos três campanhas militares contra a Babilónia⁷⁰ e o seu rei Marduk-balassu-iqbi. As fontes assírias relatam-nos que embora o Elam e as tribos da Caldeia tenham vindo em auxílio da Babilónia⁷¹, o rei assírio teve uma vitória esmagadora em todas as suas campanhas. Esta terá sido também a linha de acção tomada pelo sucessor de Šamši-Adad V, Adad-Nirari III. De acordo com os anais, “todos os reis da Caldeia” se tornaram vassalos do rei assírio, que também terá prestado culto aos deuses nas cidades da Babilónia, Borsipa e Cutah⁷².

⁶⁹ SAA 2 001.

⁷⁰ RIMA 3:187, 190 e 191.

⁷¹ RIMA 3:188.

⁷² RIMA 3:213.

CAPÍTULO II - A imposição assíria na Babilónia: o controlo militar e político dos reis assírios

1. A consolidação do império: Tiglath-Pileser III e Salmanasar V (745-722 a.C.)

Situada na fronteira meridional da Assíria, toda a região da Babilónia era, naturalmente, um espaço com um elevado interesse estratégico para a Assíria. Sem uma fronteira natural entre os dois territórios, os reis assírios tinham de saber gerir este território entre o valor civilizacional, cultural e religioso que ele tinha para a Assíria e a constante ameaça que uma potência independente poderia ter, estando tão próxima do território assírio. Desta forma, antes de procedermos à análise de como se destacavam todos os assuntos relacionados com a Babilónia no mundo assírio, é fundamental perceber que essa importância também era derivada do próprio governo do império assírio.

Os reis assírios tinham consciência que a Assíria apenas poderia prosperar caso o seu relacionamento com a Babilónia se mantivesse estável. Embora desde o reinado de Aššur-dan II tenhamos evidências de um relacionamento cada vez mais próximo, parece ser Tiglath-Pileser III (745-727 a.C.) quem leva essa relação para um outro nível. Durante o intervalo de cerca de 40 anos entre os reinados de Adad-nirari III e Tiglath-Pileser III, o declínio assírio permitiu que a Babilónia se libertasse da influência do seu vizinho durante o período inicial neo-assírio (que referimos anteriormente) e recuperasse da anarquia instalada por Šamši-Adad V. Quando Tiglath-Pileser III ascende ao trono, rapidamente entende que a Assíria precisa de estabelecer alguma autoridade sobre o seu vizinho para recuperar o estatuto de potência dominante.

Tiglath-Pileser III terá compreendido que se queria controlar a Babilónia teria também de controlar as tribos nómadas com maior influência, nomeadamente os caldeus, que eram quem detinha mais recursos militares e económicos para fazer frente aos interesses assírios. O rei babilónio Nabonassar, ou Nabû-našir, (747-734 a.C.) teve muitas dificuldades em governar as tribos nómadas. Tanto caldeus como arameus foram responsáveis por várias revoltas na região da Babilónia, o que culminou

com intervenção militar de Tiglath-Pileser III. O rei assírio foi em auxílio do rei da Babilónia logo no ano de ascensão do seu reinado, em 745⁷³, acabando por controlar as revoltas. Nabû-naşir permanece como rei da Babilónia pelo que esta intervenção assíria não foi tanto uma tentativa de controlo da Babilónia mas sim um auxílio ao seu rei. A situação manteve-se estável até 732 quando, ao fim de 2 anos no trono, o filho de Nabû-naşir é deposto por Nabu-şuma-ukin II, um governador do próprio rei. Este reinado foi de pouca duração pois ao fim de um mês, e com o rei assírio ocupado em conquistar Damasco, Nabû-mukin-zeri, um caldeu oriundo da tribo Bit-Amukāni, apodera-se do trono⁷⁴.

De acordo com Mikko Luukko, esta revolta pode ser dividida em quatro fases distintas sendo que a primeira começa muitos anos antes, em 745, ano de ascensão de Tiglath-Pileser⁷⁵. Durante mais de 10 anos, o rei assírio ocupou um lugar de espectador, e não interferiu na política regional da Babilónia à excepção de, como vimos, quando ajudou Nabû-naşir a manter o trono. Estes anos em que o exército assírio esteve ocupado noutras regiões não impediram, no entanto, que o rei assírio não estivesse informado do que se passava na Babilónia. Tendo em conta cartas escritas entre 731 e 729, Tiglath-Pileser parece ter aproveitado os anos em que Nabû-naşir esteve no poder para criar alianças com vários grupos tribais, nomeadamente caldeus e arameus. A primeira evidência que temos do início da revolta de Mukin-zeri chega-nos da carta ND 2674 onde o autor desconhecido relata que Nabû-naşir escreveu a Tiglath-Pileser alertando que Mukin-zeri teria partido de Borsipa para a Babilónia impedindo que os habitantes desta cidade saíssem dela e que cultivassem os campos agrícolas. Será pouco depois dos acontecimentos desta carta que começa a segunda fase da revolta de Mukin-zeri quando o exército assírio inicia uma ofensiva militar na região, por um lado junto à fronteira do Elam para cortar qualquer tentativa de aliança entre ambos⁷⁶ e, por outro lado, na frente oposta, contra várias tribos

⁷³ ABC 1 i.3.

⁷⁴ ABC 1 i.18.

⁷⁵ SAA 19:XXIX.

⁷⁶ Através da carta ND 2761, enviada por Aššur-şallimanni a Tiglath-Pileser, ficamos a saber que o rei do Elam já “atravessou o rio”, entrando em território assírio. A ND 2360 complementa a informação anterior com o relato que o exército elamita está a auxiliar os rebeldes.

caldeias e arameias⁷⁷. O líder caldeu acabaria por fugir da Babilónia⁷⁸, refugiando-se na principal cidade da sua tribo, Sapia⁷⁹, sendo estes acontecimentos em 730 a terceira fase de Lukko. Por fim, a última fase, em 729, e depois de um ataque a Sapia que provocou a morte de Mukin-zeri, Tiglath-Pileser acabaria por controlar a situação, dando início a um novo capítulo das relações entre a Assíria e a Babilónia, quando ele próprio se proclama rei de toda a Babilónia⁸⁰.

2. Sargão II e a revolta de Merodach-Baladan II (721-703 a.C.)

Como referido anteriormente, a partir do reinado de Tiglath-Pileser III, os reis assírios adoptaram diferentes estratégias para governar a Babilónia. Este rei e seu filho, Salmanasar V (726-722 a.C.), optaram por uma monarquia unida, ou seja, tornam-se reis da Assíria e da Babilónia (ou mais concretamente da Suméria e de Acade, como é referido nas fontes), sendo mesmo reconhecidos pelos babilónios como seus reis⁸¹. Quando Sargão II chega ao poder, em 721, uma nova revolta assola a Babilónia. Marduk-apal-iddina II, mais conhecido por Merodach-Baladan II⁸², um caldeu da tribo Bit-Yakin, consegue um feito raro na história da Babilónia ao unir o apoio da maioria da população da região⁸³, tanto a mais tradicional dos principais

⁷⁷ ARAB I:285. Para além dos registos assírios, sabemos também, através da carta ND 2603, que a revolta de Mukin-zeri está a causar alguns problemas junto das tribos caldeias e dos seus líderes devido à ameaça dos rebeldes.

⁷⁸ O isolamento forçado por Tiglath-Pileser levou a que Mukin-zeri não tivesse outra alternativa do que fugir. Mais tarde, de acordo com a carta 2717, numa tentativa de recuperar algum poder, Mukin-zeri lança um ataque militar a Dilbat, no entanto, poucos são os babilónios que o apoiam nesta investida. Por outro lado, de acordo com a ND 2700, um enviado de Mukin-zeri foi encontrado pelo exército assírio (mas não chegou a ser capturado) na zona do médio Eufrates. Possivelmente, este homem (natural de Hidanu) foi enviado para tentar forjar alianças na região contra a Assíria.

⁷⁹ Tendo em conta a localização da tribo Bit-Amukāni, esta cidade deveria situar-se entre Uruk e Nippur.

⁸⁰ ABC 1 i.23. Assim, podemos estabelecer uma correlação entre este novo capítulo de relações entre a Assíria e a Babilónia e o período áureo do império neo-assírio.

⁸¹ ABC 1 i.28.

⁸² Durante o reinado de Tiglath-Pileser III, Merodach-Baladan já era uma personagem importante na política do sul da Mesopotâmia. No entanto, nesta altura, o rei caldeu era submisso ao rei assírio como podemos atestar pela carta ND 2389. Um estudo completo sobre Merodach-Baladan pode ser encontrado em J. A. Brinkam, "Merodach Baladan II", em R. D. Biggs e J. A. Brinkman (eds.), "Studies Presented to A. Leo Oppenheim". Chicago: The University of Chicago Press, 1964:6-53.

⁸³ A Babilónia era uma região com uma população bastante heterogénea. Paralelamente à sua componente mais tradicional, descendentes das civilizações da Suméria e de Acade, a Babilónia era também território de vários grupos tribais, nomeadamente os caldeus e arameus. Com grandes diferenças culturais, os povos que constituíam toda a região da Babilónia nunca encontraram um líder capaz de os unir e essa desunião era muitas vezes a razão da instabilidade sentida em toda a região.

centros culturais⁸⁴ como os grupos tribais⁸⁵. Esta união em torno de um só líder foi dramática para a Assíria. Sargão não foi capaz de derrotar Merodach-Baladan que, com o apoio do reino do Elam⁸⁶, conseguiu resistir a todos os ataques assírios⁸⁷, tornando-se rei da Babilónia entre 721 e 710⁸⁸.

Desta forma, Sargão ter-se-á visto com um grande problema em mãos e a consciência de que a situação era realmente problemática levou-o a tentar remediar esta derrota, escondendo-a. Nos anais assírios, o primeiro encontro de Sargão com

Com mais de cem grupos tribais a viver em toda a região da Babilónia, as tribos caldeias foram as principais responsáveis pelas constantes investidas militares assírias na Babilónia, especialmente nos séculos VIII e VII. Apesar das tentativas assírias, estas tribos conseguiram, em determinada altura, colocar no trono da Babilónia um rei, o que demonstra que as medidas usadas pelos vários reis assírios podiam ter sucesso no momento mas mostravam-se ineficientes a longo prazo.

⁸⁴ Quando o império assírio se tornou a potência dominante em toda a Mesopotâmia, os diferentes povos que a compunham já tinham vivido muitos séculos juntos, tornando-se quase impossível fazer uma distinção entre eles. Apesar de ser muito difícil essa distinção, este grupo de pessoas era claramente distinto de outros que compunham os povos da Babilónia. Por serem descendentes dos fundadores dos grandes centros culturais e religiosos da região da Babilónia eram tratados de um modo diferentes dos grupos tribais que coexistiam na região.

⁸⁵ Os dois principais grupos tribais que constituíam a população da Mesopotâmia eram os arameus e os caldeus. De origem semita, o primeiro grupo instalou-se no Sul da Mesopotâmia por volta do século XI, concentrando-se na área em redor de Nippur e em ambas as margens do rio Tigre, entre a Babilónia e o Elam. Várias tribos compunham este grupo, no entanto, as tribos Gambulu e Puqūdu são aquelas que mais vezes aparecem nos anais assírios. Sabemos que os arameus, ao contrário dos caldeus, embora tenham convivido muitos séculos com os babilónios, nunca adoptaram o seu estilo de vida. Esta pode ser uma razão pela qual as fontes assírias retratam este povo de uma forma hostil e bárbara. A língua aramaica é, sem dúvida, o seu maior legado para a Mesopotâmia sendo, muito provavelmente, a língua falada no dia-a-dia. Quanto ao segundo grupo, e tal como os arameus, os caldeus eram um grupo tribal de origem semita que chegou à Babilónia alguns séculos mais tarde. As cinco tribos mais conhecidas – Bit-Amukāni, Bit-Dakkūri, Bit-Yakin, Bit-Ša'alli e Bit-Šilani – estavam localizadas no Sul da Mesopotâmia, ao longo do Eufrates e em redor de cidades como Borsipa, Uruk, Ur e a própria cidade da Babilónia. Para além da proximidade com os ancestrais centros religiosos e culturais da Babilónia, a localização destes grupos tribais caldeus (nomeadamente os três primeiros) nessa região levantava outro problema para a Assíria. Na prática, esta localização permitia-lhes o controlo do rio Eufrates, pelo que acabariam por controlar também as rotas comerciais que atravessavam essa região e que eram as mesmas que ligavam o Golfo Pérsico ao Mar Mediterrâneo. Desta forma, a existência de grupos tribais que tinham poder suficiente para regular o comércio internacional era um obstáculo à construção de uma potência hegemónica como a Assíria, razão pela qual os caldeus foram sempre uma preocupação dos monarcas assírios. Apesar disto, mesmo fazendo parte do mesmo grupo tribal, as diferentes tribos não parecem ter uma relação próxima entre elas. Ao contrário dos arameus, a proximidade vivida com os babilónios levou a que muitos se tenham, como diz Brinkman, “babilonizado”: utilizavam nomes de origem babilónia e mudaram-se para as grandes cidades babilónias onde criavam gado.

⁸⁶ J.A. Brinkman, 1984:48.

⁸⁷ O primeiro confronto entre a Assíria e a Babilónia (na figura de Merodach-Baladan) deu-se um ano depois da ascensão de Sargão em 720. Em Der, região situada a este do rio Tigre junto à fronteira entre a Assíria e o Elam (e principal via de passagem entre ambos) e local que tradicionalmente pertencia à Babilónia mas que mais tarde é anexado pela Assíria, a coligação babilónia-elamita lança um raide militar sobre a guarnição assíria. Devido a um atraso do exército de Merodach-Baladan (ABC 1 37), o rei elamita Īumban-nikaš I agiu por conta própria e embora não tenha conseguido conquistar a cidade de Der conseguiu conquistar vários dos territórios a sul desta, infligindo uma pesada derrota a Sargão (ABC 1 33-35).

⁸⁸ ABC 1 i.32.

Merodach-Baladan está pobremente descrito mas deixa entender que Sargão saiu vitorioso deste encontro. No entanto, de acordo com as fontes babilónicas e elamitas, o rei assírio foi derrotado, razão pela qual também Merodach-Baladan se mantém no trono da Babilónia até 710.

Ao fim de 11 anos ausente em campanhas militares onde consolidou um grande império, Sargão acabaria por regressar à Babilónia. É curioso que não exista qualquer tipo de registo dos acontecimentos que ocorreram na Babilónia durante o reinado de Merodach-Baladan. Seria de esperar que Sargão quisesse estar ao corrente de todas as actividades do rei caldeu, no entanto, todas as cartas deste reinado relacionadas com a Babilónia – embora seja difícil proceder a uma datação rigorosa – parecem ter sido escritas a partir de 710. Apesar desta aparente falta de interesse por parte de Sargão, quando a altura certa chegou, o monarca parece saber exactamente a melhor maneira de derrotar o seu principal inimigo. O rei assírio sabia que para derrotar a coligação elamita-babilónia teria de criar uma barreira entre as duas regiões, uma espécie de zona tampão tal como fez Tiglath-Pileser aquando da revolta de Mukin-zeri. Desta maneira, Sargão enviou o núcleo forte do seu exército para a fronteira Este da Babilónia de modo a que esta não tivesse acesso ao reino vizinho⁸⁹. O rei assírio deverá ter-se estabelecido na cidade de Kish⁹⁰, onde durante os anos 710 e 709 comandou o seu exército por várias zonas da Babilónia.

Não podemos deixar de referir a rapidez de todo este processo. Merodach-Baladan foi rei da Babilónia durante 12 anos, no entanto, em menos de 1 perdeu qualquer aliança que tinha mantido tanto com o Elam⁹¹ como com outros grupos tribais. A campanha militar de 710 para além de eliminar o contacto entre a Babilónia

⁸⁹ No artigo “Elamite Military Aid to Merodach-Baladan”, *JNES* 24/III (1965): 161-166, Brinkman defende que não são totalmente claras as razões que levaram o rei do Elam, Umbanigaš, a criar esta aliança com Merodach-Baladan uma vez que o Elam e a Assíria mantinham uma relação pacífica desde o reinado de Šamši-Adad V (823-811). Brinkman continua defendendo a ideia de que a principal razão para que o Elam ajudasse Merodach-Baladan era de carácter financeiro. Os subornos oferecidos em várias ocasiões pelo rei caldeu parecem ter comprado a ajuda de Umbanigaš e do seu herdeiro Šutruk-Nahhunte (717-699).

⁹⁰ De acordo com a ABL 0313, Šarru-emuranni (epónimo do ano 712, governador de Zamua) envia uma carta a Sargão onde refere a cidade de Kish e o palácio do rei. Esta carta tem por objectivo avisar Sargão que a Babilónia e Borsipa estão em mãos assírias pelo que podemos entender que este palácio de Kish terá sido construído logo no início das campanhas militares de 710.

⁹¹ De acordo com os anais de Sargão, Merodach-Baladan terá mesmo subornado o rei elamita com a sua “parafernália real”, no entanto, o rei embora tenha aceitado o suborno não prestou qualquer auxílio ao rei caldeu quando este necessitou.

e o Elam também arrasou as tribos arameias que viviam na região. Por outro lado, um batalhão assírio também conquistou a cidade de Dur-Ladinni situada a sul da cidade da Babilónia⁹², deixando os assírios com uma boa posição estratégica. Deste período inicial temos apenas uma resposta militar dada por Merodach-Baladan que preocupou os assírios⁹³. Apesar de não podermos confiar nas inscrições assírias para reproduzir o que aconteceu durante esta campanha de Merodach-Baladan, temos quatro cartas que nos ajudam a reconstituir os passos do rei caldeu. Sabemos pela ABL 1024⁹⁴ que o objectivo era atacar Dur-Šarrukku⁹⁵ uma vez que a cidade não teria fornecimento de água, sendo que um ataque rápido poderia eliminar este forte assírio. De acordo com a ABL 1071, o governador Il-yada⁹⁶ confirma que Merodach-Baladan partiu de Cutha e, segundo informações dadas por um oficial assírio na ABL 0830, o rei caldeu cruzou sozinho o rio em Bab-bitqui e os seus aliados, as tribos de Itu’u, Rubu’u e Lita’u, cruzaram o rio antes dele, numa cidade chamada Apallâ. Assim, sabemos que a estratégia de Merodach-Baladan era atacar o forte assírio com duas frentes. Sargão terá acompanhado de perto estes movimentos de Merodach-Baladan pois alertou Il-yada’ para se manter atento durante um período de 2 meses. Na ABL 0503+, Il-yada’ responde ao rei que as tropas estão a postos, no entanto, o governador assírio termina a carta relatando ao rei que Merodach-Baladan não terá chegado a representar uma verdadeira ameaça para Dur-Šarrukku⁹⁷.

⁹² ARAB II:17.

⁹³ Existe um episódio que por carecer de fontes não podemos introduzi-lo aqui como uma verdadeira campanha militar levada a cabo por Merodach-Baladan mas que deve ser referido. Em duas cartas (ABL 0906 e 1112) os sheiks de Tubuliaš (região situada entre a Babilónia e o Elam) escrevem aos magnatas de Sargão que o exército assírio deve deslocar-se rapidamente para a região pois as pessoas estão a começar a revoltar-se. Uma das cartas fala ainda de uma pessoa que chegará a 5 de Sivan e que o rei os poderá perder, ou seja, ao território em questão. Não sabemos quem é este “ele” que a ABL 1112 fala, no entanto, se envolve uma conquista militar, o mais provável é tratar-se de Merodach-Baladan. O facto de os registos assírios não falarem desta situação e sabermos que Merodach-Baladan não encontrou apoios no Elam leva-nos a concluir que acabou por não existir um ataque concreto a Tubuliaš.

⁹⁴ Esta carta, embora não haja certezas sobre quem a escreveu, deverá ter sido enviada por Il-yada’, governador de Der e, mais tarde, possivelmente de Dur-Šarrukku. O governador assírio relata a Sargão que uma terceira pessoa terá presenciado conversações entre Marduk-šarrani (um possível governador assírio que desertou) e Merodach-Baladan, tendo o primeiro aconselhado ao segundo o ataque a Dur-Šarrukku.

⁹⁵ Província localizada no Norte da Babilónia.

⁹⁶ Um estudo mais completo sobre Il’yada e o seu papel como governador de Sargão pode ser encontrado em J. N. Postgate e R. A. Mattila, “Il-yada’ and Sargon’s Southeast Frontier” em G. Frame, *From the Upper Sea to the Lower Sea. Studies on the History of Assyria and Babylonia in honour of A. K. Grayson*. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 2004:235-254.

⁹⁷ O facto de por esta altura “haver muita água no rio Diyala” abastecendo Dur-Šarrukku de toda a água necessária parece ter deitado por terra a estratégia de Merodach-Baladan.

Sem aliados⁹⁸, e com Sargão a aproximar-se cada vez mais, Merodach-Baladan teve de fugir da Babilónia⁹⁹ e preparar-se para defender a sua terra, Bit-Yakin¹⁰⁰. No 13º ano do reinado de Sargão, o rei assírio inicia o último ataque para derrotar Merodach-Baladan de vez. O exército assírio inicia o cerco ao forte de Merodach-Baladan em Dur-Yakin que não seria totalmente destruído até 707¹⁰¹. As inscrições reais de Sargão não são claras quanto ao destino do Merodach-Baladan, no entanto terá sido uma de duas hipóteses: ou terá fugido durante o cerco assírio ou terá entregado a cidade em troca de uma passagem segura para o Elam¹⁰². De qualquer das formas, Merodach-Baladan iria desaparecer do panorama babilónio e assírio até 703¹⁰³.

Sargão não precisou de esperar até ao fim desta campanha militar para se tornar rei da Babilónia. No Festival de Ano Novo de 709 (e depois de um convite feito por personalidades babilónias que analisaremos mais à frente), Sargão seguiu o exemplo dos seus antecessores e proclamou-se rei de toda a região da Suméria e de Acade ao “tomar a mão de Bel”.

3. Senaquerib e um problema chamado Babilónia (704-690 a.C.)

O reinado de Senaquerib é lembrado, especialmente, pelo distanciamento em relação à Babilónia. Embora não se tenha poupado a esforços para manter a Babilónia

⁹⁸ De acordo com várias cartas, muitas foram as cidades e grupos tribais que começaram a mudar de lado. Entre vários exemplos temos a ABL 0504 escrita por Il-yada' que informa Sargão que os anciões de Sippar convidaram o rei assírio a entrar na cidade. Outro exemplo é a K 22065 onde Aššur-bel-taqin (que viria a ser prefeito da Babilónia) relata ao rei que “Bit-Dakkūri está bem” ainda quando Merodach-Baladan estava a presente na Babilónia. Um último exemplo que podemos apresentar, e talvez aquele que demonstra melhor a rapidez com que a monarquia de Merodach-Baladan se estava a desmoronar, é a carta CT 53 068 (K 05578+) onde Il-yada' relata que enviou ao rei Bel-udu'a, um mensageiro do prelado Eṭiru, responsável pela administração do templo de Esagila. Esta carta mostra como mesmo com Merodach-Baladan ainda a viver na Babilónia já deveriam existir algumas elites que preferiam o governo de Sargão.

⁹⁹ De acordo com a ABL 0833, Merodach-Baladan terá saído da Babilónia no “11º dia de Marchesvan”, ou seja, no oitavo mês do calendário assírio (entre Outubro e Novembro).

¹⁰⁰ A ABL 0887 será a última carta que relata o paradeiro de Merodach-Baladan antes do certo à sua cidade.

¹⁰¹ De acordo com a lista de epónimos, neste ano “o chefe vizir e os nobres, o saque de Dur-Yakin foi levado, Dur-Yakin destruído”.

¹⁰² ABC 1 ii.3

¹⁰³ De acordo com Van de Spek, o rei caldeu não iria regressar à sua tribo como líder, sendo substituído logo depois da submissão a Sargão (R. J. Van de Spek, *JEOL* 25 (1978):56-66).

sob controlo assírio, Senaquerib não quis manter o mesmo relacionamento que os seus precedentes tiveram com os principais centros urbanos e culturais dessa região. O seu pai, Sargão, morreu durante uma batalha fora do território assírio, impossibilitando a realização das cerimónias necessárias aquando da morte de um rei. Este “castigo divino” sofrido por Sargão levou a que seu filho se tenha distanciado de todas as suas acções, incluindo a relação que tinha com a Babilónia.

Os problemas começaram logo em 703 quando um oficial liderou uma revolta proclamando-se Marduk-zakir-šumi II, rei da Babilónia. Este reinado durou apenas um mês, tempo suficiente para Merodach-Baladan reunir o apoio de babilónios, caldeus, arameus, elamitas e mesmo algumas tribos árabes. Senaquerib não permitiu que o rei caldeu alcançasse o sucesso que teve durante o reinado de Sargão e ao fim de 9 meses Merodach-Baladan teve de abandonar a cidade da Babilónia e refugiar-se nas regiões pantanosas do sul da Babilónia¹⁰⁴. Sem conseguir capturar Merodach-Baladan, o rei assírio voltou a sua atenção para os vários grupos tribais da região e várias rebeldes que habitavam nas grandes cidades como Uruk, Nippur, Kish e Sippar¹⁰⁵. Senaquerib acabaria por regressar à Babilónia onde saqueou o palácio do rei caldeu e capturou a sua mulher, mas sem qualquer outra consequência para a cidade.

Não querendo assumir ele próprio o trono da Babilónia, Senaquerib nomeia, em 702, Bel-ibni como rei de toda a região. Este, apesar de ser de origem babilónia, cresceu e foi educado na corte assíria¹⁰⁶. Pretendia-se que os habitantes da Babilónia não fossem tão propensos a revoltas com um habitante local a governá-los mas que, ao mesmo tempo, esse fosse fiel à Assíria. Esta solução acabou por não vingar¹⁰⁷, uma vez que ao fim de 2 anos Senaquerib tem de regressar à Babilónia para novamente

¹⁰⁴ Quando Senaquerib parte de Aššur para defrontar o rei caldeu, envia à sua frente um batalhão assírio para Kish enquanto ele e o núcleo forte do exército iriam para Cutha defrontar os exércitos aliados. Merodach-Baladan acabaria por ir defrontar o batalhão assírio em Kish levando a que Senaquerib rapidamente abandonasse Cutha e seguisse para Kish. Merodach-Baladan acabaria por fugir mesmo antes do rei assírio chegar.

¹⁰⁵ CAH III.2:106.

¹⁰⁶ J. A. Brinkman, *JCS* 25/II (1973):91.

¹⁰⁷ Não se sabe ao certo o que aconteceu a Bel-ibni, no entanto, a ABL 0793 escrita por este a Senaquerib revela alguns dos problemas. Aparentemente Bel-ibni terá falhado uma audiência real por medo de represálias devido a alguns relatos (de “homens que vieram do Elam”) que pretendiam denegrir a sua imagem. Este acabaria por se arrepender dessa atitude tentando persuadir o rei a que este o recebesse numa outra audiência. Esta mesma carta é enviada também ao Chefe Eunuco (ABL 0283) e a um oficial assírio (CT 54 175+ (K 15305+)), no entanto, não parece ter sido suficiente para alterar o destino de Bel-ibni.

expulsar Merodach-Baladan¹⁰⁸ do trono, que entretanto voltara a fugir. De seguida, o exército assírio partiu para o sul, rumo aos territórios controlados pela tribo Bit-Yakin e o seu novo líder Mušešib-Marduk¹⁰⁹. Este foi derrotado pelo exército assírio mas conseguiu fugir e Merodach-Baladan abandonou por completo os seus aliados e através do Golfo Pérsico chegou até ao Elam onde acabaria por morrer.

Depois da tentativa falhada de governação de Bel-ibni, Senaquerib decidiu colocar no trono da Babilónia o seu próprio filho, e herdeiro¹¹⁰, Aššur-nādin-šumi¹¹¹. Entre 699 e 694 a.C. o príncipe assírio manteve a região sob controlo e embora os registos não sejam abundantes, o modo como Aššur-nādin-šumi governou parece ter sido uma das melhores administrações durante o período neo-assírio. Apesar do controlo assírio, Senaquerib resolveu retomar a expedição militar contra os exilados da tribo Bit-Yakin (e os seus aliados elamitas¹¹²) que tinha iniciado com a expulsão de Merodach-Baladan¹¹³. O exército assírio chegou até à fronteira com o Elam onde terá defrontado e derrotado tanto elamitas como caldeus, no entanto, esta acção teve graves consequências para Senaquerib. A retaliação elamita não se fez tardar e um rápido ataque a Sippar acabou com a tomada da cidade e com a ajuda de alguns babilónios a captura de Aššur-nādin-šumi¹¹⁴. Nergal-ušešib, membro de uma importante família babilónia¹¹⁵, subiu ao trono e embora o exército assírio tenha retaliado as investidas do Elam, Senaquerib não foi capaz de recuperar o controlo do norte da Babilónia.

Foi preciso esperar até 693 para que um novo confronto entre assírios e babilónios destronasse Nergal-ušešib, pilhando também as cidades de Uruk e

¹⁰⁸ Existem várias cartas que relatam a presença de Merodach-Baladan na Babilónia durante estes 2 anos. Várias delas apenas referem que ele se encontra na cidade, no entanto, parece que nos últimos meses do reinado de Bel-ibni este só controlava o norte da Babilónia. Por sua vez, eram os caldeus, liderados por Merodach-Baladan, quem controlava o sul da região.

¹⁰⁹ J. A. Brinkman, 1984:60.

¹¹⁰ A falta de fontes impede-nos de discutir de um modo mais alargado quem Senaquerib elegeu como sucessor, no entanto, tudo aponta para que fosse Aššur-nādin-šumi e, só depois da sua morte, Assaradão. Para além de o nomear rei da Babilónia, Senaquerib construiu um palácio em nome do seu filho em Aššur tal como faria, anos mais tarde, com Assaradão quando o nomeou como príncipe herdeiro (B. N. Porter, 1993:15).

¹¹¹ J. A. Brinkman, *JCS* 25/II (1973):92.

¹¹² ABC 1 ii.36-39.

¹¹³ J. A. Brinkman, 1984:61.

¹¹⁴ Embora as Crónicas relatem que o príncipe assírio foi levado para o Elam (ABC 1 ii.42) sabemos que Aššur-nādin-šumi foi traído por um grupo de babilónios e capturado sendo posteriormente entregue ao Elam (S. Parpola, *Iraq* 34 (1972):22).

¹¹⁵ J. A. Brinkman, 1984:61.

Nippur¹¹⁶, seguindo depois o exército assírio para o Elam¹¹⁷ em busca de Aššur-nādin-šumi. As más condições sentidas na região com a chegada do inverno levaram a uma retirada do exército assírio e Senaquerib, embora tenha derrotado o rei babilónio, não parece ter mostrado algum interesse em recuperar o controlo dos centros urbanos do noroeste da Babilónia¹¹⁸. Mušezib-Marduk, que tinha estado este tempo exilado no Elam, não perdeu a oportunidade e proclamou-se rei¹¹⁹. Com a ajuda do Elam¹²⁰, o rei caldeu reuniu um exército composto por guerreiros de várias regiões e não demorou muito tempo até esta coligação se encontrar de novo com o exército assírio no norte da Babilónia, em Halule, provavelmente em 691. Ambas as partes declararam vitória¹²¹, no entanto, Senaquerib terá sido mesmo derrotado¹²², embora no ano seguinte o exército assírio tenha iniciado o seu cerco de 15 meses em torno da cidade da Babilónia.

3.1 A destruição da Babilónia (689-681 a.C.)

Em 689, sem hipótese de receber auxílio dos seus aliados, a Babilónia cai nas mãos de Senaquerib. Os anos de revoltas e, especialmente, o (mais provável) assassinato do príncipe herdeiro assírio foram acontecimentos que marcaram profundamente Senaquerib, pelo que quando o rei assírio se viu com o poder total de castigar os responsáveis não perdeu a oportunidade. O relato da destruição da cidade da Babilónia é bastante pormenorizado e está repleto de mortes e devastação. Senaquerib não se poupou nesse relato, chegando mesmo a afirmar que o objectivo principal era erradicar a Babilónia do mapa¹²³. Todos os responsáveis pelas constantes revoltas foram condenados à morte e o rei Mušezib-Marduk e a sua família foram levados para a assíria¹²⁴. Apesar dos relatos pormenorizados da destruição de casas,

¹¹⁶ ABC 1 ii.48-iii.3.

¹¹⁷ ABC 1 iii.9-11.

¹¹⁸ J. A. Brinkman, 1984:62.

¹¹⁹ ABC 1 iii.12.

¹²⁰ As inscrições assírias relatam que o rei do Elam, Humban-nimena, recebeu um grande suborno de Mušezib-Marduk, vindo directamente do templo de Esagila, para o ajudar.

¹²¹ Os anais assírios declaram a vitória de Senaquerib enquanto a Crónica Babilónica declara que a coligação babilónia-elamita forçou os assírios a retirarem-se.

¹²² Cf. A. Laato, *Vetus Testamentum* 45 (1995):198-226.

¹²³ ARAB II:152-153

¹²⁴ ABC 1 iii.22-23.

templos, canais, muralhas e zigurate, a verdade é que ainda não foram encontradas provas substanciais que comprovem o nível de destruição descrito nos anais assírios¹²⁵.

Embora não tenhamos certezas quanto ao nível de veracidade dos relatos assírios, a Babilónia passou, sem dúvida, por um período de 8 anos onde “não havia rei”¹²⁶ e a actividade económica e comercial ficou praticamente reduzida a nada¹²⁷. Por outro lado, depois da destruição, Senaquerib parece não ter tido interesse algum no destino dessa região, permitindo que tribos caldeias se apropriassem de terras agrícolas que tradicionalmente pertenciam aos habitantes das cidades da Babilónia e Borsipa¹²⁸. Esta punição é, como vimos, resultado de todas as acções levadas a cabo pelos babilónios para se libertarem do controlo assírio. Podemos vê-las como as acções de um pai que quis vingar a morte do seu filho mas também é o resultado do que acontecia a qualquer província ou estado vassalo da Assíria quando esse se revoltava.

Durante o período neo-assírio, a Babilónia nunca tinha sido castigada militarmente. Apesar de constantes revoltas por parte da sua população, os reis assírios tinham sempre em consideração o estatuto que os grandes centros culturais e religiosos da Babilónia possuíam, e, por respeito à sua população e divindades, os castigos nunca foram demasiados severos. No entanto, desta vez, a Babilónia tinha pisado a linha. Senaquerib pôs de lado qualquer relação especial que a Assíria pudesse ter com a Babilónia e procedeu de acordo com as normas assírias: quando um povo se revoltava, o exército assírio partia para o castigar, deixando normalmente um rasto de morte e destruição. Podemos dizer que Senaquerib foi o único rei assírio com coragem suficiente para castigar a Babilónia de igual modo que castigaria qualquer outro povo rebelde, esquecendo por completo a constante protecção que a Assíria proporcionava à Babilónia.

A Babilónia foi abandonada pela Assíria, deixada ao seu próprio cuidado, até 681, quando Senaquerib é assassinado¹²⁹, sendo substituído pelo seu filho Assaradão.

¹²⁵ Cf. J. A. Brinkman, 1984:67-68

¹²⁶ Senaquerib não foi considerado como rei da Babilónia pelos seus habitantes (ABC 1 iii.28).

¹²⁷ Foram encontrados apenas três textos económicos datados dos anos entre a destruição da Babilónia e a coroação de Assaradão. (J. A. Brinkman, *JCS* 35/I e II (1983a) C.1, C.2 e C.3)

¹²⁸ J. A. Brinkman, 1984:69.

¹²⁹ ABC 1 iii.35. As Crónicas relatam que o rei assírio foi assassinado pelo seu filho não especificando qual dos filhos foi.

Este rei dá início a um dos períodos mais prósperos de toda a Babilónia, lançando (apesar do seu desconhecimento) as bases para aquilo que viria a ser o império neo-babilónio.

A morte repentina de Senaquerib criou um problema de sucessão na Assíria. Embora Senaquerib tenha designado oficialmente Assaradão como seu sucessor¹³⁰, deixando por escrito um tratado entre ele o povo da Assíria em como estes deveriam aceitar o príncipe como o herdeiro escolhido pelos deuses, nos primeiros meses após a sua morte, e segundo as inscrições de Assaradão, tanto o povo da Assíria como os outros filhos de Senaquerib¹³¹ parecem ter feito de tudo para impedir a subida ao trono deste rei¹³². A ABL 0476 relata parcialmente a situação difícil em que a Assíria, e mais concretamente o palácio real, estava quando Senaquerib morreu. O autor desconhecido da carta relata que enquanto choravam a morte do rei o governador tinha preparado as suas tropas. Não sabemos qual o desfecho desta carta mas o certo é que os ânimos da corte assíria estavam bastante exaltados.

4. Assaradão (681-669 a.C.)

Depois de quase 2 meses em exílio¹³³, Assaradão regressaria a Nínive onde se tornou rei da Assíria no mês de Adar¹³⁴. Para se precaver de outra tentativa de usurpação do trono, Assaradão obrigou a um juramento de lealdade de alguns dos seus súbditos, provavelmente até os próprios irmãos¹³⁵. Apesar disto, o facto de ter estado ausente tanto tempo causou-lhe alguns problemas, especialmente na região sul da Babilónia. Nabu-zer-kitti-lišir, filho de Merodach-Baladan e governador das Terras do Mar, aproveitou a situação para revogar o acordo de paz com a Assíria e tentando continuar o trabalho de seu pai marchou, ao longo do Eufrates, até à cidade de Ur

¹³⁰ Cf. S. Parpola, *JCS* 39/II (1987):178-183.

¹³¹ As inscrições de Assaradão relatam que ainda Senaquerib era vivo, e depois da nomeação de Assaradão como herdeiro, já os outros príncipes tentaram alienar o pai do sucessor. Apesar das tentativas, Senaquerib não mudou a sua opinião e com uma resposta positiva dos métodos de adivinhação utilizados manteve Assaradão como herdeiro.

¹³² ARAB II, 200-202.

¹³³ De acordo com as Crónicas “a rebelião continuou na Assíria desde o vigésimo dia do mês Tebet até ao segundo dia do mês Adar”. Tebet corresponde aos meses de Dezembro/Janeiro e Adar corresponde aos meses de Fevereiro/Março (antes do Festival de Ano Novo) do calendário gregoriano.

¹³⁴ ABC 1 III.38.

¹³⁵ K 04439 (*JCS* 39/II 187 e SAA 2 004).

onde confrontou o seu governador Ningal-iddin¹³⁶. Apesar da revolta, através das cartas ABL 1250 e ABL 1107, sabemos que a certa altura Nabu-zer-kitti-lišir terá sido leal tanto a Assaradão como a Senaquerib. O rei caldeu refere nas suas cartas que alguém “virou ao contrário” as ordens dadas por Senaquerib devendo o rei agir com alguma rapidez. Não é claro o que terá acontecido mas Nabu-zer-kitti-lišir acabaria por fugir para o Elam quando soube que o exército assírio iria partir em auxílio de Ningal-iddin¹³⁷. Assaradão nomeou como novo governador da região um outro filho de Merodach-Baladan, Na'id Marduk, que parece não ter causado qualquer problema a Assaradão¹³⁸.

A situação de Nabu-zer-kitti-lišir foi aquela que pode ter causado maior preocupação ao rei assírio no início do seu reinado, no entanto, Assaradão teve ainda de lidar com outros problemas. Para além dos rebeldes assírios e de Nabu-zer-kitti-lišir também parecem existir pessoas na Babilónia que quiseram aproveitar a difícil condição em que Assaradão se encontrava para escapar ao controlo assírio. Numa das ocorrências, uma carta de um autor desconhecido reporta ao rei que um homem chamado Nabû-ahhe-iddin, provavelmente habitante da cidade da Babilónia, escreveu uma carta logo após a morte de Senaquerib ao rei do Elam onde tentava ganhar o seu apoio. Para além de, alegadamente, Nabû-ahhe-iddin ter enviado presentes valiosos para o Elam, também dizia que o exército de Assaradão não se comparava ao de Senaquerib¹³⁹.

Para além desta situação, também nos primeiros anos de reinado de Assaradão (entre 680 e 675¹⁴⁰), uma nova revolta surgiu nas Terras do Mar. O rei do Elam, Humban-ḫaltaš, quis impor aos habitantes da região um governador eleito por si, Nabu-ušallim, filho de Merodach-Baladan¹⁴¹. Através de uma série de cartas enviadas

¹³⁶ ARAB II, 204.

¹³⁷ ABC 1 iii.41. O rei do Elam, Humban-ḫaltaš II, mandaria executar Nabu-zer-kitti-lišir pois, de acordo com as inscrições de Assaradão, teria medo de uma represália por parte do rei assírio.

¹³⁸ A ABL 0958, escrita pelos “homens de Na'id Marduk”, parece indicar que houve alguns problemas entre o governador e o rei assírio, provavelmente relacionado com o envio de tropas. Além desta carta não temos mais referências a problemas com Na'id Marduk e, como veremos mais à frente, este parece ter sido governador até ao momento da sua morte.

¹³⁹ G. Frame, 2007:66-67.

¹⁴⁰ Este intervalo deve-se à nomeação de Na'id Marduk em 680 e à morte de Humban-ḫaltaš e o consequente reatar das relações entre a Assíria e o Elam após 675.

¹⁴¹ A primeira informação que o rei terá recebido sobre esta ameaça poderá ter sido a carta ABL 1131 onde Šillaya informa Assaradão que Nabu-ušallim invadiu, como o apoio do Elam, a região de Bit-Yakin.

pelo “povo e anciões das Terras do Mar”¹⁴², sabemos que Nabu-ušallim ameaçou estas populações com uma investida militar caso estes não se submetessem. O rei do Elam chegou mesmo a ceder territórios entre o Elam e esta região governada por Na’id Marduk para que Nabu-ušallim pudesse construir bases sólidas para efectuar esses ataques. Não é claro, pelas cartas, se Na’id Marduk estaria vivo ou não quando este assédio começou (embora os elamitas declarem que este já teria falecido), no entanto, os habitantes da região declaram a sua total lealdade a Assaradão e ao governador que ele nomeou, apelando ao rei para enviar ajuda rapidamente¹⁴³. Não há registo, nem em cartas nem em inscrições reais, dos acontecimentos que se sucederam a esta ameaça ao controlo assírio na região, no entanto, dado as evidências posteriores da presença assíria, sabemos que o Elam não cumpriu o seu objectivo.

Como iremos ver mais à frente, a cidade da Babilónia recuperou o seu estatuto de centro político, económico, cultural e religioso. Essa reconstrução permitiu que fossem restabelecidas as rotas comerciais interrompidas anos antes durante os confrontos com o rei Senaquerib. Através dos textos económicos datados do reinado de Assaradão, podemos atestar que as cidades mais activas foram Dilbat, a Babilónia, e Uruk¹⁴⁴. No entanto, apesar de todos os esforços de Assaradão para reconciliar os babilónios com a Assíria, ao fim de 2 anos de reinado, o rei teve de lidar com uma nova revolta, desta vez por parte de Šamaš-ibni, um caldeu da tribo Bit-Dakkūri. Nas suas inscrições, Assaradão relata que Šamaš-ibni (que é tratado por rei) apropriou-se indevidamente de terrenos agrícolas que pertenciam aos habitantes da Babilónia e de Borsipa¹⁴⁵. A ABL 0403, enviada por Assaradão aos “não-babilónios”, parece relatar a situação de Šamaš-ibni, onde o rei reprime estes por se tornarem “habitantes da Babilónia”. O rei assírio declara nas inscrições reais que saqueou a terra da tribo caldeia e capturou Šamaš-ibni. De seguida levou os desordeiros de volta para a Assíria

¹⁴² As cartas em causa são a ABL 0576, a ABL 1114, a ABL 0958, a CT 54 034 (K 05410b+) e a CT 54 047 (K 01973).

¹⁴³ Em determinada altura, o próprio Na’id Marduk enviou uma carta à rainha-mãe alertando-a para o ataque do Elam. Na ABL 0917, o governador informa a mãe de Assaradão que o Elam já tinha tomado o controlo de uma ponte na região, facto que foi divulgado numa outra carta enviada também à rainha. Na’id Marduk termina esta carta lembrando a sua lealdade para com Assaradão e a sua casa.

¹⁴⁴ Consultar Anexo A.

¹⁴⁵ ARAB II:207.

onde foram executados¹⁴⁶. No lugar de Šamaš-ibni, Assaradão colocou Nabû-šallim, tornando-o num vassalo.

Para além de tentar estabilizar toda a Babilónia, Assaradão também se preocupou em reatar as relações políticas com o Elam, principais aliados das revoltas babilónicas, com as tribos arameias que estavam entre as fronteiras do Elam e da Babilónia e com algumas tribos árabes que tinham apoiado Merodach-Baladan durante o reinado de Senaquerib. Bel-iqīša, líder da tribo aramaica Gambulu, situada a Este de Nippur, por iniciativa própria marchou até Nínive, onde ofereceu “tributo e presentes” a Assaradão¹⁴⁷. O rei assírio, ciente da posição estratégica desta região, aproveitou para reforçar a fortaleza de Bel-iqīša, fazendo uma “porta fechada em direcção ao Elam”. Alguns meses depois, e possivelmente relacionada com a presença assíria tão perto do Elam, o rei deste país, Humban-ḫaltaš, lançou um raide contra Sippar¹⁴⁸. As Crónicas dizem-nos que houve um massacre na cidade, facto que é totalmente omitido em qualquer registo assírio¹⁴⁹, e que Šamaš, a divindade principal de Sippar, permaneceu em Ebabbar, a sua casa¹⁵⁰. Esta falta de informação torna um pouco difícil relatar os acontecimentos tal como aconteceram, no entanto, sabemos que no final desse ano (675) o rei do Elam morreu e as tropas elamitas retiraram-se de Sippar antes disso¹⁵¹. As Crónicas relatam que o irmão do falecido rei, Urtak, substituiu-o no trono e que no ano seguinte, no mês de Adad, as imagens divinas de Acade foram levadas de volta para a Babilónia, vindas do Elam¹⁵². Segundo Grayson, o facto de Assaradão não realçar nas suas inscrições a reconquista de uma cidade tão importante como Sippar só pode significar que a morte do rei do Elam foi a principal razão para a

¹⁴⁶ ABC 1 iv.2.

¹⁴⁷ ARAB II:215. Embora Bel-iqīša tenha demonstrado submissão a Assaradão, sabemos pela carta ABL 0336 que a certa altura o líder da tribo aramaica terá criado laços de amizade em cidades como a Babilónia e Borsipa e na região de Bit-Dakkūri. Provavelmente Bel-iqīša teria um plano anterior onde pretendia declarar a sua independência da Assíria mas como não reuniu as condições necessárias optou por se submeter ao rei assírio.

¹⁴⁸ ABC 1 iv.9.

¹⁴⁹ Uma vez que Assaradão se encontrava em campanha militar pela região da Anatólia, facto também descrito nas Crónicas, os elamitas terão visto esta como a melhor oportunidade que teriam para conquistar território babilónico.

¹⁵⁰ ABC 1 iv.10. A carta ABL 0186 enviada por Ubru-Nabu, embora trate de um assunto que em nada tem a ver com a Babilónia, tem uma passagem onde alerta o rei para ter cuidado com a situação em Sippar. M. Luukko e G. Van Buylaere (SAA 16) acreditam que esta carta está relacionada com a invasão do Elam a Sippar.

¹⁵¹ G. Frame, 2007:82.

¹⁵² ABC 1 iv.17-18.

retirada do exército elamita daquela região, mesmo antes da chegada do exército assírio. Grayson prossegue, afirmando que a devolução das estátuas divinas deve ter sido uma forma do Elam se desculpar pelo ataque a Sippar¹⁵³. Assaradão apreciou o gesto do rei elamita, não procedendo a nenhuma ofensiva militar. Por outro lado, um novo acordo de paz foi estabelecido entre os dois reis com o envio de jovens príncipes para serem educados nas cortes de cada um dos reis. Na ABL 0918, uma carta enviada por Assaradão a Urtak, o rei assírio dirige-se de um modo amigável a Urtak e ficamos a saber através da sua saudação que o rei assírio tem na sua corte filhos do rei Urtak e vice-versa.

Nos últimos anos do seu reinado, entre 671 e 670, Assaradão teve ainda de lidar com uma tentativa de assassinato. No início do ano 671, quando ia numa campanha militar para o Egipto, Assaradão fez uma paragem na cidade de H̄arran. Um homem chamado Nabu-rehtu-uşur dá a conhecer ao rei uma conspiração levada a cabo por alguém chamado Sasî. Nabu-rehtu-uşur apresenta todas as características de um profeta assírio e informa o rei, através da carta ABL 1217+, que uma profecia vinda de H̄arran atribui a coroa assíria a Sasî, devendo todos os descendentes de Senaquerib ser mortos. Numa outra carta, a CT 53 017+, Nabu-rehtu-uşur informa o rei que o plano dos homens de Sasî é assassinar o rei quando este se deslocar até eles. Também na carta CT 53 938, o assírio aconselha o rei a tomar precauções antes que os planos de Sasî ganhem uma maior dimensão¹⁵⁴.

Apesar destes problemas de carácter político e militar¹⁵⁵, este rei foi, sem dúvida, o que mais preocupação teve com a Babilónia e todos os assuntos administrativos relacionados com ela. Uma das acções que mais marca o seu reinado aconteceu em 672 quando o rei assírio decide criar uma monarquia dupla, nomeando Assurbanípal como príncipe herdeiro da Assíria e Šamaš-šuma-ukīn como príncipe herdeiro da Babilónia¹⁵⁶. Esta nomeação, apenas 8 anos depois de Assaradão se tornar

¹⁵³ CAH, III.2:131-132.

¹⁵⁴ Cf. K. Radner, *ISIMU VI* (2003):165-184.

¹⁵⁵ Temos disponível um vasto leque de cartas de oficiais do rei Assaradão na Babilónia onde são relatados inúmeros confrontos e discórdias dentro dos meios administrativos da região.

¹⁵⁶ O processo de escolha dos príncipes herdeiros não terá sido fácil (Cf. A. H. Godbey, *AJSL* 22/1 (1905):63-80). Assaradão recorreu aos métodos de adivinhação para escolher os seus herdeiros e um dos oráculos que temos disponível (AGS 107) refere um tal Sin-nadin-apli. Uma vez que este nome não volta a ser mencionado é claro que a resposta ao oráculo não foi favorável ou algo terá acontecido ao

rei, parece ser uma tentativa do rei salvar o destino das coroas após a sua morte. Sabemos que Assaradão estaria a debater-se com problemas de saúde pelo que não queria correr o risco de, caso a sua morte fosse repentina, não ter a sucessão assegurada.

Mesmo antes de assumirem o papel de rei, os príncipes herdeiros parecem ter participado activamente nos destinos de ambos os reinos. Várias cartas enviadas por Assurbanípal a Assaradão confirmam a presença do príncipe em regiões como a Urartu e na Anatólia¹⁵⁷. Quanto a Šamaš-šuma-ukīn, também ele terá participado de uma forma activa nos assuntos da Babilónia¹⁵⁸. O príncipe herdeiro terá mesmo tido alguns problemas com dois astrólogos babilónios. Numa carta enviada por Šamaš-šuma-ukīn ao rei Assaradão, o jovem príncipe alerta o pai para a quebra de um acordo feito entre o rei assírio e Bel-eṭir e Šamaš-zeru-iqiša¹⁵⁹. Este acordo, embora omitido na carta, parece estabelecer algum género de relação de obediência entre estes dois astrólogos e Šamaš-šuma-ukīn. Os dois colegas relatam ao jovem príncipe que não pretendem manter o acordo que fizeram com o seu pai, passando a agir por conta própria.

O espaço de 3 anos que decorreu entre a nomeação dos príncipes herdeiros e a morte de Assaradão no Egipto parecem ter sido conturbados na Babilónia. O rei é informado de alguns tumultos em cidades como a Babilónia e Borsipa, no entanto, a Assíria manteve sempre o controlo¹⁶⁰, não havendo mais revoltas até ao reinado de Šamaš-šuma-ukīn quando o próprio rei se revolta contra o seu irmão.

Em 669, Assaradão morre durante uma expedição militar ao Egipto. A sua morte repentina foi salvaguardada por pelo menos um tratado de sucessão que este rei fez entre si e Humbareš, governador da cidade de Nahšimarti¹⁶¹. A Crónica de Assaradão diz-nos que o seu filho, Assurbanípal tornou-se rei da Assíria um mês

príncipe assírio, pelo que não sabemos o seu destino, no entanto, é claro que Assaradão terá tido bastante cuidado em escolher o seu sucessor.

¹⁵⁷ Estas duas expedições estão registadas nas cartas ABL 1026+ e CT 53 469 (K 13046).

¹⁵⁸ Alguns exemplos do envolvimento de Šamaš-šuma-ukīn nos assuntos da Babilónia podem ser encontrados nas cartas ABL 0430, ABL 0543 ou ABL 0817.

¹⁵⁹ S. Parpola, *Iraq* 34 (1972):21-34.

¹⁶⁰ Dado o número de oráculos e consultas através de métodos de adivinhação sobre os mais diversos problemas que se apresentavam a Assaradão, é claro que o rei assírio não teve um reinado tranquilo, não só em relação à Babilónia mas também em relação às outras províncias do império. As consultas feitas ao deus Šamaš podem referir-se a rebeliões contra o rei (AGS 108) ou contra o príncipe herdeiro (PRT 044), podem questionar qual o momento mais propício para sair de uma cidade (AGS 111) ou podem ainda questionar as acções de um outro rei (AGS 076).

¹⁶¹ SAA 2 006.

depois, no nono mês de 669¹⁶². Quanto a Šamaš-šuma-ukīn, a sua chegada ao poder na Babilónia foi bastante mais complicada.

5. A monarquia dividida: Assurbanípal e Šamaš-šuma-ukīn (669-652 a.C.)

Como referimos anteriormente, anos antes, Assaradão tinha nomeado Assurbanípal como príncipe herdeiro da Assíria e Šamaš-šuma-ukīn como príncipe herdeiro da Babilónia. A decisão de Assaradão é muito questionável, não havendo certezas absolutas que expliquem o porquê desta resolução¹⁶³. Embora possamos especular que parte desta decisão de Assaradão tivesse em vista dar alguma autonomia à Babilónia, a verdade é que Assurbanípal dificultou a governação do seu irmão. Šamaš-šuma-ukīn só foi proclamado rei da Babilónia no mês de Iyar de 668¹⁶⁴, um ano depois de Assurbanípal, tendo ainda sido obrigado a assumir um tratado de submissão mesmo antes de se tornar rei¹⁶⁵. Šamaš-šuma-ukīn acabaria por partir para a Babilónia levando consigo a suposta estátua do deus Marduk que o seu avô, o rei Senaquerib, teria transportado para a Assíria aquando a destruição da cidade da Babilónia¹⁶⁶.

Estes acontecimentos, que marcaram o início do reinado de Assurbanípal, eram um preâmbulo daquilo que iria acontecer nos 16 anos que se seguiriam. O governo de Šamaš-šuma-ukīn foi totalmente controlado pelo seu irmão. A falta de confiança que o

¹⁶² ABC 14 34.

¹⁶³ Alguns autores defendem que a decisão de nomear Šamaš-šuma-ukīn deveu-se ao facto de este ser filho de uma mulher babilónia. Essa suposição chega de um texto do próprio rei: “in the place of the mother who bore me” (J. Novotny e J. Singletary em M. Luukko, S. Svård e R. Mattila (eds.), *Studia Orientalia* 106 (2009):176.). A análise que se pode fazer a esta passagem passa por considerar que Šamaš-šuma-ukīn foi escolhido para governar a Babilónia pois a sua mãe era dessa origem.

¹⁶⁴ Correspondente aos meses de Abril/Maio do calendário gregoriano.

¹⁶⁵ Este tratado foi imposto por Zakūtu, avô de Assurbanípal, a todos os irmãos do rei assírio, a todos os governadores e a toda a comitiva real, assim como aos assírios em geral. Estes comprometiam-se a ser sempre fiéis a Assurbanípal mas também à rainha-mãe, Zakūtu. No tratado, Zakūtu afirma que tanto ela como o seu “neto favorito” devem ser notificados de qualquer revolta que surgisse na Assíria. Para além do mais, Zakūtu sugere, em jeito de obrigação, que os assírios descartem qualquer plano de revolta contra o neto (ABL 1239). A mãe de Assaradão terá tido uma grande influência nos destinos da Assíria (Cf. S. Parpola, *JCS* 39 (1987):163-170). A ABL 0303 mostra-nos como o rei assírio foi “comandado” pela sua mãe para um assunto relacionado com o deus Amos. Também a ABL 0254 é dirigida à rainha mãe. Nesta carta, Ašaredu relata a Zakūtu que tudo se encontra bem na cidade de Cutha.

¹⁶⁶ ABC 14 35-36.

rei assírio tinha no seu irmão é tão acentuada que logo no primeiro mês de 668 Assurbanípal chega mesmo a questionar a decisão do próprio pai:

[Should Šamaš-šumu-ukin, son of Esarhad]don, king of [Assyria, within this year] seize the [han]d of the great lord [Marduk i]n the Inner City, and should he lead [Bel] to Babylon? Is it pleasing to your [great] divinity and to the great lord, Marduk?¹⁶⁷

Para além do mais, neste oráculo Assurbanípal parece também querer confirmar se Šamaš-šuma-ukīn, enquanto rei da Babilónia, deve ou não levar a estátua de Marduk de regresso a sua casa. O facto de não ser dado qualquer título real a Šamaš-šuma-ukīn parece evidenciar, ainda mais, a oposição de Assurbanípal ao testamento de seu pai. Apesar destas objecções¹⁶⁸, Šamaš-šuma-ukīn acabaria mesmo por regressar à Babilónia com a estátua de Marduk, quer fosse aquela que Senaquerib afirmou ter levado ou uma construída de raiz na Assíria. A estátua do deus Marduk esteve ausente da Babilónia durante 20 anos e a sua chegada, mesmo sendo acompanhada por um monarca estrangeiro, deverá ter sido muito celebrada pelos habitantes locais. Este regresso terá causado um impacto positivo nos habitantes da Babilónia, proporcionando ao rei assírio todas as condições para ganhar o apoio dos babilónios.

Embora tanto Assurbanípal como Šamaš-šuma-ukīn fossem reconhecidos como príncipes herdeiros, o primeiro parece usufruir de alguma preferência, uma vez que é mencionado como “grande príncipe herdeiro do Palácio da Sucessão”¹⁶⁹ enquanto o segundo é só referido como “príncipe herdeiro do Palácio da Sucessão”. Esta distinção entre ambos, embora seja única¹⁷⁰, foi suficiente para que Assurbanípal não abdicasse de uma intervenção directa nos assuntos mais importantes da Babilónia. O rei babilónio foi totalmente ofuscado pelo papel de Assurbanípal que contava com o

¹⁶⁷ SAA 4 262.

¹⁶⁸ Se supomos que a Assurbanípal era realmente contra a divisão das monarquias da Assíria e da Babilónia, a sua oposição tinha de ser bastante ponderada. No mesmo testamento em que Assaradão nomeava Šamaš-šuma-ukīn como herdeiro ao trono da Babilónia, também nomeava Assurbanípal herdeiro do trono da Assíria. Ao contestar o testamento de seu pai, Assurbanípal estaria a contestar a sua própria nomeação. Por outro lado, caso se negasse a cumprir os desejos de Assaradão, Assurbanípal poderia criar um conflito interno na Assíria.

¹⁶⁹ ABL 0066.

¹⁷⁰ Também não temos indicação de como Assaradão planeou a futura administração dos dois territórios, repartida pelos dois irmãos, e quais as responsabilidades de cada rei.

apoio da maioria dos oficiais que estavam na Babilónia¹⁷¹ e deveriam reportar os problemas ao seu rei Šamaš-šuma-ukīn e não a Assurbanípal. Para além do mais, Assurbanípal dispunha sempre de um conjunto de espiões que residiam no palácio real de Šamaš-šuma-ukīn e reportavam ao rei todas as actividades do seu irmão na Babilónia¹⁷².

Com uma intervenção tão directa de Assurbanípal, o mais certo é Šamaš-šuma-ukīn ter tido um papel quase insignificante na governação da Babilónia, limitando-se a tratar de assuntos de menor importância como a compra e venda de propriedades. Durante os primeiros anos de reinado, Šamaš-šuma-ukīn assumiu o seu papel de subordinado. Até à crise de 652, a relação entre Assurbanípal e Šamaš-šuma-ukīn ficou registada nos anais, inscrições reais e cartas como uma relação de amizade, fraternidade e de submissão de Šamaš-šuma-ukīn para com Assurbanípal. O rei assírio refere o rei da Babilónia como sendo o seu “irmão preferido” enquanto Šamaš-šuma-ukīn trata o seu irmão como “grande rei”. A relação de ambos ficou certamente marcada pelo tratado imposto por Zakūtu, avó dos dois reis. O tratado esclarece qualquer dúvida que pudesse existir quanto à governação: Šamaš-šuma-ukīn, embora fosse o irmão preferido do rei assírio, seria vassalo de Assurbanípal não devendo nunca questionar a governação do rei. Esta será uma das razões por que o registo que dispomos do modo como Šamaš-šuma-ukīn se dirige ao seu irmão é com um estatuto de submissão. Nada nos diz que depois das dúvidas que Assurbanípal teve no início do seu reinado este terá tratado o seu irmão de um modo opressivo. Aquando da reconstrução do templo de Ezida, na cidade de Borsipa, os dois reis até são representados de um modo semelhante em duas estelas comemorativas.

O modo como Assurbanípal lidou com as invasões à Babilónia parece ter sido uma das fontes dos problemas que iriam culminar na guerra entre os monarcas, anos mais tarde. Em primeiro lugar deveria existir uma grande discordância entre os dois irmãos quanto à presença de um exército na Babilónia. A par da não acção ou

¹⁷¹ Temos de ter em consideração que as cartas que temos disponíveis deste período são todas de oficiais assírios. Não podemos analisar a situação na Babilónia do ponto de vista de Šamaš-šuma-ukīn uma vez que não foram encontradas quaisquer cartas de oficiais babilónios, que certamente existiriam. Apesar disso, sabemos que cidades babilónias como Ur ou Uruk deveriam reportar a Assurbanípal e não a Šamaš-šuma-ukīn uma vez que sempre demonstraram o apoio ao rei assírio mesmo depois da revolta do rei babilónio começar.

¹⁷² Cf. ABL 0807. Também o Elam era um dos tópicos mencionados nas cartas de oficiais a Assurbanípal.

constantes atrasos por parte de Assurbanípal em enviar ajuda ao seu irmão é importante falarmos também da presença de um exército na Babilónia. Nas inscrições reais, Assurbanípal afirma que deu ao seu irmão “todas as coisas imagináveis que uma realeza pede” entre os quais encontravam-se “soldados, cavalos, carros de guerra”¹⁷³. Apesar desta afirmação do rei assírio, acreditamos que ou as inscrições pretendem ocultar a verdadeira situação (Šamaš-šuma-ukīn não tinha ao seu dispor o que o irmão afirma ter oferecido) ou então a presença militar na Babilónia existia mas era de tal forma reduzida que não havia possibilidade de defender a região¹⁷⁴. Em qualquer uma das hipóteses, Šamaš-šuma-ukīn teria sempre de recorrer à ajuda do rei assírio para enfrentar as ameaças que surgiam na Babilónia, mesmo que, segundo Assurbanípal, este tenha restaurado as muralhas da Babilónia e de Sippar¹⁷⁵. Esta situação terá criado algum desconforto entre os dois irmãos pois dado o número de eventos que, de alguma forma, destabilizaram as cidades da Babilónia, o rei Šamaš-šuma-ukīn certamente preferia ter um contingente militar constantemente disponível do que estar sempre a depender do exército assírio para defender o seu país. Será por esta razão que, como vimos anteriormente, os oficiais na Babilónia reportavam os problemas a Assurbanípal e não a Šamaš-šuma-ukīn? Se este último não tinha as condições necessárias para proteger as suas cidades, os oficiais tinham de se voltar para o verdadeiro detentor do poder militar, ou seja, Assurbanípal. Tal como diz Frame, seria mais fácil para eles ganharem a atenção do rei assírio estando permanentemente em contacto com ele, informando-o de todos os acontecimentos que iam ocorrendo na Babilónia. Desta maneira, criavam uma relação próxima com o rei que poderia ser benéfica caso um dia necessitassem de uma intervenção directa de Assurbanípal¹⁷⁶.

Os problemas na Babilónia começaram bem cedo. Logo em 668¹⁷⁷, uma ameaça militar por parte de Kirbit¹⁷⁸ levou a que o exército assírio tenha sido chamado a

¹⁷³ ARAB II:301

¹⁷⁴ Também temos de ter em consideração que estes acontecimentos foram registados após a revolta de Šamaš-šuma-ukīn pelo que os escribas assírios não iriam relatar nada que pudesse denegrir a imagem de Aššurbanípal ou exaltar a imagem de Šamaš-šuma-ukīn.

¹⁷⁵ ARAB II:371-373.

¹⁷⁶ G. Frame, 2007:114.

¹⁷⁷ Segundo Luckenbill, o fragmento K 2846 é o exemplar mais recente que temos disponível do reinado de Assurbanípal. Este fragmento refere apenas a ameaça de Kirbit, pelo que se supõe que esta terá ocorrido no ano de ascensão ou no primeiro ano de reinado de Assurbanípal, pelo que vamos assumir

intervir. Esta parece ser a única ameaça que foi rapidamente contida. A partir deste ponto, Assurbanípal foi muito demorado na sua reacção às ameaças exteriores da Babilónia. Em 664, Urtak, rei do Elam, que tinha mantido uma relação amigável com Assaradão¹⁷⁹, terá sido pressionado pelo governador de Nippur, Nabû-šuma-ereš, pelo chefe da tribo Gambulu, Bel-iqiša¹⁸⁰, e por um oficial assírio, Marduk-šuma-ibni, para atacar a Babilónia¹⁸¹. Assurbanípal ficou muito surpreso com este ataque, no entanto, antes de partir de imediato para a retaliação¹⁸², ainda enviou informadores para atestar a verdadeira realidade da situação. Quando o informador regressou e informou o rei que o exército elamita estava disperso por uma vasta zona na Babilónia, Assurbanípal partiu ao seu encontro. De acordo com as inscrições reais, o exército inimigo quando soube da aproximação de Assurbanípal, fugiu de imediato para o Elam. O rei assírio perseguiu Urtak e derrotou-o antes de este chegar ao seu reino¹⁸³. Quanto ao governador de Nippur, ao líder da tribo Gambulu e ao oficial assírio Assurbanípal não terá atribuído qualquer castigo¹⁸⁴.

Infelizmente para Assurbanípal a ameaça do Elam não terminaria aí. Ainda em 664, Urtak faleceu sendo substituído por Teumman que expulsou os familiares do antigo rei do Elam, exilando-os na Assíria¹⁸⁵. Dois príncipes elamitas que Assurbanípal acolheu na sua corte foram o motivo para um outro ataque de Teumman. Este rei queria pôr fim à descendência de Urtak e, com esse fim, pediu a Assurbanípal que os

esta data. Luckenbill também refere que quem foi responsável por defender a Babilónia foi um oficial assírio e não Assurbanípal. Este, se tivermos em conta as suas inscrições, deveria estar no Egipto quando o raide militar aconteceu. Apesar disto, Assurbanípal declara que foi ele quem, na sua quarta campanha militar, destruiu a cidade de Kirbit. À excepção do Cilindro D, que contém vários fragmentos e onde a campanha de Kirbit está registada na primeira campanha militar do rei, todas as outras inscrições colocam os eventos de Kirbit durante a quarta campanha.

¹⁷⁸ Região situada a Este da Babilónia junto ao corredor que separa o rio Tigre e a cordilheira do Zagros.

¹⁷⁹ As boas relações com o Elam terão sido mantidas até por volta do fim dos anos 670 e início dos anos 660. Devido à fome que assolava o reino vizinho (Cf. A. T. Olmstead, *Bulletin of the American Geographical Society* 44/VI (1912):432-440), Assurbanípal afirma ter enviado para o Elam grão e acolheu aqueles que fugiram da região devido aos “tempos difíceis” na Assíria (ARAB II:330).

¹⁸⁰ Bel-iqiša foi submisso ao rei Assaradão.

¹⁸¹ ARAB II:329.

¹⁸² A dificuldade em datar os eventos do reinado de Assurbanípal é ainda mais acentuada uma vez que temos relatos escritos antes e depois da crise do irmão. Tendo isto em conta, temos de questionar se Assurbanípal não enviou ajuda ao seu irmão assim que soube da invasão elamita porque não quis ou porque estava ausente da Assíria (em campanha militar no Egipto), tornando-se mais difícil reagir com rapidez aos ataques do Elam.

¹⁸³ ARAB II:329.

¹⁸⁴ As inscrições de Assurbanípal relatam que todos sofreram um castigo divino no qual resultou a sua morte.

¹⁸⁵ ABC 15 3.

enviasse para o Elam. Quando o rei assírio se recusou a fazê-lo, Teumman partiu para a ofensiva. Não é certo quais foram as acções do rei elamita mas as inscrições assírias relatam que Teumman pretendia conquistar território assírio, tendo até afirmado que não dormiria até jantar no centro de Nínive¹⁸⁶. O rei assírio acabaria por partir ao encontro de Teumman instalando-se num território bastante utilizado pelos monarcas assírios quando necessitavam de preparar o ataque ao Elam, Dēr. O rei elamita retirou-se para a cidade de Susa permitindo que Assurbanípal invadisse o Elam. O rei assírio acabou por derrotar Teumman dividindo a monarquia elamita entre dois príncipes¹⁸⁷ que se tinham refugiado na corte assíria¹⁸⁸. Após esta vitória, Assurbanípal partiu para o território da tribo Gambulu, castigando, ao fim de vários anos, os co-responsáveis pela invasão de Urtak na Babilónia¹⁸⁹.

Até 652, as relações externas da Babilónia foram controladas por Assurbanípal. Era o rei assírio quem ditava se o exército partia numa incursão militar ou se estabelecia uma relação pacífica, por todo o império, Babilónia incluída. Šamaš-šuma-ukīn ficou fora de qualquer relação política que a Babilónia pudesse criar. A junção de todos os acontecimentos nestes 16 anos de reinado culminou na tentativa de revolta de Šamaš-šuma-ukīn que queria, como rei da Babilónia, poder exercer as funções que lhe pertenciam¹⁹⁰.

5.1 A revolta de Šamaš-šuma-ukīn (652-648 a.C.)

Antes de analisarmos esta revolta, é importante lembrarmos o problema da datação das fontes. O reinado de Assurbanípal representa uma dificuldade maior uma vez que está pobremente datado e existem anais e inscrições que foram feitos antes e

¹⁸⁶ IAsb Pl. 45 (SAA 3 031).

¹⁸⁷ Esta decisão de Assurbanípal, a par da protecção que o rei deu aos príncipes elamitas, terá sido acompanhada por tratados de lealdade para com o rei assírio.

¹⁸⁸ ARAB II:300. Embora sem certezas de datas, sabemos que esta foi a quinta campanha militar de Assurbanípal. De acordo com o Cilindro Rassam, o início da revolta de Šamaš-šuma-ukīn está registado logo após a campanha militar no Elam. O Cilindro relata que “nestes dias Šamaš-šuma-ukīn, o meu irmão infiel, quem eu tratei bem e coloquei como rei da Babilónia (...) planeou o mal”. Desta forma, a derrota de Teumman terá acontecido perto de 653.

¹⁸⁹ Uma vez que o antigo líder da tribo, Bel-iqiša, já tinha falecido, o rei assírio aplicou o seu castigo aos seus descendentes, nomeadamente o filho do antigo líder, Dunanu, que foi levado para a Assíria.

¹⁹⁰ É de notar que Šamaš-šuma-ukīn inicia a sua revolta numa altura em que a Babilónia tinha recuperado por completo da destruição levada a cabo por Senaquerib encontrando-se numa situação económica bastante estável e propícia.

depois da revolta¹⁹¹, pelo que o mesmo evento pode ser registado de maneira diferente especialmente durante os anos da revolta. Por outro lado, deparamo-nos também com a questão de só existirem registos assírios. Não temos qualquer documento que relate os acontecimentos do ponto de vista babilónio, podendo existir algumas cartas mas sem qualquer certeza, pelo que não serão aqui utilizadas. As cartas também representam um problema pois, embora o seu número seja significativo, na sua maioria não têm data, tornando-se algo difícil fazer uma análise cronológica dos eventos que marcaram a revolta. Essa dificuldade é especialmente sentida quando queremos estudar os acontecimentos no Norte e centro da Babilónia (Babilónia, Borsipa, Cutha, Sippar, Dilbat, Kish, Nippur) e os acontecimentos no Sul da Babilónia (Uruk, Ur, Eridu)¹⁹².

Se existiu uma única razão que levou Šamaš-šuma-ukīn a revoltar-se contra o seu irmão não sabemos¹⁹³. O mais certo é que tenham sido os vários problemas mencionados anteriormente que conduziram, ao fim de 16 anos, o rei babilónio ao ponto de ruptura. A Crónica do Festival de Ano Novo (ABC 16) relata que durante o décimo sexto reinado de Šamaš-šuma-ukīn, entre os meses de Iyar e Tebet, um oficial (*ráb-bīti* de acordo com a tradução de Grayson) terá “recrutado tropas em Acade”. A Crónica não nos diz se este oficial estava a trabalhar para Assurbanípal ou Šamaš-šuma-ukīn, no entanto, é um acontecimento com importância suficiente para os escribas o introduzirem nesta Crónica. Este oficial e as suas acções podem ser o evento que despoletou o início do confronto militar entre os dois irmãos. Não deixa de ser curioso que a Crónica do Festival de Ano novo relata que este oficial iniciou as suas acções na Babilónia no mesmo mês em que Assurbanípal envia uma carta aos

¹⁹¹ Os anais de Assurbanípal estão divididos em várias edições. As edições mais recentes deste reinado são a B e D que foram compostas no período de 4 anos que durou a revolta. A edição F, K, A e C foram todas compostas após a revolta, sendo que a F deve ter sido pouco tempo depois da morte de Šamaš-šuma-ukīn e a K, A e C alguns anos após a revolta, ou pelo menos tempo suficiente para já incorporarem alguns detalhes sobre a queda da Babilónia e as campanhas elamitas que as edições anteriores não registavam.

¹⁹² Esta divisão da Babilónia é-nos útil pois, como iremos ver a seguir, a região não estava unida em torno da causa de Šamaš-šuma-ukīn. O rei da babilónia contava principalmente com o apoio das cidades do Norte e com as tribos que viviam no sul, junto aos centros urbanos que apoiavam Assurbanípal.

¹⁹³ O rei terá recebido apoio de alguma elite babilónia para iniciar a sua revolta pois sem alguma coesão interna esta revolta nunca teria sequer começado.

abilónios e terminou essas mesmas acções no mesmo mês em que se dá o primeiro confronto entre os exércitos dos dois reis¹⁹⁴.

Seja como for, no dia 23 do mês de Iyar do ano 652, Assurbanípal já estava ao corrente dos planos do seu irmão. Na carta ABL 0301¹⁹⁵, o rei informa os babilónios que não devem ouvir as “palavras vazias” de Šamaš-šuma-ukīn. O rei babilónio, segundo Assurbanípal, não se preocupava com o seu povo como o rei assírio pelo que os babilónios não deviam apoiar a revolta do seu rei¹⁹⁶. Nos seus anais, o rei assírio acusa o irmão de incentivar contra eles os povos de “Acade, Caldeia, os arameus, as Terras do Mar, desde Akaba até Bab-Salimeti”¹⁹⁷.

Apesar da tentativa diplomática para resolver o problema, a revolta de Šamaš-šuma-ukīn atingiu uma nova fase quando, 8 meses depois de Assurbanípal enviar a carta aos babilónios, o exército assírio e o exército rebelde tiveram o seu primeiro encontro. Uma das razões deste intervalo de tempo ser tão longo poderá dever-se ao facto de Assurbanípal estar à espera do dia mais propício (de acordo com a vontade dos deuses) para atacar o irmão. Sabemos que 2 meses depois da carta enviada, Assurbanípal pediu ao seu arúspice, Bel-ušallim, que, através dos meios de adivinhação, descobrisse se Šamaš-šuma-ukīn seria capturado pelo exército assírio¹⁹⁸. Com uma resposta “desfavorável”, o rei assírio optou por não enviar o seu exército contra o rei babilónio.

¹⁹⁴ Não sabemos para quem este oficial estava a trabalhar mas podemos admitir quais são os dois possíveis cenários que resultaram desta visita à Babilónia. Se tivermos em conta que este oficial tinha sido enviado por Assurbanípal, ele estaria a analisar a situação de Šamaš-šuma-ukīn reunindo informação sobre se este estaria ou não a ser leal ao rei assírio. Neste cenário, Šamaš-šuma-ukīn poderá ter visto esta atitude do seu irmão como mais uma afronta aos seus poderes (e capacidades) como rei da Babilónia, o que o levou a revoltar-se. Se, por outro lado, este oficial fizesse parte dos rebeldes babilónios então o mais certo é estar a analisar quais as cidades que seria a favor da revolta contra o poder assírio. Neste cenário, Assurbanípal, através dos seus espões espalhados pela Babilónia, terá descoberto que o irmão estava a tentar reunir apoios contra a Assíria e decidiu agir.

¹⁹⁵ Uma vez que esta carta tem vários elementos que nos ajudam a compreender melhor o modo como a Assíria via a Babilónia, iremos analisá-la mais profundamente no próximo capítulo.

¹⁹⁶ Não existe ainda qualquer consequência gerada por esta carta. Não existem provas de que ela chegou realmente aos babilónios ou a reacção destes às palavras de Assurbanípal.

¹⁹⁷ ARAB II:301. A localização destas últimas regiões mencionadas por Assurbanípal é ainda desconhecida. Frame sugere que Akaba pode estar relacionada com a cidade do Golfo de Aqaba, junto às actuais cidades de Eilat em Israel e Aqaba na Jordânia. Quanto a Bab-Salimeti, esta já tinha sido mencionada por Senaquerib em ARAB II:146-147 e o rei assírio refere que para lá chegar o seu exército desceu pelo Eufrates, pelo que podemos supor que a cidade se localizava junto a este rio, provavelmente no centro-Norte da Babilónia.

¹⁹⁸ PRT 102 (K 08904 e SAA 4 279). A datação está bem preservada, pelo que sabemos que foi realizado no dia 17 do mês Tamuz, epónimo de Aššur-duru-ušur (652).

Para além desta resposta desfavorável¹⁹⁹, a Crónica do Festival de Ano Novo relata que durante o décimo sétimo ano de reinado de Šamaš-šuma-ukīn (651), Assurbanípal viu-se com problemas internos, com “insurreições” a ameaçarem a Assíria²⁰⁰. Uma vez que os anais e inscrições reais de Assurbanípal não relatam qualquer tipo de problema e a Crónica de Ano Novo não explica o motivo ou as consequências dessas insurreições, não podemos, com certezas, chegar a nenhuma conclusão sobre o que realmente aconteceu. Temos, no entanto, algumas outras informações que nos permitem especular sobre os acontecimentos na Assíria. Em primeiro lugar, Assurbanípal estaria também a debater-se com problemas em outros locais do império. O Egipto foi um dos principais problemas de Assurbanípal, que a partir de 660 começou a perder o controlo da situação²⁰¹. Por outro lado, Giges, rei da Lídia, embora inicialmente se tenha submetido a Assurbanípal, acabou por revogar a aliança que mantinha com o rei. Assurbanípal também terá tido problemas com os reis da costa do Mediterrâneo e da região da Anatólia²⁰², assim como com tribos árabes²⁰³ e com os cimérios²⁰⁴. Se adicionarmos a estes acontecimentos o início da crise de Šamaš-šuma-ukīn, podemos assumir que dentro da elite assíria existiam pessoas que não estavam contentes com o rumo da governação de Assurbanípal. Esta também pode ter sido uma das razões que levou a que o rei assírio demorasse 8 meses a agir depois de estar ao corrente dos planos do irmão.

O início desta crise parece estar preservado na CT 54 017 (K 01203+). Esta carta, de autor desconhecido, enviada a Assurbanípal informa o rei de que os babilónios se revoltaram contra o rei. O oficial que escreve esta carta relata os eventos

¹⁹⁹ Tendo em conta que se acreditava que os oráculos e métodos de adivinhação eram usados para descobrir a vontade dos deuses sobre um determinado assunto, uma resposta desfavorável era o suficiente para alterar por completo a estratégia a utilizar.

²⁰⁰ ABC 16 17.

²⁰¹ Cf. A. Spalinger, *JAOS* 94:316-328 (1974).

²⁰² ARAB II:296-298. Estes reis devem ter sido incentivados a revoltar-se contra o governo assírio por causa das acções de Šamaš-šuma-ukīn, pois sabiam que Assurbanípal iria resolver os problemas mais perto de casa.

²⁰³ Na ABL 0350, Nabû-šuma-lišir informa o rei que seguiu as suas ordens e derrotou os árabes da tribo Qedar numa batalha. O autor da carta refere ainda um tratado, pelo que este confronto terá sido resultado de uma revogação de um tratado de paz entre Assurbanípal e o líder dos Qedar. F. S. Reynolds coloca esta carta antes do início da revolta de Šamaš-šuma-ukīn pois considera que este líder é Yauta' que foi substituído, durante a revolta, por um Abi-Yate (SAA 18:XXIX). A ABL 0262 também relata outros confrontos entre árabes e as tropas de Nabû-šuma-lišir, no entanto, não é possível datar esta carta pelo que ficamos na dúvida se estes acontecimentos tiveram lugar antes ou depois do início da revolta.

²⁰⁴ J. A. Brinkman, 1984:93.

do ponto de vista de quem está dentro da cidade, pelo que o conflito armado entre os exércitos parece ainda não ter começado. A carta inclina-se mais para o relato das acções dos babilónios e para os discursos que Šamaš-šuma-ukīn tem com os seus habitantes. Desta forma, esta carta pode ser o registo mais preciso que temos disponível, quase que do próprio dia em que a revolta começou²⁰⁵.

O exército assírio acabaria por se encontrar com os rebeldes (em local incerto²⁰⁶) no “décimo nono dia do mês de Tebet”²⁰⁷ (652) mas este encontro ia resolver-se em menos de um mês. De acordo com a Crónica de Šamaš-šuma-ukīn no “oitavo dia do mês de Sebat o rei retirou-se perante o inimigo para a Babilónia”²⁰⁸ concedendo a vitória deste primeiro encontro a Assurbanípal. É provavelmente após a retirada para a Babilónia que Šamaš-šuma-ukīn encerra as portas desta cidade, de Borsipa e de Sippar, quebrando “os laços de fraternidade” com Assurbanípal²⁰⁹. Estas cidades no Norte e centro da Babilónia são aquelas que, sem dúvida, estiveram ao lado do rei babilónio durante a sua revolta. Sabemos desta tomada de partidos através de textos económicos datados ds anos do reinado de Šamaš-šuma-ukīn²¹⁰, relatórios de adivinhos²¹¹, relatórios de oficiais²¹² ou mesmo através dos anais e inscrições reais de Assurbanípal²¹³.

Cerca de 2 meses depois, no mês de Adar, a Crónica do Festival de Ano Novo relata um novo confronto entre os exércitos em Hiritu²¹⁴. Os rebeldes perderam esta nova batalha e segundo a Crónica sofreram uma pesada derrota. Para além deste confronto, os anais de Assurbanípal deixam claro que também Humban-nikaš II terá

²⁰⁵ Por outro lado, e embora gravemente danificada, a ABL 0807 também parece relatar os discursos que Šamaš-šuma-ukīn tinha com os babilónios, incentivando-os à revolta, cometendo, segundo o autor da carta, “um grande crime”.

²⁰⁶ Na ABL 0259 Nabû-šuma-lišir recorda ao rei que as suas tropas de Birarti, “servos do rei”, foram atacadas pelas tropas de Šamaš-šuma-ukīn nos pântanos da Babilónia. Poderá este ser o local do confronto entre ambos os exércitos? Ou então tratar-se-á de um outro confronto uma vez que o exército assírio deveria ter vários batalhões espalhados pela Babilónia, podendo a qualquer momento encontrar tropas rebeldes.

²⁰⁷ ABC 16 11.

²⁰⁸ ABC 15 6.

²⁰⁹ ARAB II:301.

²¹⁰ Borsipa: J. A. Brinkman, *JCS* 35/I e II (1983a) K142 e K.143. Dilbat: J. A. Brinkman, *JCS* 35/I e II (1983a) K107.

²¹¹ Sippar: PRT 139 (K 03979 e SAA 4 290).

²¹² Dilbat: ABL 0326 e ABL 0804.

²¹³ Mais à frente, regressaremos ao modo como Assurbanípal lidou com os babilónios que apoiaram Šamaš-šuma-ukīn.

²¹⁴ ABC 16 13-14. A cidade de Hiritu estava localizada junto ao canal Irnina, não muito longe de Sippar, um antigo ramo do Eufrates.

enviado o seu exército para ajudar Šamaš-šuma-ukīn, em troca de subornos²¹⁵. Não é certo quando é que este confronto terá acontecido mas sabemos que este rei foi morto por Tammarītu pouco tempo depois.

Apesar das derrotas, Šamaš-šuma-ukīn não tardaria a responder e no ano seguinte (651), no mês de Elul, conquistaria a cidade de Cutha²¹⁶, que tinha tomado o partido de Assurbanípal no início da revolta. Será por esta altura que Nergal-ibni²¹⁷ envia uma carta ao rei, provavelmente da cidade de Dur-Šarrukku, informando-o que o prelado recebeu um mensageiro de Šamaš-šuma-ukīn e que procedeu a sacrifícios em nome do rei babilónio a quem também ofereceu presentes retirados dos tesouros do templo da cidade²¹⁸. Também a cidade de Kar-Nergal parece estar relacionada com os eventos logo após a conquista de Cutha. De acordo com a ABL 0326, Šamaš-šuma-ukīn marchou contra um campo assírio nesta localidade²¹⁹ mas não sabemos qual terá sido o resultado desta investida embora Aplaya, o autor da carta, alerte o rei que “estes homens não são amigos, são inimigos” e que terão, pelo menos, morto um oficial assírio²²⁰. Não é certo quando é que esta investida sobre Kar-Nergal terá acontecido uma vez que Aplaya termina a sua carta a Assurbanípal aconselhando o rei a “escrever uma carta aos seus servos para que eles cortem a estrada entre a Babilónia e Borsipa”. Esta informação leva-nos a crer que o exército assírio já tinha controlo suficiente para gerir a circulação entre as duas cidades pelo que este episódio poderá ter acontecido um pouco mais tarde que a conquista de Cutha mas antes da conquista da Babilónia²²¹. No fim deste ano, um oráculo é realizado para saber se Šamaš-šuma-ukīn iria abandonar a Babilónia pelo que ainda estaria em controlo da cidade²²².

²¹⁵ ARAB II:335-336.

²¹⁶ ABC 15 7. A carta ABL 1117 relata que oficiais assírios foram feitos prisioneiros por Šamaš-šuma-ukīn quando este conquistou a cidade de Cutha e mais tarde oferecidos como presente a alguém chamado Natnu, provavelmente como forma de o persuadir a juntar-se à revolta do rei babilónio.

²¹⁷ Oficial babilónio fiel a Assurbanípal que está activo durante os anos da revolta de Šamaš-šuma-ukīn.

²¹⁸ ABL 1247.

²¹⁹ Kar-Nergal estará associada à cidade de Kar-Urta que por sua vez era uma cidade chamada Kishesim. Sargão terá alterado o seu nome quando a conquistou no seu sexto ano de reinado (ARAB II:5). A cidade localiza-se junto a Parsua, no rio Tigre (T. Bryce, 2009:390).

²²⁰ Temos ainda disponíveis mais cartas onde podemos encontrar outros sinais de conflitos entre as tropas de Assurbanípal e Šamaš-šuma-ukīn. Nabu-šumu-lešir (oficial assírio que estava na cidade de Birati) é o autor de pelo menos cinco cartas enviadas a Assurbanípal a relatar problemas com várias cidades.

²²¹ Nesta carta Aplaya também refere que capturou “filho de um inimigo” que se estavam a dirigir para a Babilónia. Esta informação corrobora a ideia de que Assurbanípal ainda não tinha o controlo da cidade.

²²² PRT 113 (SAA 4 285).

Esta conquista do rei babilónio foi a mais importante do período da sua revolta mas foi rapidamente ofuscada pelo avanço do exército assírio²²³. É difícil encontrar a cronologia exacta dos acontecimentos mas entre 651 e 650 Assurbanípal iria controlar Nippur²²⁴, Borsipa²²⁵, Sippar e iniciar o cerco à Babilónia²²⁶, pondo praticamente um ponto final à revolta de Šamaš-šuma-ukīn no Norte e centro da região da Babilónia²²⁷. A Crónica do Festival de Ano Novo relata que durante os anos da revolta o Festival não se pôde realizar mas não faz qualquer referência ao que aconteceu após a tomada da Babilónia. Assurbanípal relata nos seus anais que este período foi muito difícil para “as pessoas de Acade que se uniram a Šamaš-šuma-ukīn” onde a fome se espalhou pela região, obrigando-os a “comer a carne dos seus filhos e filhas”²²⁸.

O Sul da Babilónia parece ter sofrido um pouco mais com a revolta devido ao facto de algumas cidades terem tomado o lado de Assurbanípal no momento da revolta. Uruk foi o principal, e provavelmente único, posto assírio no sul da Babilónia²²⁹. Apesar de Uruk ser o principal aliado, a cidade parece ter também passado por algumas divergências sobre que lado tomar quando Šamaš-šuma-ukīn iniciou a sua revolta. Possivelmente um homem de Šamaš-šuma-ukīn terá chegado à cidade com o objectivo de a aliciar para o lado do rei babilónio mas parece que não teve sucesso, tendo mesmo havido um plano para o assassinar por parte de habitantes de Uruk, fiéis a Assurbanípal²³⁰. Para além das possíveis tentativas por parte dos

²²³ A meio de Tishri de 651, Assurbanípal foi informado pelos seus adivinhos que Šamaš-šuma-ukīn não tinha fugido para o Elam tal como dizia um “rumor”. Este relatório, que nos chega depois da conquista de Cutha, embora tenha dado uma resposta negativa a Assurbanípal, mostra que o avanço assírio já estava a pressionar bastante Šamaš-šuma-ukīn mesmo depois de este ter conquistado Cutha (PRT 109 e SAA 4 282). Exactamente um mês depois, um novo oráculo sugere que o rei babilónio iria ser capturado pelo exército assírio caso este avançasse contra ele (PRT 107 e SAA 4 282).

²²⁴ Dois textos do fim de 651 usam a datação de Assurbanípal, o seu décimo oitavo ano de reinado, pelo que a cidade já estaria sob controlo assírio por esta altura (J. A. Brinkman, *JCS* 35/I e II (1983a) J.16 e J.17). Ver também ABL 0617+, CT 54 015 (K 07467+) e ABL 0797.

²²⁵ ABC 16 17-21.

²²⁶ ABC 15 19.

²²⁷ Os últimos documentos datados do reinado de Šamaš-šuma-ukīn são originários da Babilónia e Borsipa e são dos últimos dias do mês Ab de 648 (J. A. Brinkman, *JCS* 35/I e II (1983a) K142 e K.143). De acordo com a ABC 15 19, o cerco à Babilónia iniciou-se no mês de Tammuz de 650 (décimo oitavo ano de reinado de Šamaš-šuma-ukīn).

²²⁸ ARAB II:303.

²²⁹ G. Frame, 2007:157. Todos os textos económicos provenientes desta cidade, durante o período da revolta de Šamaš-šuma-ukīn, e os anos imediatamente a seguir eram datados de acordo com o reinado de Assurbanípal, não existindo, até à data, nenhum com a datação de Šamaš-šuma-ukīn (J. A. Brinkman, *JCS* 35/I e II (1983a) J.6, J.7, J.10, J.12, J.19 e J.20).

²³⁰ ABL 1387. Parece ser o autor desta carta o homem a quem cabe a tarefa de assassinar o enviado de Šamaš-šuma-ukīn. Também a ABL 1106 relata algumas dificuldades vividas por um homem desta cidade

homens de Šamaš-šuma-ukīn, também a tribo de Puqūdu tentou ameaçar e eliminar a presença assíria nesta cidade, mas sem sucesso²³¹. A vontade de expulsar os assírios de Uruk é bastante clara, no entanto, nem Šamaš-šuma-ukīn nem as várias tribos do Sul da Babilónia conseguiram alcançar esse objectivo. Uruk manteve-se como a principal, e provavelmente única, base assíria na região e Assurbanípal fez tudo o que estava ao seu alcance para a defender.

Ur também foi um dos principais aliados de Assurbanípal que, em determinada altura, teve de enviar ajuda para a cidade pois esta esteve em constante perigo durante um período de 2 anos²³². Quando a revolta começa, Ur é governada por Sin-šarra-ušur²³³, no entanto, este poderá ter sido atraído por Šamaš-šuma-ukīn para se juntar à sua causa²³⁴. Provavelmente devido à sua simpatia pela causa babilónia, este governador acabaria por ser substituído pelo seu irmão Sin-tabni-ušur²³⁵. O novo governador enfrentou algumas dificuldades quando os rebeldes de Puqūdu e das Terras do Mar assediaram a cidade, levando-o a pedir ajuda a Assurbanípal. Essa ajuda poderá ter demorado a chegar²³⁶ levando o governador de Ur sem outra alternativa do que submeter-se (ou fingir que o fazia) a Šamaš-šuma-ukīn. Na ABL 1274, os habitantes de Ur escrevem a Assurbanípal que o governador ter-se-á submetido ao rei babilónio porque as condições em Ur eram demasiado graves e Assurbanípal não tinha enviado ajuda. Assurbanípal parece acreditar na inocência de Sin-tabni-ušur, uma vez que na ABL 0290 o rei escreve ao governador a dizer que não irá acreditar nos rumores que Sin-šarra-ušur estava a espalhar sobre o irmão. Provavelmente é neste contexto que nos chega a ABL 1105, um tratado de lealdade entre Assurbanípal e os “aliados

que foi levado para a Babilónia e que quando consegue regressar a Uruk escreve uma carta a Assurbanípal a avisá-lo que as tropas de Šamaš-šuma-ukīn estariam prontas para atacar o sul da Babilónia.

²³¹ A ABL 1028 relata como o exército de Puqūdu tentou descobrir o que é que os assírios estavam a fazer em Uruk, capturando dez homens da cidade que lhes pudessem dar algumas informações.

²³² ABL 0290.

²³³ Um dos filhos do também governador Ningal-iddin (689-670).

²³⁴ Um relatório (PRT 114 e SAA 4 286) datado do mês de Shebat de 651, embora gravemente danificado, tem algo a ver com este governador e a possibilidade de ele “escapar”. O resultado dos adivinhos é desfavorável, pelo que podemos supor que Assurbanípal estava a planear capturar o governador mas foi aconselhado a não o fazer.

²³⁵ PRT 135 (SAA 4 300) e PRT 129 (SAA 4 301). Assurbanípal consultou os seus arúspices para saber se o outro filho de Ningal-iddin não iria seguir os mesmos passos do irmão.

²³⁶ Na ABL 1241+, os habitantes que vivem “no meio de Acade” queixam-se dos inimigos das Terras do Mar e da tribo Puqūdu que estão constantemente a ameaçá-los e Assurbanípal não envia tropas para os ajudar. Também nesta carta é referido que já há regiões que se estão a aliar aos rebeldes devido à falta de interferência de Assurbanípal no sul da Babilónia.

abilónios” onde fica acordado que “o inimigo de Assurbanípal, rei da Assíria, não será o nosso (os abilónios) aliado”.

Ur é um bom exemplo que temos para analisar como estas cidades abilónicas pró-Assíria estavam a viver a revolta. A constante ameaça dos rebeldes provocou um corte aos abastecimentos e levou a que muitos vendessem as terras que tinham de modo a ter meios para se alimentarem²³⁷. Esta ameaça não era tanto da parte de Šamaš-šuma-ukīn mas mais pelas tribos arameias e caldeias que viviam no sul da Babilónia. Por um lado, Nabû-bel-šumati, neto de Merodach-Baladan²³⁸, líder da tribo Bit-Yakin que controlava as Terras do Mar²³⁹. Por outro lado, como vimos, a tribo Puqūdu ou, ainda que menos referida, os Gambūlu²⁴⁰. Ambos eram apoiados pelo Elam que, embora tenha passado por problemas internos, nunca deixou de apoiar todos os que queriam revoltar-se contra o poder assírio²⁴¹. No fim de 651,

²³⁷ J. A. Brinkman, *JCS* 35/I e II (1983a) J.13.

²³⁸ O mais certo é que Nabû-bel-šumati não apoiasse tanto Šamaš-šuma-ukīn mas sim a revolta ao controlo assírio da Babilónia. Sendo neto de um rei abilónico, Nabû-bel-šumati, provavelmente, acreditava que o trono era seu por direito pelo que, caso Šamaš-šuma-ukīn saísse vencedor, o mais provável é que teria depois de lidar também com Nabû-bel-šumati.

²³⁹ O líder caldeu Nabû-bel-šumati parece ter sido uma das principais personagens desta revolta. Em primeiro lugar, este parece ter enganado Assurbanípal fazendo-o acreditar que estaria a lutar do seu lado quando na verdade não estava. De acordo com os anais de Assurbanípal, o rei assírio terá, a certa altura, enviado tropas para auxiliar Nabû-bel-šumati que acabaria por aprisionar estes homens e, possivelmente, enviá-los para o Elam. Não sabemos ao certo quando é que Nabû-bel-šumati se juntou a Šamaš-šuma-ukīn mas um relatório elaborado pelos arúspices de Assurbanípal pretende saber se este líder, que juntou arqueiros no Elam, irá atacar. Este oráculo termina com uma resposta favorável a Assurbanípal pois, de acordo com os seus arúspices, o líder caldeu não irá atacar nem o exército assírio nem as cidades abilónicas (PRT 105 e SAA 4 280). Provavelmente, depois deste oráculo, Nabû-bel-šumati, com ajuda da tribo Puqūdu, conseguiu conquistar as cidades de Eridu, Kullar e ainda uma outra tribo caldeia. Terá sido também por esta altura que o governador de Ur se viu obrigado a passar para o lado de Šamaš-šuma-ukīn. É importante referir que nem toda a região das Terras do Mar apoiava Nabû-bel-šumati. Embora o mais certo fosse o rei caldeu ter a sua base militar nesta região, Assurbanípal teria também o apoio de alguns habitantes desta zona ao ponto de lhes enviar um governador, Bel-ibni, depois de se corresponder com esses habitantes, reconfortando-os, pois o rei não os considerava responsável pelas acções do líder da tribo Bit-Yakin (ABL 0289). Bel-ibni foi um dos principais responsáveis pela ajuda dada a Ur, pelo que terá sido depois da sua nomeação, em 650, que as revoltas nesta região acalmaram. Embora as condições nesta região começassem a deteriorar-se (tal como vimos em Ur), Bel-ibni acabaria por, num curto espaço de tempo, controlar os rebeldes e obrigar Nabû-bel-šumati a refugiar-se no Elam. Este continuava a causar alguns problemas na fronteira entre as duas regiões mas Bel-ibni conseguiu sempre derrotar o líder caldeu.

²⁴⁰ Também as tribos de Bit-Dakkūri, Bit-Amukāni envolveram-se um pouco na revolta. Quanto a esta última temos disponível uma carta, a ABL 0258, onde Nabû-ušallim aconselha o rei a contactar Kudurru, líder desta tribo, para pedir a sua intervenção junto de um grupo hostil que não é originário dessa tribo e que está a causar distúrbios na região. Para que tenha feito esta proposta ao rei assírio, Nabû-ušallim saberia de algum género de relação mantida entre Assurbanípal e Kudurru que permitisse este pedido.

²⁴¹ Vimos anteriormente que quando o rei Urtak morreu foi substituído por Teumman. O rei elamita obrigou dois filhos de Urtak, Ĥumban-nikaš II e Tammarītu, a fugir para a Assíria onde Assurbanípal lhes deu exílio. Vimos também que depois da derrota de Teumman, Assurbanípal colocou os príncipes

Assurbanípal pediu aos seus arúspices que descobrissem se o Elam iria atacar o exército assírio nos meses seguintes²⁴², tendo sido provavelmente nessa altura que o reino vizinho decidiu apoiar a rebelião de Šamaš-šuma-ukīn.

Šamaš-šuma-ukīn acabaria por morrer de uma maneira pouco clara em 648²⁴³. A morte do líder da revolta pôs fim à rebelião na Babilónia. Assurbanípal passaria os anos seguintes a castigar aqueles que se insurgiram contra eles. Habitantes das cidades da Babilónia foram deportados para outras zonas do império, pelo menos duas campanhas militares foram direccionadas contra o Elam e uma contra as tribos árabes que viviam no deserto a Oeste da Babilónia. Por fim, 7 anos depois, Assurbanípal pôs um ponto final na revolta e a Assíria estava esgotada. Embora Assurbanípal tenha governado por mais 20 anos, não há registo de outras grandes campanhas militares após a revolta de Šamaš-šuma-ukīn. Os recursos utilizados nestas vastas campanhas militares para ganhar de novo o controlo da Babilónia devem ter esvaziado os cofres do império que, para além do mais, viu as suas fronteiras diminuir²⁴⁴. Assurbanípal conseguiu manter o seu império, no entanto, é certo que esta revolta foi o ponto de partida para o nascimento do império neo-babilónico com Nabopolassar em 626.

elamitas no trono daquele reino, dividindo a monarquia. Apesar dos tratados de lealdade, Īumban-nikaš II foi seduzido pelos presentes de Šamaš-šuma-ukīn enviando tropas para ajudar o rei babilónio. De acordo com as inscrições de Assurbanípal, Īumban-nikaš II seria assassinado por um Tammarītu (muito provavelmente outro que não o seu irmão) e também este novo rei partiu em auxílio de Šamaš-šuma-ukīn (ARAB II:302). Não é certo quanto tempo esteve este rei no trono do Elam mas parece que esteve tempo suficiente para que um oráculo fosse realizado com o intuito de saber se o rei elamita iria atacar a Assíria (ABL 1195.). Segundo Assurbanípal, este rei foi derrotado por Indabibi numa batalha levando a que Tammarītu “rastejasse” até Nínive para pedir exílio ao rei assírio (ARAB II:303). Embora pareça que as relações dos dois reis tiveram um início pacífico (ABL 1151 é uma carta enviada por Assurbanípal a Indabibi), o certo é que Indabibi também acabaria por ser assassinado por Īumban-ḫaltaš III provavelmente depois da conquista da cidade da Babilónia por parte de Assurbanípal.

²⁴² PRT 128 (SAA 4 281).

²⁴³ De acordo com os anais de Assurbanípal, preservados no Cilindro Rassan, o rei babilónio teve uma morte relacionada com o fogo. Não é certo se Šamaš-šuma-ukīn se suicidou quando percebeu o destino que o aguardava ou foi morto por alguém. Para além do mais, a Crónica de Šamaš-šuma-ukīn não tem qualquer registo, legível, do que aconteceu ao rei. Numa outra passagem, Assurbanípal também refere que as “pessoas que armaram estes planos para Šamaš-šuma-ukīn” não quiseram “atirar-se para o fogo com Šamaš-šuma-ukīn”, dando a entender que o rei babilónio o fez por livre vontade.

²⁴⁴ Do ponto de vista assírio, não podemos pensar que se trata de um uso excessivo de recursos. Já tínhamos referido anteriormente que a Assíria não podia correr o risco de ter um estado independente (e, por esta altura, economicamente forte) e hostil numa região tão perto da Assíria e das suas principais cidades. Assurbanípal tinha, a todo o custo, de eliminar a ameaça que o seu irmão representava e para isso não se conteve, principalmente, a nível militar. Claro que a mobilização de tantos batalhões assírios saiu caro ao rei mas sem outra alternativa Assurbanípal teve de esgotar todos os recursos que a Assíria dispunha.

6. O início do fim: Kandalanu e os últimos anos de Assurbanípal (647-626 a.C.)

O fim da revolta da revolta de Šamaš-šuma-ukīn marca também o início do fim do império neo-assírio. O período de 20 anos que se seguiu à revolta está pobremente registado, no entanto, sabemos que nos primeiros anos Assurbanípal esteve ocupado a castigar tanto elamitas²⁴⁵ como árabes²⁴⁶ que tinham apoiado o seu irmão rebelde. Após essas campanhas, o exército assírio parece regressar a casa para não mais sair, marcando assim o começo do declínio da Assíria.

De acordo com os anais assírios, Assurbanípal “lançou o jugo de Aššur, que eles lançaram fora” sobre os babilónios nomeando também novos governadores e prefeitos²⁴⁷. Neste registo, não temos informação sobre a nomeação de um novo rei mas sabemos que Kandalanu foi nomeado rei²⁴⁸ pouco depois de a revolta terminar²⁴⁹.

²⁴⁵ Os anais de Assurbanípal registam duas campanhas militares contra o Elam (a sétima e a oitava entre 648 e 645). Assurbanípal relata que quando se aproximava da fronteira com o Elam várias cidades submeterem-se rapidamente ao rei assírio com medo da sua “grandiosidade”. De seguida, o rei seguiu para o local da antiga cidade de Bit-Imbī onde os elamitas tinham uma fortaleza. Assurbanípal capturou o comandante dessa fortaleza, Imbappi, que também era genro do rei elamita Īumban-ĥaltaš III. Este, quando soube da aproximação do rei assírio, fugiu da sua cidade, Madaktu, e refugiou-se nas montanhas. Assurbanípal aproveitou a ocasião para colocar no trono o antigo rei Tammarītu, que estava exilado na corte assíria. Este rei ia ser rapidamente deposto pelo próprio Assurbanípal, depois de descoberto um plano de revolta. (ARAB II:305-307). A segunda campanha seguiu os mesmos passos da primeira com Assurbanípal de novo a conquistar a cidade de Bit-Imbī e Īumban-ĥaltaš (que entretanto tinha regressado) a fugir novamente da cidade de Madaktu. A destruição das cidades elamitas durante esta campanha foi mais extensa do que durante a primeira campanha. Assurbanípal refere um grande número de cidades que foram capturadas, incluindo Susa e Madaktu. Assurbanípal relata que devolveu aos deuses da Suméria e Acade os tesouros roubados pelo rei do Elam e por Šamaš-šuma-ukīn. Para os castigar, Assurbanípal levou consigo para a Assíria estátuas dos deuses elamitas assim como vários tesouros dos seus templos. O rei assírio manteve-se no Elam durante quase um mês e quando abandonou aquele território tinha deixado para trás um rasto de destruição (ARAB II:307-313). A destruição do Elam pode ter sido tal que deixou este como um estado vassalo da Assíria (Cf. SAA 4 274). Uma análise mais detalhada das campanhas militares no Elam pode ser encontrada na Tese de Doutoramento (não publicada) de P. Gerardi, “Assurbanípal’s Elamite Campaigns: A Literary and Political Study”, Philadelphia: University of Pennsylvania. Acedida a 3 de Setembro de 2014.

²⁴⁶ As tribos árabes sofreram um destino semelhante ao do Elam. Por terem ajudado Šamaš-šuma-ukīn na sua revolta, estavam destinadas a ser castigadas (Cf. P.Gerardi, SAAB 6 (1992):67-103). Na sua nona campanha militar, Assurbanípal derrotou Uaite’, “rei da Arábia”, Abiyate’, da tribo Qedar, Natnu, “rei da terra de Nabaitu (nabateus)”, continuando depois até Damasco (ARAB II:313-321). Para um estudo mais aprofundado da presença de tribos árabes na Babilónia, consultar o artigo de I. Eph'al, “Arabs in Babylonia in the 8th Century BC”, *JAOS* 94/1 (1974):108-115.

²⁴⁷ ARAB II:305.

²⁴⁸ Kandalanu está referenciado na Crónica do Festival de Ano Novo, ABC 16, (embora não seja mencionado como rei mas é referido que Nabopolassar é o seu sucessor), no Cânone de Ptolomeu (disponível em <http://www.livius.org/cg-cm/chronology/canon.html>, acedido a 20 de Agosto de 2014) e,

Não temos qualquer informação sobre quem era Kandalanu²⁵⁰ ou quais as suas acções na Babilónia. Esta falta de informação também pode ter sido intencional, uma vez que Assurbanípal poderia ter colocado Kandalanu no trono da Babilónia apenas como um mero espectador, mantendo o rei assírio o controlo total dos destinos da Babilónia²⁵¹. Os textos económicos são a principal fonte que temos deste reinado: sabemos que o Kandalanu era considerado rei em cidades como a Babilónia, Borsipa ou Sippar mas não em Nippur.

Com este rei, a Babilónia foi lentamente recuperando da destruição provocada pela revolta. De acordo com os textos económicos, os primeiros 5 anos foram de alguma estagnação, existindo apenas nove textos comprovados da Babilónia, Uruk e Borsipa²⁵². A partir de 642, a Babilónia já tinha tido tempo suficiente para recuperar das consequências da crise e isso pode ser comprovado pelo número de textos económicos²⁵³. Para além destes textos, pouco mais sabemos do reinado de Kandalanu e da situação que se vivia na Babilónia.

A Babilónia não deu mais problemas ao rei assírio na segunda metade do seu reinado. Provavelmente os seus habitantes, desgastados pela revolta de Šamaš-šuma-ukīn, optaram por não provocar Assurbanípal, contribuindo também para que a Babilónia pudesse recuperar. Por outro lado, as notícias²⁵⁴ da destruição causada pelas campanhas militares contra aqueles que apoiaram a revolta de Šamaš-šuma-ukīn deve

de acordo com Grayson, na *Babylonian King List A*, iv 22, na *Uruk King List 3* e na *Synchronistic King List*, iv 15, 20 (ABC:222).

²⁴⁹ O primeiro texto onde Kandalanu é mencionado como rei da Babilónia chega-nos desta cidade, no início do mês de Tebet de 647 (J. A. Brinkman, *JCS* 35/I e II (1983a) L.1).

²⁵⁰ Esta falta de informação é uma das principais razões que leva a que já tenha sido colocada a hipótese de Assurbanípal e Kandalanu serem a mesma pessoa, sendo este o nome adoptado pelo rei assírio como rei da Babilónia. Esta hipótese parece ser pouco provável até pelo facto de que temos textos económicos datados de acordo com o reinado de ambos os reis. Caso fosse apenas um rei o sistema de datação deveria ser o mesmo.

²⁵¹ A nomeação de Kandalanu também poderá ter a ver com a lição aprendida pela Assíria depois da destruição da Babilónia e do seu abandono. Assurbanípal saberia que não seria boa ideia seguir o mesmo caminho do seu avô pois podia conduzir a uma nova revolta e o rei não queria perder a Babilónia.

²⁵² J. A. Brinkman, *JCS* 35/I e II (1983a) L.1 a L.9.

²⁵³ Desde 642 até 626, temos textos provenientes de cidades da Babilónia, o maior número de textos económicos produzidos durante o reinado de um rei, quer assírio quer babilónio (J. A. Brinkman, *JCS* 35/I e II (1983a) L.10 a L.203). Mais informações sobre os variados tipos de textos podem ser encontradas em G. Frame, 2007:199-200.

²⁵⁴ Os anais de Assurbanípal relatam que estas notícias chegaram até Urartu, pois numa das últimas entradas (provavelmente escrito por volta de 643) o rei deste reino, Ištar-dūri envia presentes ao rei como forma de submissão.

ter contribuído para acalmar os babilónios, receosos que o mesmo lhes pudesse acontecer.

Assurbanípal e Kandalanu acabariam por morrer ambos em 627²⁵⁵. Por esta altura, a Babilónia já deveria ter alguns indícios de que uma nova revolta estava para acontecer. A Crónica do Festival de Ano Novo relata que, depois da morte de Kandalanu e antes da chegada ao trono de Nabopolassar, a Assíria e a Babilónia estavam ambas a passar por revoltas pelo que o Festival não pôde ser realizado²⁵⁶. Por outro lado, mesmo depois da morte de Kandalanu existem textos datados de acordo com o seu reinado, pelo que os próprios babilónios são sabiam o que fazer²⁵⁷.

O exército assírio acabaria por intervir na Babilónia. Nabopolassar foi um dos alvos. O novo líder da revolta estava em Nippur quando foi obrigado a fugir para Uruk, provavelmente em meados de 627. Já em 626 o exército assírio tentou conquistar a cidade da Babilónia mas foi derrotado por Nabopolassar, que se tornou rei da Babilónia²⁵⁸, dando início ao império neo-babilónico.

²⁵⁵ Os vários cenários sobre a morte de ambos os reis estão descritos em G. Frame, 2007:209-210.

²⁵⁶ ABC 16 24-27.

²⁵⁷ ²⁵⁷ J. A. Brinkman, *JCS* 35/I e II (1983a) L.160 e L.163.

²⁵⁸ A Crónica relata que o ano de ascensão de Nabopolassar foi um ano em que “não houve rei na terra”. Este relato corresponde aos textos económicos datados de acordo com o reinado de Kandalanu mesmo após a sua morte, ou seja, na falta de um novo rei, os babilónios continuavam a datar os seus textos de acordo com o antigo rei.

CAPÍTULO III - A imagem e a representação da Babilónia percebidas pelos assírios: factor condicionante da acção política e militar neo-assíria

1. Enquadramento geral

Antes de passarmos à análise dos vários parâmetros que nos permitirão tirar as conclusões devidas sobre a relação entre a Assíria e a Babilónia, é importante ter em conta alguns conteúdos mais abstractos dessa mesma relação.

Geograficamente, o território a que chamamos Assíria e o território a que chamamos Babilónia não parecem ter uma fronteira definida, sendo difícil perceber onde começa um e acaba o outro. As cidades capitais destes dois territórios estavam separadas apenas por pouco mais de três centenas de quilómetros, uma distância que não proporcionou tranquilidade para os reis assírios.

A partir do momento em que Tukulti-Ninurta I conquistou a Babilónia e se tornou “rei da Suméria e de Acade”, nenhum outro rei assírio quis ser responsável pela perda desse território. Esta situação seria um grande obstáculo aos interesses imperiais da Assíria em toda a região da Mesopotâmia e Ásia Ocidental. Perder a Babilónia era um sinal de fraqueza do rei assírio. Este poderia ter as suas capacidades de governação questionadas pelos próprios assírios, o que o colocaria numa posição mas propícia a revoltas internas. Dentro da elite assíria, existia uma opinião, quase generalizada, de que a Babilónia deveria ser mantida debaixo do controlo assírio devido às razões que já foram aqui referidas e a outras razões de carácter mais religioso e cultural que avançaremos mais à frente.

Outro problema que se levantava com o modo como a Assíria controlava a Babilónia era o seu efeito no exterior. Embora a Babilónia tivesse um estatuto especial aos olhos assírios, o mesmo não acontecia com outros povos. Não temos conhecimento que outras províncias ou reinos vassalos da Assíria compreendessem essa necessidade em proteger a Babilónia e os seus habitantes, até porque mais nenhum partilhava com a Babilónia antepassados culturais. Desta maneira, caso a

Babilónia permanecesse um reino independente, outros territórios administrados pela Assíria poderiam utilizar esse precedente para eles próprios se rebelarem contra o controlo assírio. De um ponto de vista de gestão imperial, a melhor forma de manter a estabilidade em todo o império era tratar todos de um modo semelhante, no entanto, como veremos de seguida, os reis assírios não conseguiram separar a importância que a Babilónia tinha na sua própria história da potencial ameaça que aquela região representava. Foi essa falta de visão que culminou no fim do império assírio às mãos dos babilónios.

Vamos ver como a governação da Babilónia seguiu uma política diferente da governação dos outros territórios do império assírio. Nenhum outro povo desse mesmo império podia ser equiparado aos babilónios que, por vezes, até parecem ser mais importante para os monarcas assírios que o seu próprio povo. Por fim, vamos ver que a Assíria não se limitou a proteger a Babilónia e os seus habitantes. Também os deuses babilónios merecem destaque por parte dos monarcas assírios, sendo bastante visível que os deuses nacionais de outros povos do império assírio não recebiam os mesmos privilégios que os da Babilónia.

2. A governação assíria da Babilónia

No início deste trabalho, falámos sobre os métodos de governação utilizados pelos reis assírios a partir do reinado de Aššur-dan II mas, mais concretamente, quando o império neo-assírio começou a consolidar-se no panorama mesopotâmico com Aššurnasirpal II. Tendo isso em conta, iremos analisar como a Babilónia foi governada por Tiglath-Pileser III e os reis do período sargónida. Vamos ver que a governação assíria não seguiu sempre o mesmo método, adaptando-se às diferentes situações em que a Babilónia se encontrava.

Antes de analisarmos essa governação, podemos introduzir um texto que parece servir de modelo para a toda a governação assíria da Babilónia. “*Advice to a Prince*” faz parte da colecção de W.G. Lambert, *Babylonian Wisdom Literature*, e faz

uma enumeração de diferentes situações que o rei da Babilónia não deveria realizar²⁵⁹. Este texto pretende salvaguardar os direitos e privilégios²⁶⁰ de cidades babilónicas como a própria Babilónia, Sippar ou Nippur. O autor do texto relata que “caso o rei” oriente as suas acções num certo caminho que é mau para estas cidades ou para as pessoas que lá vivam, os deuses irão castigá-lo. As situações descritas pelo autor são na sua maioria relacionadas com a justiça social mas também refere casos de trabalho forçado, roubo ou subornos.

Lambert data este texto do período entre 1000 e 700, durante o reinado de um rei babilónio e não assírio ou caldeu uma vez que o conteúdo do texto sugere, segundo Lambert, que se trata de um rei local que poderá ter intenções de reunir apoio de um rei estrangeiro para consolidar o seu poder. Desta forma, o rei poderia incorrer em diversas situações descritas no texto como “não ter cuidado com a justiça na sua terra”, “levar a prata dos habitantes da Babilónia” ou ainda “impor taxas aos habitantes de Nippur, Sippar ou da Babilónia”.

Apesar das conclusões de Lambert, não seria impossível que este texto tivesse sido composto por um sacerdote babilónio ao serviço de um rei assírio. Sabemos que em certas alturas as elites babilónicas apoiaram os reis assírios pois estavam conscientes de que o estatuto da Babilónia seria mantido pelos assírios. Sendo assim, será que o texto não poderia datar da época em que Sargão e Merodach-Baladan disputavam o trono da Babilónia? Sendo um rei caldeu, Merodach-Baladan podia não ser visto como a melhor opção para o trono babilónio pelos habitantes das grandes cidades culturais e, mais concretamente, pela classe sacerdotal que podia pensar que um rei de origem tribal não iria salvaguardar os interesses ou privilégios destas antigas cidades. Assim, este texto tinha sido composto pelos sacerdotes babilónios para Sargão com o intuito de este não esquecer as suas obrigações para com os habitantes das cidades da Babilónia, Sippar ou Nippur.

²⁵⁹ W. G. Lambert, 1996:110-115.

²⁶⁰ Ao longo deste trabalho vamos falar várias vezes sobre os privilégios dos habitantes da Babilónia. Não é possível, através das fontes disponíveis, perceber, exactamente, qual o significado de termos como *kidinnutu*, *subarru*, *zakutu* ou *anduraru*, no entanto, dado o enquadramento geral, sabemos que os privilégios dos babilónios passavam por não ter de pagar impostos ou outras taxas e tributos e não deveriam ser obrigados a fazer parte do exército assírio.

De qualquer das formas, as semelhanças entre este texto e o modo como a Assíria governou a Babilónia são bastante evidentes. Podemos afirmar que este texto funcionava como uma guia para o rei que governasse a Babilónia e parece que os reis assírios seguiram à risca as suas indicações.

Como vimos anteriormente, Tiglath-Pileser III foi responsável por uma nova fase nas relações entre Assíria e Babilónia. Embora quando partiu em auxílio de Nabû-naşir, em 745, o rei assírio não tenha mostrado intenção de conquistar a Babilónia, esta campanha militar abriu caminho para uma maior atenção aos acontecimentos que se desenrolavam no reino vizinho. Não sabemos ao certo porque é que Tiglath-Pileser não aproveitou logo a oportunidade para se proclamar rei da Babilónia, provavelmente uma vez que se tratava do ano de ascensão do seu reinado e o rei não reunia as condições necessárias para partir à conquista de uma região tão vasta sem ter conhecimento do que se passava lá depois das várias décadas em que ambos os reinos estiveram separados. Embora especulando, tendo em conta o carácter deste monarca, o mais certo é que após esta intervenção, Tiglath-Pileser tenha começado a pensar qual seria a melhor maneira de conquistar a Babilónia. Essa oportunidade acabaria por chegar com a revolta de Muki-zeri que deu a oportunidade que Tiglath-Pileser necessitava para invadir a Babilónia e proclamar-se rei. Ao fazê-lo a Babilónia tornou-se parte do território assírio, podendo ser considerado uma província assíria com um governador nomeado por Tiglath-Pileser. Ao contrário das outras províncias ou estados vassalos, a Babilónia era a única que estava inserida nos títulos reais: Tiglath-Pileser III tornou-se “rei do Universo, rei da Assíria, rei da Suméria e de Acade, rei dos quatro cantos do mundo”.

Salmanasar V manteve-se no trono da Babilónia quando o seu pai morreu, sendo validado pelas Crónicas Babilónicas como rei legítimo²⁶¹. No entanto, o seu reinado foi de pouca duração e, em 722, uma revolta interna assíria destituiu o rei, ascendendo ao trono o possível usurpador, Sargão II. A relação de Sargão com a Babilónia não foi fácil, especialmente porque o rei saiu logo derrotado na primeira campanha militar à qual foi chamado a intervir em Der, como vimos anteriormente.

²⁶¹ ABC 1 i.27-28.

Durante 12 anos, a Babilónia não teve qualquer tipo de interferência assíria²⁶², pelo que até 710 não temos nenhum documento que relate a relação entre ambas.

A vitória sobre Merodach-Baladan torna, de novo, a Babilónia uma província assíria. Sargão governou a Babilónia entre 709 e 705 e, segundo as cartas CT 54 070 (K 04778) e ABL 0516, a região parece ter mantido alguma estabilidade²⁶³. Sargão reorganizou a Babilónia sob o comando de dois oficiais, o vice-rei da Babilónia e o vice-rei de Gambulu²⁶⁴.

A imagem que os anais e as inscrições reais tentam retratar é de uma Babilónia restituída de toda a sua grandeza e privilégios onde os habitantes dos grandes centros urbanos estavam gratos a Sargão pelo fim do reinado do tirano Merodach-Baladan. Apesar desta imagem (altamente propagandística), parece ter havido alguns problemas no restabelecimento dos privilégios de algumas cidades. Uma dessas era Nemed-Laguda, uma cidade situada no sul da Babilónia embora sem certezas do local específico. Numa carta escrita por Kinâ e Ereši e pelos anciões desta cidade a Sargão, estes queixam-se de que o rei assírio não restaurou os privilégios desta cidade. A ABL 1029+, embora muito danificada, relata que os habitantes de Nemed-Laguda se sentem bastante injustiçados pelo facto de Sargão ter concedido privilégios a outras cidades da Babilónia e não a eles.

²⁶² Os anos em que a Assíria esteve ocupada em outras regiões (nomeadamente a Norte e Oeste do Levante) foram cruciais para a recuperação da Babilónia, a todos os níveis. Embora os escribas de Sargão façam uma descrição quase maléfica do rei babilónio – representando-o como um mero homem tribal e não parte da população tradicional da Babilónia, que se apropriou do trono da Babilónia contra a vontade dos deuses, um monarca rejeitado pelas elites babilónias, um opressor que maltratava a população não-tribal que não respeitava os principais centros culturais (ARAB II: 14 e J.A. Brinkman, 1984:47) – a não interferência assíria permitiu ao rei caldeu (que conseguiu unir à sua volta tanto os vários grupos tribais como a população tradicional babilónia) realizar uma série de projectos próprios do rei da Babilónia. Entre vários, Brinkman destaca a reparação dos templos dos deuses da Babilónia, reconheceu os privilégios dos habitantes de cidades sagradas como a Babilónia, Sippar ou Borsipa, a boa gestão do sistema administrativo e a construção ou manutenção dos canais, sistemas de irrigação e pontes (J. A. Brinkman 1984:49).

²⁶³ A carta CT 54 070 (K 04778) refere que “a guarda de Esagila e da Babilónia e os deuses do rei (...) estão bem” assim como “os corações de toda a terra de Acade estão felizes”. A ABL 0516 é uma carta enviada por Bel-iddina, um babilónio enviado por Sargão para inspeccionar os templos por toda a Babilónia. Esta carta não refere, tal como a anterior, em que ambiente se vivia na Babilónia, no entanto, o facto de se estar a verificar em que estado de conservação estão todos os templos das cidades da Babilónia pode ser visto como a normalidade vivida nestas cidades, num ambiente que já não é de guerra.

²⁶⁴ ARAB II:21.

Com a morte de Sargão em batalha, o seu filho Senaquerib torna-se rei da Assíria. Como vimos anteriormente, a relação entre o monarca e a Babilónia estava condenada a fracassar desde o momento que Sargão morre no campo de batalha, não sendo possível recuperar o seu corpo. Embora não sendo tão explícito, Senaquerib culpabilizava o pai pelo seu próprio destino. A morte fora da assíria era vista como um castigo divino e parece que, em parte, Sargão terá sido castigado pelos deuses assírios devido ao culto, em excesso, que prestava aos deuses babilónios.

Querendo distanciar-se o mais possível do pai, Senaquerib tomou uma série de medidas que garantiam a diferença da política de Sargão. Em primeiro lugar, é logo de referir que Sargão não é mencionado na última edição dos anais de seu filho (como era costume acontecer). Por outro lado, o rei não adopta nenhum título real babilónio²⁶⁵, sendo apenas “rei do universo, rei da Assíria, rei dos quatro cantos” e não parece ter participado em nenhum Festival de Ano Novo, como fizeram os seus antecessores. Também Dur-Šarrukkin, a recém-inaugurada capital da Assíria construída por Sargão²⁶⁶, foi abandonada, regressando a Nínive.

Durante o reinado de Senaquerib, a Babilónia passou por todos os tipos de governação: continuou uma província após a morte de Sargão; tornou-se num estado vassalo após uma revolta, com Bel-ibni no trono; terá ficado com um estatuto incerto (algures entre província e estado vassalo) quando o filho herdeiro, Aššur-nādin-šumi, é nomeado como rei; e por fim é, por assim dizer, expulsa da Assíria quando Senaquerib destrói a cidade da Babilónia e deixa ao abandono toda a região.

Como vimos anteriormente, depois do reinado fracassado de Bel-ibni, Senaquerib colocou no trono da Babilónia o seu filho, Aššur-nādin-šumi. Os 6 anos de reinado do príncipe assírio parecem não ter tido qualquer revolta ou perturbação, mas a falta de documentação não nos permite fazer uma análise completa. Tendo em conta o carácter deste rei e as suas acções relativamente à Babilónia ao longo do seu reinado, podemos especular que o plano de Senaquerib ao tornar o seu filho rei da

²⁶⁵ J. A. Brinkman, *JAOS* Vol. 103/1 (1983b):35.

²⁶⁶ A não ser confundida com a província Dur-Šarrukku. Para mais informações sobre a capital de Sargão consultar S. Parpola, “The Construction of Dur-Šarrukin in the Assyrian Royal Correspondence” em A. Caubet, “Khorsabad, le palais de Sargon II, roi d'Assyrie”. Paris: Louvre, conférences et colloques, 1995:49-77.

Babilónia poderia passar por mostrar aos babilónios que o poder assírio na Babilónia, além de aumentar ia tornar-se mais forte depois da governação de Bel-ibni ou por diminuir a probabilidade de os babilónios se revoltarem quando Aššur-nādin-šumi se tornasse rei da Assíria, proporcionando-lhe uma maior respeito por parte dos babilónios. Qualquer que fosse a intenção de Senaquerib este método de governação acabou por fracassar também. Embora tudo aponte para que o príncipe assírio tenha sido entregue ao Elam por um grupo pequeno de babilónios (que poderia não corresponder à vontade dos outros babilónios), o castigo de Senaquerib foi geral para todos os babilónios.

A destruição da Babilónia é um dos episódios que mais marcou a governação assíria daquela região. Esgotadas as diferentes hipóteses de governação e com o ressentimento pela morte do filho, Senaquerib não viu outra solução. É de notar que nunca na história destes dois reinos um rei assírio tinha aplicado um castigo tão grande à Babilónia. Estamos habituados a ver esse género de destruição nas outras campanhas militares da Assíria por várias zonas do seu império (e não só) mas nunca na Babilónia.

O registo da destruição da Babilónia está em apenas duas das inscrições de Senaquerib: a inscrição de Bavian²⁶⁷ e a estela da fundação do Templo do Festival de Ano Novo, encontrada em Aššur. O relato da destruição da Babilónia parece ter sido deliberadamente ocultado dos anais assírios onde os escribas apenas relatam o castigo de Senaquerib a todos os que estiveram envolvidos nas revoltas contra ele mas não ao que aconteceu à Babilónia²⁶⁸. A estela do Templo remete-nos para a necessidade que Senaquerib teve de se afastar da política religiosa que Sargão teve em relação aos deuses da Babilónia. Senaquerib conta que “para acalmar o coração de Aššur” levou um pouco de terra (ou pó) da Babilónia que colocou num recipiente dentro do templo. Esta passagem da estela demonstra que mesmo depois de vários anos de reinado, Senaquerib continuava a querer provar aos deuses assírios, nomeadamente Aššur, que

²⁶⁷ Existe um terceiro relato da destruição da Babilónia, o prisma K 1634, mas que apenas parece reproduzir a inscrição de Bavian, para além do facto de este prisma estar bastante danificado. Desta forma, só teremos em consideração os dois exemplares referidos em cima.

²⁶⁸ ARAB II:127.

não iria seguir, nem concordava, com a forma como Sargão negligenciou o panteão assírio em detrimento do babilónio.

Senaquerib parece não ter problemas em assumir que é ele quem ordena a destruição da Babilónia, tanto na estela do Templo:

After I had destroyed Babylon, had smashed gods thereof, and had struck down its people with the sword, that the ground of the city might be carried off, I removed its ground and had it carried to the Euphrates (and on) to the sea.²⁶⁹

Como na inscrição de Bavian:

Through the midst of that city I dug canals, I flooded its site with water, and the very foundations thereof I destroyed. I made its destruction more complete than tan by a flood. That in days to come the site of that city, and its temples and gods, might not be remembered, I completely blotted it out with floods of water and made it like meadow.²⁷⁰

Este comportamento do rei não deixa dúvidas quanto ao carácter pessoal que a destruição da Babilónia teve para Senaquerib. Para além do mais, os relatos da destruição de uma cidade tão importante para a cultura assíria devem ter chegado a vários pontos do império, sendo também um exemplo que Senaquerib queria dar aos outros povos da Assíria demonstrando-lhes que um castigo igual iria ser aplicado a quem ousasse rebelar-se contra o rei. Não podemos deixar de pensar no que teria acontecido caso o príncipe herdeiro não tivesse sido entregue ao Elam. E, por outro lado, uma vez que tudo indica que os seus 6 anos de governação foram bastante prósperos para a Babilónia, por que razão teriam os babilónios traído o seu rei de uma maneira tão severa? Seja como for, a destruição da Babilónia ficou guardada na

²⁶⁹ ARAB II:185.

²⁷⁰ ARAB II:152.

memória do seu povo e os anos que se seguiram foram ocultados de qualquer registo assírio.

Durante os últimos anos do reinado de Senaquerib, não temos quaisquer informações sobre o que se passava na região. Os habitantes da babilónia devem ter ficado bastante chocados com o nível de destruição que Senaquerib deixou. Durante os 8 anos que se seguiram (até 681), as Crónicas relatam que “não houve rei na Babilónia”. Para além do mais, a estátua de Marduk teria sido levada para a Assíria impossibilitando a realização do Festival de Ano Novo, a comemoração mais importante do calendário babilónio. Caso o rei assírio não tivesse sido assassinado²⁷¹, o mais provável é que a Assíria continuasse sem intervir nos assuntos babilónios. No entanto, com a chegada ao trono de Assaradão, a situação muda radicalmente.

Ao contrário de seu pai, Assaradão adopta títulos reais babilónios apesar de raramente as inscrições o declararem “rei da Babilónia” mas sim “vice-rei da Babilónia” ou “rei da Suméria e de Acade”²⁷². As inscrições que chegaram até nós – especialmente aquelas relacionadas com as suas construções – demonstram como o rei assírio deixou claro, desde cedo, que não iria seguir a política de seu pai. Sem nunca mencionar o nome de Senaquerib, Assaradão conta como antes do seu tempo, “no reinado de um rei anterior”, a Babilónia viveu tempos difíceis. A governação de Assaradão vai ficar marcada pela tentativa de reconciliação com os babilónios, não se poupando a esforços para conseguir devolver às cidades da Babilónia o seu esplendor anterior:

*The naked I clothed and turned their feet into the road to Babylon. To (re)settle the city, to rebuild the temple, to set our plantations, to dig irrigation-ditches I encouraged them. Their clientship which had lapsed, which had slipped of (their) hands, I restored.*²⁷³

²⁷¹ Um estudo aprofundado sobre o assassinato de Senaquerib pode ser consultado em E. G. Kraeling, *JAOS* 53 (1933):335-346.

²⁷² Apesar de as Crónicas Babilónias não considerarem Assaradão rei da Babilónia, outros documentos administrativos de cidades como a Babilónia, Sippar, Uruk ou Borsipa atestam a governação do rei assírio (Cf. G.Frame, 2007:265).

²⁷³ ARAB II:253.

A reconstrução da Babilónia por parte de Assaradão estava prevista desde o tempo em que o rei ainda era príncipe herdeiro. Bel-ušezib foi um astrólogo de origem babilónia que esteve ao serviço dos reis Senaquerib e Assaradão. Terá sido durante o reinado de Senaquerib que o astrólogo entregou um presságio ao exorcista Dadâ e à mãe de Assaradão onde previa que o príncipe herdeiro iria ser a grande figura por detrás da reconstrução da Babilónia. Embora não tenhamos este “presságio do reinado do príncipe herdeiro Assaradão”, mais tarde Bel-ušezib escreve uma carta a Assaradão onde evoca esse presságio. Na ABL 1216, o astrólogo babilónio relembra ao rei como esteve a seu lado nos momentos incertos do início do seu reinado e como o “sinal do reinado” de Assaradão tinha chegado.

Para além da reconstrução, parte da governação de Assaradão passou por devolver os privilégios às cidades da Babilónia. Depois das acções do seu pai, o rei assírio deveria sentir uma grande pressão – mesmo por parte de elites na corte assíria – para restituir os estatutos de cidades como a Babilónia, Borsipa, Sippar, Nippur, Ur ou Uruk²⁷⁴. Todas elas eram dignas de receber os privilégios dos antigos centros culturais, termos que Assaradão refere como *kidinnutu*, *subarru*, *zakutu* e *anduraru*²⁷⁵. Não estabelecer estes privilégios podia ser motivo de revolta por parte dos babilónios.

Uma das primeiras acções que Assaradão tomou foi a nomeação de um governador para a Babilónia. Em várias cartas temos atestada a existência de um homem chamado Ubaru que numa carta que envia a Assaradão se proclama como “comandante da Babilónia”²⁷⁶. Esta carta, a ABL 0418, parece datar do início do reinado de Assaradão uma vez que Ubaru relata que os babilónios estão contentes com a chegada do governador e que reconhecem Assaradão como aquele que devolveu à Babilónia os seus “cativos e despojos”. Ubaru seria responsável por resolver os problemas da Babilónia, tendo, por exemplo, sido chamado a intervir numa disputa de água na cidade de Nippur, como relata a carta ABL 0327.

²⁷⁴ ARAB II:258.

²⁷⁵ G. Frame, 2007:75.

²⁷⁶ A ABL 0702, enviada por um astrólogo a Assaradão, também descreve Ubaru como comandante da Babilónia.

Assaradão também percebeu que para conquistar os babilónios tinha de os envolver na sua governação. De acordo com B. N. Porter, para além dos oficiais assírios presentes na Babilónia, também existiam oficiais babilónios, com um estatuto inferior aos primeiros, que supervisionavam as actividades do dia-a-dia²⁷⁷. Esta divisão de poderes envolvia os babilónios na política de governação de Assaradão, ou seja, ao dar mais poderes aos babilónios o rei contava receber em troca o seu apoio²⁷⁸.

É visível nas inscrições o esforço que Assaradão desenvolveu para a reconstrução da Babilónia, que deverá ter começado por volta de 680²⁷⁹. Embora não possamos testar o nível de destruição que Senaquerib deixou, pelo que não podemos saber a dimensão real dos projectos de reconstrução, é claro que Assaradão tornou a reconstrução da Babilónia o seu principal projecto²⁸⁰.

O rei assírio pretendia que as acções de seu pai fossem esquecidas mas, mais importante, que os habitantes da Babilónia compreendessem que esta teria sempre um estatuto especial dentro do império assírio. A atitude de Senaquerib tinha sido uma excepção ao bom relacionamento que a Assíria sempre tinha tido com a Babilónia e não deveria ser vista como uma retaliação. O rei assírio era o grande protector da Babilónia e Assaradão sabia que essa condição era a única maneira de apaziguar o descontentamento de alguns habitantes.

Como já vimos no segundo capítulo deste trabalho, esta estratégia de governação permitiu que a Babilónia recuperasse economicamente da destruição de Senaquerib²⁸¹. Temos de questionar se esta terá sido uma atitude correcta por parte do rei assírio. A governação da Babilónia estava mais facilitada para a Assíria quando a

²⁷⁷ Actividades que iam desde a supervisão dos templos à manutenção de canais.

²⁷⁸ B. N. Porter, 1993: 38-39.

²⁷⁹ B. N. Porter, 1993:43.

²⁸⁰ Em determinada altura o processo de reconstrução da Babilónia terá tido oponentes. Numa carta enviada ao rei, ABL 0501, Rašil informa Assaradão que alguns homens terão ficado descontentes quando souberam que o processo de reconstrução da cidade estava em marcha. A carta está danificada pelo que não podemos afirmar com toda a certeza que terá sido isto que aconteceu. Outra alternativa poderá ser que estes homens faziam parte da elite de uma outra importante cidade da Babilónia e quando souberam que o rei estava a reconstruir a cidade da Babilónia ficaram descontentes pois queriam o mesmo tratamento para a sua própria cidade.

²⁸¹ Numa única campanha na Babilónia, Senaquerib afirma que destruiu o palácio da cidade da Babilónia, destruiu oitenta e oito cidades e oitocentas e vinte aldeias caldeias, despojou os tesouros das cidades de Uruk, Nippur e Kish e, no fim, levou consigo duas centenas de milhares de pessoas, sete mil cavalos e mulas, onze mil macacos, cinco mil camelos, oitenta mil unidades de gado e oito centenas de milhares de carneiros e cabras (B. N. Porter, 1993:39).

dependência era maior²⁸². Ao fornecer os recursos necessários para que essa dependência fosse cada vez mais reduzida, o rei assírio estava a dificultar a sua própria governação da Babilónia. A reconstrução da Babilónia e o crescimento económico²⁸³ das suas cidades²⁸⁴ poderia dar aos babilónios a confiança necessária para quererem assumir o controlo da Babilónia, libertando-se do jugo assírio. Assaradão não teve grandes obstáculos à sua governação, à excepção de uma revolta de que já falámos anteriormente, no entanto, é bastante claro que o modo como governou a Babilónia abriu caminho para que mais tarde os papéis se invertissem, com a Babilónia a reunir as condições necessárias para conquistar e governar a Assíria.

Apesar da governação quase obsessiva da Babilónia, a presença de Assaradão na região não parece corresponder às acções do rei. Na verdade, tendo em conta toda a grandeza com que as inscrições reais retratam a reconstrução da Babilónia e o papel de protector que o rei tem dos babilónios, só temos atestada a presença de Assaradão quando ele próprio declara que esteve presente nos trabalhos de reconstrução da Babilónia (um acontecimento que provavelmente nunca aconteceu), quando teve de resolver a questão de Šamaš-ibni e quando se deslocou ao templo de Eanna, em Uruk, para fazer oferendas a Ištar²⁸⁵. Para além do governador assírio nomeado para a Babilónia, Assaradão contava com uma vasta rede de oficiais que mantinha o rei constantemente informado de todas as actividades que se passavam na região. Por esta razão poderia não haver necessidade da presença de Assaradão no processo da reconstrução e reorganização da Babilónia. Mesmo sem a presença de Assaradão na Babilónia, as ordens do rei assírio eram executadas por estes oficiais, sendo o mais importante destes Mar-Issar²⁸⁶. Este oficial foi essencial para a governação assíria pois tinha como principal objectivo supervisionar os projectos de construções de um

²⁸² Quando Assaradão chega ao poder, os babilónios estavam exaustos e a Babilónia sem recursos, das constantes revoltas que se faziam sentir desde o reinado de Tiglath-Pileser III. A proclamação de Assaradão como rei da Babilónia e a sua vontade em restaurar a sua importância deve ter sido uma lufada de ar fresco para os babilónios.

²⁸³ Temos disponíveis vinte e sete textos económicos datados do reinado de Assaradão de várias cidades da Babilónia (J. A. Brinkman, *JCS* 35/I e II (1983a) I.1 a I.28 (com excepção de I.4 que é um texto proveniente da cidade de Aššur)).

²⁸⁴ Para mais informações sobre o crescimento económico das cidades babilónicas no primeiro milénio a.C. consultar M. Jursa em G. Leick (2007):224-235.

²⁸⁵ ARAB II:284.

²⁸⁶ Mar-Issar é a figura máxima assíria (à excepção do rei) no processo de reconstrução de todas as cidades da Babilónia. De acordo com M. Luukko e G. Van Buylaere, Mar-Issar só terá assumido esta posição por volta de 671 (SAA 16:XXXV).

grande número de cidades babilónicas. Mar-Issar é o único oficial que temos conhecimento de ter um papel tão activo na reconstrução da Babilónia mas se Assaradão contasse com mais oficiais como este é certo que a sua presença na Babilónia, ou a falta dela, não era fundamental para os projectos que tinha em mente.

O governo de Assaradão na Babilónia ficou marcado pela reconstrução da sua principal cidade mas também pela nomeação de dois príncipes herdeiros para governar a Assíria e a Babilónia. Não é claro o porquê da divisão²⁸⁷. Possivelmente Assaradão pensava que se os babilónios tivessem um rei independente da Assíria poderiam ser menos propensos a revoltas mesmo que tudo aponte para que Šamaš-šuma-ukīn fosse uma espécie de vassalo de Assurbanípal. Por outro lado, o facto de nenhum outro estado do império assírio ter um rei proclamado pelo rei assírio poderia querer transmitir a ideia que os babilónios estariam a um nível superior dos outros povos que faziam parte da Assíria, razão pela qual deveriam ter direito a um rei próprio.

Como vimos anteriormente, apesar das dificuldades sentidas no início do reinado, com todas as incertezas levantadas por Assurbanípal quanto à nomeação de Šamaš-šuma-ukīn como rei da Babilónia, o príncipe assírio acabaria por ser coroado em 668. As inscrições assírias relatam como foi Assurbanípal quem nomeou Šamaš-šuma-ukīn rei da Babilónia, ocultando por completo o facto de que foi Assaradão quem tomou essa decisão, transmitindo-a até numa cerimónia que teria sido conhecida pelos povos da Assíria e da Babilónia. Com este engano, o mais certo é que Assurbanípal pretendia cair nas boas graças dos babilónios, presenteando-os com um rei exclusivo e, ao mesmo tempo, oferecendo “a protecção feudal da Babilónia”²⁸⁸.

As omissões dos feitos de Assaradão parecem ser uma constante nas inscrições de Assurbanípal²⁸⁹. Vimos que o mesmo aconteceu com a “apropriação” da nomeação do seu irmão como rei da Babilónia, mas este não é o único exemplo. O rei afirma que

²⁸⁷ Assaradão poderia estar a seguir o exemplo de governação de Senaquerib quando nomeou Aššur-nādin-šumi rei da Babilónia. No entanto, uma vez que Assaradão sabia do destino que o seu irmão sofreu, o rei assírio iria tomar as atitudes necessárias para que Šamaš-šuma-ukīn não tivesse de lidar com o mesmo.

²⁸⁸ ARAB II:381.

²⁸⁹ De acordo com B. N Porter, o mais certo é que Assurbanípal foi realmente o rei que terminou os projectos de construção na Babilónia iniciados por Assaradão (B. N Porter, 1993:51-60).

foi ele, e não o pai, quem terminou o trabalho em Esagila durante o reinado do seu irmão²⁹⁰, quem tornou a Babilónia habitável (de novo), quem reconstruiu os santuários de todas as cidades e quem retomou as oferendas a Marduk e aos deuses da Babilónia que tinham sido interrompidas²⁹¹. É certo que o rei estaria a querer agradar os Babilónios tal como seu pai o fez anteriormente, no entanto, a relação de Assaradão com a Babilónia foi, de um modo geral, boa. Não havia necessidade de Assurbanípal ocultar essa mesma relação das suas inscrições. Se o objectivo de Assurbanípal era aproximar-se do povo da Babilónia, ocultar das suas inscrições os projectos que o seu pai tinha iniciado (e mesmo que não os tivesse concluído), para restabelecer a ligação entre a Assíria e a Babilónia, poderia não ser a melhor opção. Isso só seria conveniente caso o rei quisesse distanciar-se das acções de Senaquerib que estariam ainda bem presentes na memória colectiva de tanto assírios como babilónios. Pelo contrário, Assurbanípal até parece dar algum destaque ao seu avô ao fazer várias referências ao seu nome²⁹², o que, por sua vez, não demonstra vontade em esconder a sua filiação do rei que destruiu a Babilónia. Ficamos aqui com um dilema sobre qual a verdadeira intenção de Assurbanípal. Quanto à questão de Senaquerib, podemos argumentar que o rei nunca responsabilizou o avô pela destruição da Babilónia (eram as ordens de Marduk), pelo que estava apenas a adoptar a tradição de o mencionar nas suas inscrições, apesar mesmo de apenas pouco mais de uma década ter passado, ou seja, a maioria das pessoas que habitaram a Babilónia durante pelo menos o início do seu reinado de Assurbanípal tinham presenciado a destruição das suas cidades. Quanto à questão da omissão das acções de Assaradão, a especulação é maior. Duas possibilidades saltam logo à vista. Num cenário, Assurbanípal queria apropriar-se das acções do pai na Babilónia com o objectivo de ser mais respeitado pelo seu povo, incorporando a figura de rei protector dos babilónios. Uma outra alternativa é que os anais e inscrições reais de Assaradão estejam exageradamente repletos de construções (na Babilónia) que nunca tiveram lugar. Sabemos que este género de relatos que os

²⁹⁰ Cf. CT 9 5.

²⁹¹ ARAB II:370-371.

²⁹² Tendo em conta todos os textos presentes no ARAB II, a referência nos anais e inscrições reais aos pais e avôs é muito recorrente, no entanto no caso de Assurbanípal existe uma contagem curiosa. Enquanto o pai do rei costuma ser mencionado mais vezes que o avô, no caso de Assurbanípal esse número é muito próximo: vinte e uma vezes Senaquerib e vinte e quatro vezes Assaradão. Nas inscrições de Assaradão, por exemplo, o seu pai é mencionado mais dez vezes que o seu avô Sargão.

reis assírios deixaram para o futuro estava repletos de propaganda real, podendo existir a possibilidade de muito do que foi escrito ser pouco, ou mesmo nada, verdadeiro ou ser algum exagero forçado da realidade. Apesar disso, se tivermos em consideração as cartas escritas durante o reinado de Assaradão temos provas mais fidedignas de que este rei enveredou por um grande processo de construção da Babilónia²⁹³ e, ao contrário do que afirma Assurbanípal, já durante esse reinado os habitantes da Babilónia regressaram a casa, pelo que já era uma zona “habitável”. De qualquer das formas, os mais de 50 anos de duração dos reinados de Assaradão e Assurbanípal foram suficientes para terminar a reconstrução da Babilónia e deixá-la habilitada a pôr fim ao grande império assírio.

Todos estes problemas levantados por Assurbanípal foram parte da razão pela qual o seu irmão só se tornaria rei um ano depois de si. Por outro lado, o facto de as duas primeiras campanhas militares do rei serem no Egipto²⁹⁴ - um território bastante longe de casa e para onde Assurbanípal teria, certamente, acompanhado o seu exército - pode também ter contribuído para o estado da partida de Šamaš-šuma-ukīn para a Babilónia.

O rei babilónio adoptou os títulos reais babilónios, tanto os que eram normalmente usados pelos reis assírios como alguns mais antigos, do tempo dos reis de Uruk, como é o caso de “rei de Amnanu”²⁹⁵. Muito provavelmente, a adopção deste título tinha o intuito de aproximar Šamaš-šuma-ukīn, que não deixava de ser um príncipe assírio, do povo da Babilónia. Essa aproximação também pode ser vista nas suas inscrições reais onde o rei se assume como o rei que foi escolhido pelos deuses para reunir o povo de Acade, que estava disperso, e levá-los de volta para a Babilónia²⁹⁶.

Apesar de ser um rei assírio, Šamaš-šuma-ukīn foi um rei muito ligado ao povo da Babilónia, no entanto Assurbanípal nunca permitiu que o irmão se assumisse de um modo independente, desempenhando as principais funções de governação da

²⁹³ Lembramos todas as cartas enviadas por Mar-issar e o seu papel na reconstrução da Babilónia. Falaremos mais adiante dos projectos de construção relacionados com templos.

²⁹⁴ ARAB II:292-296.

²⁹⁵ C. F. Lehmann, 1891:Texto A 6.

²⁹⁶ C. F. Lehmann, 1891:Texto A 9.

Babilónia. Nas inscrições das construções de Assurbanípal, o rei reclama também ter restabelecido os privilégios da Babilónia. É de referir que o rei não dá tanta importância a esse tópico como o seu pai deu. Não encontramos nas suas inscrições muitos exemplos de como o rei confere esses privilégios aos babilónios, sendo a cidade da Babilónia a única que merece essa honra²⁹⁷. Na ABL 0878, os habitantes da cidade da Babilónia fazem referência a esses mesmos privilégios. Esta carta enviada pelos babilónios aos reis Assurbanípal e Šamaš-šuma-ukīn é única pois é um pedido para que os privilégios dos babilónios sejam alargados a mulheres estrangeiras que vivam na cidade. Não sabemos se algum dos reis terá respondido ao apelo destes habitantes mas não sobram dúvidas em como a cidade da Babilónia mantinha o seu estatuto no reinado de Assurbanípal. Fora dos anais e das inscrições reais, a única cidade a quem é conferido o *kidinnutu* por Assurbanípal é Sippar²⁹⁸.

O rei assírio também intervinha na própria política, interna e externa, da Babilónia. Já referimos anteriormente como Assurbanípal lidou com os reis do Elam quando estes se revoltaram contra o rei e invadiram a Babilónia, no entanto, dentro da própria da Babilónia, a influência do rei fazia-se sentir fortemente. Vimos anteriormente como as cidades do Sul da Babilónia eram as principais aliadas de Assurbanípal durante a revolta de Šamaš-šuma-ukīn. Essas mesmas cidades parecem nunca ter assumido Šamaš-šuma-ukīn como seu rei pois podemos encontrar alguns exemplos em diferentes tipos de texto em como Assurbanípal era visto como o rei legítimo destas cidades. Num texto proveniente de Uruk, a datação é feita de acordo com o reinado²⁹⁹; Nabû-ušabši³⁰⁰, governador dessa cidade, trocou correspondência com Assurbanípal³⁰¹, mantendo-o informado sobre os assuntos da cidade; também alguns notáveis desta cidade parecem ter ido ao encontro de Assurbanípal, e não Šamaš-šuma-ukīn, como forma de demonstração do seu apoio para com o rei

²⁹⁷ ARAB II:370.

²⁹⁸ G. Frame e A. K. Grayson, *SAAB* 8 (1984):3-12.

²⁹⁹ A. Pohl, *AnOr* 9 (1934):7.

³⁰⁰ Segundo Frame, este governador assumiu as suas funções entre 666 e 661 e manteve-se no governo quando a revolta de Šamaš-šuma-ukīn começou (G. Frame, 2007:127).

³⁰¹ Na ABL 0268, por exemplo, Nabû-ušabši informa Assurbanípal que o rei do Elam ofereceu um presente a Ištar de Uruk e que, por respeito a Assurbanípal, o governador não o ofereceu ao templo da deusa.

assírio³⁰². Em Ur, o governador Sin-balaṣu-iqbi³⁰³ construiu pelo menos dois monumentos que dedicou “ao sopro da vida” de Assurbanípal³⁰⁴.

Apesar desta intromissão de Assurbanípal nos assuntos babilónios, o mais certo é que a maioria dos habitantes da região apoiasse Šamaš-šuma-ukīn e não o rei assírio³⁰⁵. Os assuntos mais relacionados com os problemas diários parecem ser aqueles onde Šamaš-šuma-ukīn tinha mais controlo. Um desses assuntos está registado num *kudurru* que estaria situado na província de Bit-Dakkūri e relata como um homem chamado Adad-ibni pediu a Šamaš-šuma-ukīn, enquanto rei da Babilónia, que lhe devolvesse as terras que Assaradão tinha prometido a seu pai mas que nunca lhe tinham sido dadas³⁰⁶.

Mesmo que a intromissão de Assurbanípal tenha criado no seu irmão um sentimento de revolta, a verdade é que a governação repartida pelos dois favoreceu a Babilónia. Se tivermos em conta o inigualável número de textos económicos³⁰⁷ datados dos reinados de Assurbanípal e Šamaš-šuma-ukīn das mais diversas cidades – Babilónia, Borsipa, Cutha, Dilbat, Kish, Nippur, Sippar, Ur ou Uruk, entre outras – vemos que em nenhum outro reinado de um monarca assírio a Babilónia prosperou tanto e tão rapidamente. É de referir que a maioria destas cidades datava os seus documentos de acordo com o reinado de Šamaš-šuma-ukīn, existindo também cidades como Ur e Uruk onde foram encontrados textos económicos datados de acordo com o reinado de Assurbanípal. Alguns exemplos dos textos económicos deste período envolvem a venda de casas³⁰⁸, empréstimos (notas de crédito) de prata com ou sem juros³⁰⁹, documentos relacionados com escravos³¹⁰ ou a compra de terras³¹¹.

³⁰² G. Frame, 2007:127

³⁰³ Este governador seria, também, governador da cidade de Eridu e era filho do antigo governador Nikkal-iddina.

³⁰⁴ UET 1 168 e 170

³⁰⁵ Esse apoio será mais visível em 653 quando Šamaš-šuma-ukīn inicia a sua revolta contra Assurbanípal. Temos disponível, no entanto, um exemplo que nos chega da cidade de Ur onde o governador Sin-šarra-usur afirma a sua lealdade a Šamaš-šuma-ukīn. Possivelmente trata-se de um período ou imediatamente antes da revolta do rei babilónio ou já durante essa mesma revolta (J. A. Brinkman, 1984:88).

³⁰⁶ BBSt 10

³⁰⁷ Consultar Anexo A.

³⁰⁸ OIP 122 3.

³⁰⁹ CT MET III 5 e 6.

³¹⁰ BE Vol. 8.1 Texto 3.

³¹¹ CT 10 5.

Tendo isto em conta, podemos concluir que durante o reinado do último grande rei do império neo-assírio, e antes da revolta de Šamaš-šuma-ukīn, a Babilónia estava reduzida ao estatuto de estado vassalo - uma vez que com um rei autónomo deveria ter alguma independência da Assíria - mas com a agravante de ser praticamente governada como se de uma província se tratasse. Este género de governação remete-nos para o reinado de Senaquerib quando Bel-ibni é colocado no trono da Babilónia pelo rei assírio mas com o estatuto de um rei fantoche.

Com a revolta controlada, Assurbanípal parece adoptar um controlo mais rigoroso da Babilónia. Através das inscrições reais ficamos a saber que Assurbanípal nomeou “governadores e perfeitos” que eram da sua confiança para a Babilónia impondo aos seus habitantes o pagamento de tributos aos deuses da Assíria e o pagamento de taxas e tributos próprias de um estado vassalo³¹². Assurbanípal, ao contrário dos outros reis deste período, é bastante claro quanto à imposição do pagamento de tributos por parte dos babilónios. Estes, por norma, estavam isentos de pagar tributo à Assíria devido à sua qualidade de pessoas de “estatuto privilegiado”. Podemos imaginar como reagiram os babilónios a esta imposição de Assurbanípal. Tendo em conta que nem Senaquerib parece ter imposto o pagamento de tributos aos babilónios, esta acção por parte de Assurbanípal parece ser bastante audaz. A Babilónia perdia assim parte da sua importância dentro do império assírio o que poderá ter levado a que alguns babilónios que tradicionalmente apoiavam o rei assírio se tenham ressentido com esta decisão, contribuindo para que mais tarde Nabopolassar não tivesse tantas dificuldades em se assumir como rei da Babilónia.

Vimos que a governação da Babilónia por parte de Kandalanu não está suficientemente registada para podermos tirar algumas conclusões no que toca ao seu papel no controlo da Babilónia. Sabemos, no entanto, que um oficial chamado Šamaš-danninanni terá sido nomeado governador da Babilónia³¹³ o que fortalece ainda mais a ideia de que a Babilónia era controlada directamente pela Assíria, assemelhando-se mais a uma província do que a um estado vassalo.

³¹² ARAB II:305.

³¹³ As informações sobre este oficial são quase nulas. Sabemos apenas que de acordo com a lista de epónimos está atestado como governador em 644 (J. E. Reade, (1998):256).

Analisados os diferentes modos de governação da Babilónia durante 120 anos (745-627), percebemos que não houve uma coerência por parte dos monarcas assírios, no entanto, todos eles governaram a Babilónia tendo atenção ao seu estatuto dentro do panorama mesopotâmio. Mesmo Senaquerib nomeou como rei da Babilónia o seu filho herdeiro, pelo que, apesar da posterior destruição, não podemos acusar o rei de total indiferença para com o reino vizinho. Apesar dos cuidados demonstrados por parte da Assíria, a maioria dos babilónios nunca terá apoiado esta governação. O mais certo é que apenas a elite babilónia apoiava o controlo assírio pois esta era a que mais beneficiava dos privilégios concedidos pelos monarcas assírios. Apenas Šamaš-šum-ukīn parece ter conseguido reunir o apoio de grande parte da população do Norte da Babilónia mas, muito provavelmente, apenas porque também ele estava descontente com a governação de Assurbanípal e decidiu revoltar-se contra o irmão. Caso o rei babilónio se tivesse mantido fiel à Assíria o desfecho do seu reinado poderia ter sido devido a uma revolta dos babilónios como já tinha acontecido anteriormente.

Tendo em conta a análise que fizemos na segunda parte deste trabalho e a que foi feita neste capítulo parece claro que a Babilónia preferia ser um reino independente da Assíria do que fazer parte do seu império com um estatuto especial e privilegiado mesmo os babilónios podendo verificar por eles próprios que o governo assírio foi benéfico para a região.

2.1 A relação do rei assírio com os babilónios

Para além da importância dada à governação da Babilónia, também os babilónios foram alvo de atenção por parte dos monarcas assírios. Especialmente através de cartas que chegaram até nós podemos analisar como os babilónios não podiam ser equiparados aos outros povos que compunham o império assírio. Estas cartas são complementadas por alguns relatos das inscrições reais mas ao eliminarmos o carácter propagandístico próprio das inscrições assírias podemos ver a realidade da relação entre o rei assírio e os habitantes da Babilónia.

O primeiro registo disponível onde podemos encontrar algum género de destaque dado pelos assírios à Babilónia chega-nos do reinado de Tukulti-Ninurta I. De acordo com a Crónica P, depois de derrotar o rei cassita Kaštiliaš IV, o monarca assírio destruiu as muralhas da cidade da Babilónia, saqueou os templos e levou para a Assíria a estátua de Marduk. Tukulti-Ninurta tornou-se o primeiro rei assírio com controlo sobre a baixa Mesopotâmia, tornando-se também o primeiro a adoptar o título de “rei de Karduniaš”, “rei da Suméria e Acade” e “rei de Sippar e Babilónia”.

Avançando agora alguns séculos até ao reinado de Tiglath-Pileser III, utilizando o vasto conjunto de cartas disponíveis, podemos analisar um pouco melhor como evoluiu essa relação. Como vimos anteriormente, quando Nabû-našir morre em 734, o seu filho sobe ao trono da Babilónia, mantendo o governo durante 2 anos. Em 732, depois de uma revolta, Mukin-zeri proclama-se rei da Babilónia. Como vimos anteriormente, Mukin-zeri era um caldeu da tribo Bit-Amukāni e quando iniciou a sua revolta não tinha, de todo, o apoio da população da cidade da Babilónia. O sentimento de medo e ansiedade sentido pela população local pode ser comprovado através da carta ND 2438. Segundo Saggs³¹⁴, esta carta escrita por Tiglath-Pileser III aos babilónios, após Mukin-zeri iniciar a sua revolta mas antes de conquistar a cidade, relata com o rei assírio estaria a par do que se passava na região, não culpando os babilónios das acções do rebelde caldeu. A carta diz-nos ainda que o rei iria partir para a Babilónia, no entanto, sabemos que não chegou a tempo de impedir a entrada de Mukin-zeri na Babilónia, conforme descrito numa outra carta, ND 2695. Aconselhando os babilónios a “não terem receio”, Mukin-zeri entrou na cidade, não encontrando qualquer tipo de resistência³¹⁵. Instalado o novo rei, vimos que Tiglath-Pileser necessitou de duas campanhas, uma em 731 e outra em 729, para derrotar Mukin-zeri. Embora sem certezas de datas, sabemos que neste período de tempo o rei assírio tentou uma intervenção não-militar na Babilónia, tentando chamar à razão os seus habitantes. De acordo com a carta ND 2632, Šamaš-bunaya e Nabû-nammir são enviados pelo rei para a Babilónia onde na porta de Marduk se dirigem aos babilónios (e não aos caldeus):

³¹⁴ H. F. Saggs, 2001:9.

³¹⁵ Embora esta carta tenha algumas lacunas, Dummuqu, o seu autor, parece informar o rei de que os babilónios não queriam deixar entrar Mukin-zeri mas não tiveram alternativa.

The k[in]g has s[en]t us to you, saying: '[Let me speak] with the [Babylonians] th[rough] your mouths. I shall establish [the am]ne[sty o]f Babylon and your privileged status and shall come to Babylon.'

Além desta tentativa, de acordo com a ND 2494 o rei assírio parece ter empreendido uma nova estratégia para conquistar os babilônios sem recorrer ao exército. Tiglath-Pileser terá escrito uma carta onde pedia ao autor da ND 2494 que lhe escrevesse os nomes dos babilônios que tinham passado para o lado assírio. Apesar dos esforços, nenhum babilónio respondeu ao apelo do rei assírio.

Embora estas iniciativas por parte de Tiglath-Pileser III não tivessem o resultado esperado, esta carta mostra-nos que antes de partir para uma ofensiva militar o rei assírio, tendo em conta que está a negociar com pessoas de “estatuto privilegiado”, disponibiliza-se a resolver o problema de uma forma pacífica, não recorrendo de imediato ao quase imparável exército assírio. A ND 2632 é um testemunho perfeito de como as questões relacionadas com a Babilónia eram tratadas com um cuidado especial. As negociações acabariam por ser um fracasso levando a que Tiglath-Pileser III fosse obrigado a intervir militarmente, conquistando não só a cidade da Babilónia como muitas outras. Com o rei assírio a tornar-se também rei da Babilónia em 729 a situação política na região estabilizou.

Os eventos que se seguiram aos reinados de Tiglath-Pileser III e Salmanasar V levaram a um corte de relações entre a Assíria e a Babilónia. Temos de esperar até ao 12º ano do reinado de Sargão para continuarmos a nossa análise uma vez que é durante este ano que Sargão decide atacar a Babilónia e expulsar de vez Merodach-Baladan, que “contra a vontade dos deuses, dominou a Babilónia, a cidade do senhor dos deuses, e governou-a”³¹⁶. Como vimos, durante os anos de 710 e 709, o rei assírio foi avançando cada vez mais pela região da Babilónia, levando a que Merodach-Baladan tentasse pedir exílio no Elam, mas sem sucesso. É durante este período³¹⁷ que

³¹⁶ ARAB II: 14

³¹⁷ Segundo os anais de Sargão, Merodach-Baladan já teria fugido da cidade da Babilónia com os seus aliados para o Elam (onde o rei Shuturnahundu aceitou o seu suborno mas impediu à mesma a sua

nos chega um relato descrito nos anais de Sargão de como um grupo de elite babilónia se deslocou a Sargão para lhe pedir ajuda:

*The people (lit., sons) of Babylon (and) Borsippa, the temple wardens, the ummânê-officials, skilled in workmanship, who go before and direct (the people) of the land, (all these) who had been subject to him, brought the “remnant” of Bêl and Sarpanit, (of) Nabû and Tashmetu, to Dûr-Ladinnu, into my presence, invited me to enter Babylon and (thus) made glad my soul.*³¹⁸

Embora os relatos assírios descritos nas fontes (especialmente quando se trata de assuntos relacionados com a Babilónia) tenham sempre de ser analisados de um modo crítico, não temos razões para acreditar que este relato de Sargão não seja verdadeiro, uma vez que para além deste temos também uma outra carta que parece transmitir as preocupações de um babilónio face ao governo de Merodach-Baladan. A ABL 0844, enviada por Belšunu³¹⁹ ao vizir (que por sua vez a transmitiria a Sargão), afirma que Bel (Marduk) ordena que Merodach-Baladan deve ser expulso da Babilónia e que existe a possibilidade de o deus babilónio agir de modo a que o rei assírio possa “realizar um ritual e ouvi-lo”. Belšunu continua a carta, pedindo ao rei que este leve o seu exército até à Babilónia de modo a que o desejo de Marduk possa ser concretizado.

Mais uma vez, debatemo-nos com o problema da datação das cartas, no entanto, existem duas que o mais certo é terem sido escritas depois dos eventos anteriores mais ainda antes da entrada de Sargão na Babilónia. A ABL 1431 e a CT 54 066 (K 14644) são um pedido feito por Bel-iqiša para que Sargão restabeleça os privilégios dos habitantes da Babilónia. Na primeira carta, Bel-iqiša anuncia ao vizir o seu aprisionamento durante 2 anos, razão pela qual não houve contacto entre ambos. Bel-iqiša demonstra, claramente, o seu desagrado face à situação em que a Babilónia se encontra rogando ao vizir que pergunte a Sargão quando é que este chegará à

entrada devido, segundo Sargão, ao medo das armas assírias), pelo que teve de fugir para a cidade de Ikbi-bêl (ARAB II: 18)

³¹⁸ ARAB II:26

³¹⁹ Este babilónio seria um sacerdote ou um homem da nobreza que correspondia com o vizir.

Babilónia e restabelecerá os privilégios dos seus habitantes³²⁰. O relato de Bel-iqiša continua com o sentimento vivido por esses mesmos habitantes:

All Babylonians have daily confidence in this. Now, as the prefect has left Bit-Dakuri, the whole of Babylon lives in fear, saying, "We have been handed over to the dogs." Why is my lord silent, while the whole of Babylon (pleadingly) raises its hands towards my lord? (Any)one whom Marduk has given something and whose property has been created, will give Bel an exceptionally good present. (And) the present which he gives is as good as a Babylonian, if it is pleasing to Bel. Why does my lord remain silent, while Babylon is being destroyed? Šamaš and Marduk have installed you for intercession in Assyria. Persuade the king to come here and to exempt Babylon for Marduk, and (make) your name everlasting in Esaggil and Ezida!

Este apelo por parte de Bel-iqiša não foi imediatamente respondido por Sargão. Não sabemos quanto tempo demorou, no entanto, na segunda carta enviada, este volta a pedir a Sargão que vá até à Babilónia, tal como fez Tiglath-Pileser III e Salmanasar V, e assuma as suas funções de rei:

If you come, (as) [a king who] disposes of the leftovers (of the gods), [who] restores peace (and) [...] to Esaggil (and) Babylon, establishes a pact of protection [and] concludes it with the inhabitants of Babylon, [who reple]nishes [the trea]suries of Esaggil and Ezida — Bel and Nabû will grant (you) a long life, good health and happiness.

³²⁰ Este período entre o início da primeira campanha assíria na Babilónia e a proclamação de Sargão como rei (antes do início da segunda campanha militar) parecem ter sido muito difíceis para os habitantes da região. A saída de Merodach-Baladan da Babilónia terá deixado nos seus habitantes um sentimento de desproteção e desamparo. A carta CT 54 079 (K 13063+), enviada por Bel-iqiša, embora severamente danificada, parece relatar como as cidades da Babilónia e Borsipa estão a ser atacadas. Embora o final esteja destruído a carta acaba com a frase "May [my lord quickly] send [...]!", sendo este provavelmente um pedido para que o exército assírio parta para estas cidades.

A estes pedidos podemos acrescentar a carta CT 54 031 (K 13118+) escrita por Nabû-taklak³²¹. Esta carta foi escrita depois da K 22065 (que vimos anteriormente), ou seja, data da época em que Merodach-Baladan ainda estava a residir na Babilónia mas Sargão já estaria a conquistar a região em torno da cidade. O comandante de Bit-Dakkūri refere que “as pessoas da terra de Acade” estão contentes com a aproximação do rei e do exército assírio.

Pouco depois, Sargão acabaria por aceitar todos estes apelos por parte dos babilónios e entra na cidade onde assume as responsabilidades de rei da Babilónia. A vitória sobre Merodach-Baladan deve ter sido um dos mais importantes eventos da vida do rei assírio que, até 707, tornou a cidade da Babilónia a sua residência³²². Sargão adopta os títulos reais da Babilónia e liberta o povo que estava oprimido, segundo ele, pela governação de Merodach-Baladan:

*The people of Sippar, Nippur, Babylon, Borsipa, who were imprisoned therein through no fault of theirs, - I broke their bonds and caused them to behold the light (of day). Their fields, which since days of old, during the anarchy in the land, the Sutû had seized, I returned to them.*³²³

Através dos anais, fica claro que Sargão não responsabiliza os babilónios pelos actos de Merodach-Baladan, sendo eles próprios vítimas dos actos do rei caldeu³²⁴. Esta vitória assíria punha fim a mais uma revolta na Babilónia e, segundo Sargão, tudo indica que os babilónios ficaram satisfeitos com a derrota do rei caldeu. No entanto, como vimos anteriormente, o reinado do seu filho ia marcar um período negro na história da Babilónia.

³²¹ Comandante de Bit-Dakkūri que residia em Borsipa.

³²² Esta decisão de Sargão em viver na Babilónia durante um período de tempo tão alargado parece ser única em todo o período neo-assírio.

³²³ ARAB II:20

³²⁴ A ABL 0914 é uma carta escrita por Sargão a Bulluṭu, (um oficial babilónio que estaria no templo de Eanna em Uruk) provavelmente escrita ainda antes da conquista total da Assíria, onde o rei assírio pede a este oficial que abra as portas de Uruk para o exército assírio entrar. Segundo esta carta, Bulluṭu estaria relutante em abrir as portas da cidade pois teria medo das represálias de Sargão pelo facto de a cidade ter estado em controlo de Merodach-Baladan. Sargão tranquiliza o babilónio jurando pelos seus deuses, Aššur, Bel e Nabû, que ninguém em Uruk é visto como culpado aos olhos do rei. Sargão chega mesmo a dizer que eles não se devem condenar pela situação.

O facto do reinado de Senaquerib não ser tão rico em cartas torna mais difícil a nossa análise da relação que este tinha com os babilónios. Do conjunto de cartas deste período, temos três autores que as escreveram a partir da cidade da Babilónia: Ina-teši-eṭir³²⁵, Nabû-šuma-lišir³²⁶ e Bel-ibni³²⁷. Através dos primeiros dois, sabemos que houve períodos em que os habitantes da Babilónia pareciam estar satisfeitos com a governação de Senaquerib. Ina-teši-eṭir escreve na CT 54 156 (K 07558+) e na ABL 1047 que “as notícias da Babilónia são óptimas”, “os babilónios estão felizes” e que “vão diariamente aos templos dos seus deuses, Bel e Nabû”, onde “rezam diariamente a Marduk e Zarpanitu pela boa saúde do rei”. Por sua vez, Nabû-šuma-lišir escreve ao rei vários relatórios sobre o templo de Esagila. A ABL 1340 refere que a porta do templo foi colocada e quando “os babilónios subiram a Esagila e viram a porta, abençoaram o rei, perante Bel e Beltiya, e alegraram-se imenso”. Na CT 54 183 (K 07383) e na CT 54 132 (K 05538) Nabû-šuma-lišir reporta que tudo está bem em Esagila e na Babilónia, enquanto a CT 54 234 (K 12962) e a CT 54 364 (K 16133) notificam o rei que a guarda de Esagila e da Babilónia está forte e os mantimentos do templo são excelentes. Por fim, Bel-ibni, para além de algumas cartas vistas anteriormente, escreve um relatório ao rei que parece datar do fim dos seus 2 anos de reinado na Babilónia. A CT 54 442 (Rm 0925) relata que Merodach-Baladan está na Babilónia, no entanto, ao mesmo tempo, relata que “a terra, o exército e os servos do rei estão bem” e que “a guarda do rei é muito forte”. Estes dois relatos parecem ser algo contraditórios pois a partir do momento em Merodach-Baladan se encontra na Babilónia não é possível afirmar que tudo está bem. Para além do mais, Bel-ibni chega mesmo a dizer ao rei que este não deve confiar nos babilónios nem no que eles dizem na sua presença. Bel-ibni continua dizendo que “ele e os babilónios têm um acordo” onde provavelmente este “ele” é Merodach-Baladan. Pelo conteúdo da carta podemos retirar que já existiriam problemas com a governação assíria na Babilónia sendo que, provavelmente, pouco tempo depois de Senaquerib receber esta carta, Merodach-Baladan voltaria a tornar-se rei da Babilónia. Para além do mais, duas das cartas de Nabû-šuma-lišir referidas

³²⁵ Um babilónio que estaria relacionado com a administração de um templo na Babilónia ou mesmo um possível sacerdote.

³²⁶ Sacerdote do templo de Esagila na Babilónia.

³²⁷ Como referido anteriormente, Bel-ibni é colocado no trono da Babilónia por Senaquerib entre 702 e 700.

anteriormente (CT 54 183 e CT 54 234) servem também para reportar ao rei algo sobre Bel-ibni³²⁸, pelo que essas parecem ser de um período inicial do seu governo quando a situação na Babilónia ainda estava estável.

Como já vimos, Bel-ibni seria substituído por Aššur-nādin-šumi que, por sua vez, iria ser traído por um grupo de babilónios que o entregaram ao Elam. Qualquer hipótese de um bom relacionamento entre Senaquerib e os babilónios foi eliminada quando o príncipe herdeiro foi levado da Babilónia³²⁹. Coube a Assaradão restaurar a relação entre o rei assírio e os habitantes da Babilónia e tudo indica que essa tarefa terá sido vista como a mais importante do seu reinado.

É curioso que, no que toca à relação entre este rei e os babilónios, as inscrições reais sejam uma fonte mais completa do que as cartas datadas deste reinado. Assaradão relata que reuniu os babilónios que estavam dispersos e trouxe-os de volta às suas cidades, restaurando os seus estatutos e devolvendo-lhes a liberdade que perderam quando Senaquerib destruiu a Babilónia³³⁰. Por outro lado, Assaradão também critica os babilónios que foram responsáveis, a par de Mushezib-Marduk, de retirarem as riquezas do templo de Esagila e entregarem ao Elam como suborno. O rei assírio é bastante claro quanto à sua posição: estes babilónios tinham de ser castigados (por Marduk) devido às suas acções³³¹.

Para além destas inscrições, temos as cartas que, embora de um modo indirecto, também nos fornecem informações importantes. Já falámos anteriormente da ABL 0418, uma carta enviada pelo governador da Babilónia, Ubaru, a Assaradão. Pelas notícias dadas por Ubaru nesta carta, ela parece ter sido escrita no início do processo de reconstrução da Babilónia onde os seus habitantes demonstram o seu contentamento para com o rei assírio por este ter iniciado o processo de reconstrução e de ter trazido de volta os seus habitantes. Por outro lado, a ABL 0403, que também já foi referida anteriormente, é uma carta onde Assaradão faz a distinção entre aqueles

³²⁸ A parte destas cartas onde Nabû-šuma-lišir relata a Senaquerib as actividades de Bel-ibni está muito danificada pelo que é impossível perceber o que o sacerdote diz sobre o rei da Babilónia.

³²⁹ Não deixa de ser interessante referir que, mesmo com uma relação complicada entre Senaquerib e a Babilónia, o *ummānu* de Senaquerib era um babilónio chamado Bel-upahhir. Este fazia parte de uma família de astrólogos babilónios (o seu filho era o astrólogo Ṭāb-šili-Marduk e o seu irmão o astrólogo Bel-našir) que trabalharam para os reis Senaquerib, Assaradão e Assurbanípal.

³³⁰ ARAB II:247 e 253.

³³¹ ARAB II: 242-243.

que são habitantes da Babilónia e os que não o são. O rei assírio parece ficar bastante indignado por pessoas que não seriam babilónios estarem a fazer-se passar por tal³³². Por fim, a CT 54 104, uma carta enviada pelos habitantes de Nippur a Assaradão, parece ser um apelo por parte dos habitantes desta cidade para que o rei os vá visitar ou para que eles possam ir ter com Assaradão. Não é certo qual o contexto desta carta mas os habitantes de Nippur parecem estar descontentes com algo que o rei ordenou. Esta carta parece transmitir uma boa relação entre Nippur e Assaradão.

A relação privilegiada dos babilónios não foi um impedimento para que Assaradão mantivesse na sua corte jovens babilónios que seriam educados para que no futuro – quando regressassem à Babilónia – a sua fidelidade fosse favorável à Assíria. Essa situação pode ser comprovada por uma outra carta publicada por Parpola, enviada por Šamaš-šuma-ukīn a Assaradão e que também já discutimos anteriormente³³³. Vimos que o príncipe assírio teve alguns problemas de autoridade com dois astrólogos babilónios. Para além desta informação, esta carta também relata a situação vivida por um homem chamado Sulāyu. Segundo Parpola, este jovem babilónio é também mencionado numa outra carta (ABL 0447), a par de outros jovens que estavam a ser educados na corte assíria em Nínive. Era costume os reis assírios manterem na sua corte jovens de importantes famílias babilónias para que por um lado estes se tornassem oficiais fiéis à Assíria e, por outro lado, para controlar as suas importantes famílias que, com medo que algo acontecesse aos seus filhos, iriam ser menos propensos a revoltas.

Infelizmente, não temos mais cartas que possam atestar a relação entre Assaradão e os babilónios mas é bastante claro através da sua governação da Babilónia que o rei assírio considerava os seus habitantes como pessoas de estatuto privilegiado, tal como os considerou Tiglath-Pileser III. Esta relação parece sofrer alguma deterioração durante o reinado de Assurbanípal, especialmente depois da revolta do seu irmão em 652.

Tal como a relação entre Assaradão e os babilónios está melhor atestada pelas acções do rei na Babilónia, também com Assurbanípal podemos retirar do modo como

³³² Cf. C. Johnston, *AJSL* 22 (1906):242-246.

³³³ S. Parpola, *Iraq* 34 (1972): 21-34.

a governou a relação que este tinha com os seus habitantes. Este rei parece ter uma melhor relação com os habitantes do Sul da Babilónia do que com os do Norte e Centro, que seriam mais fiéis a Šamaš-šuma-ukīn. No entanto, não temos qualquer evidência que os habitantes de cidades como a Babilónia, Sippar ou Nippur não recebiam os mesmos privilégios que os seus vizinhos do Sul. Vimos, inclusive, que na ABL 0878 os babilónios pedem aos reis assírios para alargar os seus privilégios às mulheres estrangeiras que por residirem naquela cidade também mereciam ter o mesmo estatuto que os seus habitantes. Esta carta também é importante do ponto de vista da relação entre o rei e os babilónios devido ao modo como estes últimos se dirigem a Assurbanípal e Šamaš-šuma-ukīn. O rei assírio e o rei babilónio não são distinguidos, sendo ambos tratados por “os reis, nossos senhores”. Este respeito demonstrado para com o rei também pode ser atestado através da ABL 1274 quando os habitantes de Ur escrevem a Assurbanípal endereçando “para o rei das terras o nosso senhor”.

O contacto mais directo entre Assurbanípal e os babilónios chega com a revolta de Šamaš-šuma-ukīn. Na ABL 0301, o rei assírio faz um apelo aos babilónios para que estes não apoiem o seu irmão rebelde:

(...) I have heard all the empty words which that unbrotherly brother of mine has told you, everything he has been saying I have heard. They are but wind; do not believe him! I swear by Aššur and Marduk, my gods, that I have not conceived in my heart nor spoken out all these evil plans with which he has charged me. It is only a trick he has devised: “I will make the good name of the people of Babylon, who love the king, as bad as my own.” Yet I have not listening to all this. Up to now, my thoughts have been solely about your brotherly relationship with the people of Assyria, and about your privileges, which I have confirmed. Now by all means, do not listen to his empty words, do not spoil your reputation which is so good in my own eyes and in the eyes of all the countries, and do not sin against the god!

And I know of another matter which you are worrying about: “Now the very fact that we have rebelled against him will be a charge against us.” No! This is no charge; nothing matters but an excellent reputation. The fact that you have sided with my enemy should be only for yourselves like a charge against you, and a sin against an oath sworn before the god.

Now I am writing to you that you should not sully yourselves through this affair. Let me have a quick answer to my letter. This man, rejected by Marduk, should not make me break the agreement (confirming your privileges) which I made before the god Bel!

Tal como Tiglath-Pileser no tempo da revolta de Mukin-zeri, também Assurbanípal tentou, inicialmente, controlar a revolta através de uma maneira diplomática assegurando os babilónios que não estaria a planear nada contra a Babilónia, tal como afirmava Šamaš-šuma-ukīn. É bastante claro como o rei assírio pretende denegrir a imagem do irmão aos olhos dos babilónios considerando-o um rei que foi rejeitado pelo próprio deus do território que governava. Ainda com as acções de Senaquerib presentes, Assurbanípal terá tentado esta via pois seria a que melhor salvaguardava os interesses assírios na região, para além de ser uma boa tentativa para fortalecer a relação entre o rei e os babilónios.

A revolta de Šamaš-šuma-ukīn perturbou a relação que Assurbanípal tinha com os babilónios. É claro pelas suas inscrições reais que o rei assírio não desculpou aqueles que apoiaram o seu irmão, mesmo tratando-se de habitantes da própria cidade da Babilónia. Assurbanípal não tomou medidas semelhantes às do seu avô Senaquerib, no entanto, também ele castigou severamente os responsáveis pela revolta:

At this time, the people of Akkad, who had cast in their lot with Šamaš-šuma-ukīn, and plotted evil, famine laid hold upon them. They hate the flesh of their sons and daughters to (stay) their hunger (...). Aššur, Sin, Šamaš, Adad, Bel, Nabû, Ištar of Nineveh, the queen of Kidmuri, Ištar of Arbela, Urta, Nergal (and) Nusku, who marched before me, slaying my foes, cast Šamaš-šuma-ukīn, my hostile brother, who became my enemy, into the burning flames of a conflagration and destroyed him. As for the people who hatched these plans for Šamaš-šuma-ukīn, my hostile brother, (and) did the evil, (but) who were afraid of death and valued their lives highly, they did not cast themselves into the fire with Šamaš-šuma-ukīn, their lord. Those of them who fled before the murderous iron dagger, famine want (and) flaming fire, and found a refuge, - the net of the great gods, my lords, which cannot be eluded, brought them low. Not one escaped; not a sinner slipped through my hands, (of those) whom they (the gods) had counted for my hands.³³⁴

³³⁴ ARAB II:303-304.

Não é certo em que altura do reinado de Assurbanípal é que o tratado com os babilónios, preservado na ABL 1105, foi realizado. O tratado pode ter sido feito imediatamente antes da revolta de Šamaš-šuma-ukīn, no período que medeia entre o rei assírio descobrir os planos do irmão e os confrontos militares realmente começarem, quando a revolta de Šamaš-šuma-ukīn estava a decorrer e o rei assírio queria salvaguardar a posição de cidades que lhe eram fiéis ou após a revolta para se assegurar que nenhuma outra iria acontecer³³⁵.

Dados os vários exemplos aqui enunciados podemos retirar algumas conclusões sobre a relação que os reis assírios tiveram com os habitantes das cidades da Babilónia. É bastante claro que estes tinham o seu estatuto salvaguardado pela Assíria que governava a Babilónia sempre tendo em atenção que estes habitantes não podiam ser tratados da mesma forma que outros que compunham o império assírio. Quando uma revolta despontava na Babilónia, os seus habitantes estavam sujeitos a uma de duas alternativas. Ou o rei assírio considerava-os como um conjunto de inocentes que estavam à mercê de líderes rebeldes pelo que não podiam ser responsabilizados pelas revoltas (como é o caso de Tiglath-Pileser e Sargão) ou eram culpabilizados pelas revoltas contra a Assíria, sendo por isso castigados pelas suas acções (como acontece com Senaquerib e Assurbanípal). Esta segunda alternativa só aconteceu em casos de extrema gravidade, ou seja, quando estamos a tratar de situações que poderiam levar à independência da Babilónia. Nestas ocasiões, os reis assírios punham de lado qualquer relação que mantinham com os babilónios e agiam como fariam caso se outro povo rebelde se tratasse: a revolta era controlada, os responsáveis eram ou mortos ou levados como cativos para a Assíria e eram nomeados novos governadores e oficiais. Concluindo, a relação especial do rei assírio com os babilónios terminava quando estes ameaçavam seriamente a governação assíria da região.

³³⁵ O mais certo é que este tratado tivesse sido feito durante a revolta. É por essa razão que, como vimos anteriormente, pusemos a possibilidade de ter sido feito com a cidade de Uruk. Temos ainda um outro tratado documentado numa carta enviada a Assurbanípal, a ABL 0202, que envolve as cidades da Babilónia, Nippur e Uruk. Não é possível datar esta carta pelo que se põe a hipótese se der do reinado de Assaradão ou Assurbanípal (Cf. SAA 18:XXX).

2.2 Os grupos pró e anti Babilónia

O facto de não existir uma política coerente em relação à Babilónia onde cada rei parece agir de acordo com a sua vontade própria leva a crer que os reis assírios estariam a ser influenciados pelas diferentes opiniões dos membros mais importantes da corte assíria para além de terem de se adaptar aos diferentes acontecimentos que iam ocorrendo na Babilónia ao longo dos seus reinados. Como vimos anteriormente, os reinados de Senaquerib e Assaradão foram verdadeiros opostos no que toca às relações com a Babilónia. A destruição da cidade levada a cabo por Senaquerib e a sua reconstrução por parte de Assaradão parecem retratar não apenas o sentimento que cada um destes reis tem face à Babilónia mas também duas posições defendidas por diferentes esferas da elite assíria. Esta era uma parte importante da governação do império assírio. Nenhum rei tinha capacidades para governar um território da extensão do império assírio sozinho. Necessitava do apoio de um vasto número de governadores, oficiais e mesmo conselheiros³³⁶ que viviam junto do rei e o aconselhavam em diversos assuntos, tais como os problemas que surgiam na Babilónia.

As diferentes posições quanto ao destino da Babilónia levaram à proposta por parte de alguns autores da existência de dois partidos dentro da elite assíria: um a favor da Babilónia e da manutenção dos seus estatutos e privilégios (do qual fazia parte o rei Assaradão) e um contra a Babilónia (do qual fazia parte Senaquerib e Assurbanípal nos últimos anos do seu reinado) e que defenderia que a Babilónia deveria ser governada de acordo com os parâmetros do império assírio, ou seja, de igual maneira que eram governados outros estados vassalos ou províncias.

³³⁶ O rei assírio tinha vários conselheiros das mais diversas áreas, entre as quais se encontravam os astrólogos e adivinhos. Vale a pena referir que os conselheiros não eram, necessariamente, assírios, existindo também um conjunto de babilónios que alcançou uma posição importante na corte assíria. Podemos dizer que aquele que alcançou uma maior projecção foi Bel-ušezib. Este fazia parte da chamada “círculo interno” de Assaradão, tendo uma grande influência junto do rei assírio. Embora não tenham chegado até nós cartas de Bel-ušezib, onde este claramente intervinha nos destinos do seu reino, o oficial babilónio escreve uma carta a Assaradão (ABL 1237) em que exerce alguma pressão para o rei para atacar a *Mannea*. Bel-ušezib chega mesmo a dar ao rei as directrizes para realizar esse ataque. Considerando esta carta, não será de estranhar que, por um lado, outros conselheiros exercessem uma igual influência junto do rei assírio e, por outro lado, certos babilónios, como Bel-ušezib, alcançassem uma posição privilegiada junto dos reis assírios, podendo levá-lo a tomar decisões que beneficiassem a Babilónia.

A discussão sobre a existência ou não destes dois lados dentro da política assíria não parece ter tido ainda o destaque merecido pelo que nos propomos a lançar novas ideias que possam contribuir para a melhor compreensão e discussão deste tema. É importante começarmos por compreender a que nível é que um grupo assírio poderia ser contra ou a favor da Babilónia. De acordo com Grayson, teríamos cinco motivos responsáveis pela divisão destes dois grupos: político, económico, religioso, cultural e sociológico³³⁷. Podemos começar a nossa análise por discutir como cada uma destes cinco critérios poderia ser motivo de desacordo dentro da elite assíria.

Quando falamos em termos políticos, entendemos que se trata de como a Assíria geria o seu império, ou seja, as decisões administrativas e militares que eram tomadas para manter um bom funcionamento do império assírio. Deste modo, vamos relembrar parte da análise feita anteriormente. Como vimos, a grande proximidade que a Assíria e a Babilónia tinham eram um motivo de constante alerta para os monarcas assírios. Quando a Assíria conseguia exercer controlo sobre o seu vizinho recorria a diferentes modos de governação: o próprio rei assírio, um príncipe herdeiro ou um súbdito assírio com passado babilónio. Nenhum destes métodos de governação teve sucesso a longo prazo e essa situação poderia ser um factor de enorme discordância na corte assíria. Por outro lado, uma outra grande preocupação era o facto de a Babilónia ser uma região constituída por um grande e distinto conjunto de populações que muitas vezes entravam em conflito, criando instabilidade em toda a região da Mesopotâmia, o que acabaria por afectar indirectamente outras regiões ligadas ao império assírio. O facto de a população da Babilónia ser bastante heterogénea podia ser usado por hipotéticos defensores e opositores da causa da Babilónia. Do ponto de vista de um grupo anti Babilónia, uma população assim iria ter várias dificuldades em unir-se em torno de um só líder que representasse, igualmente, os interesses de todos os seus habitantes. Por essa razão, a Assíria não se deveria preocupar em forçar o seu domínio sobre o seu vizinho meridional, até porque, em termos militares, nenhum dos vários povos da Babilónia tinha um exército capaz de ameaçar o exército assírio. Por outro lado, do ponto de vista de um grupo pró

³³⁷ Se tivermos em conta que uma análise sociológica deste tema estuda as interacções e fenómenos sociais de tanto assírios como babilónios e a relação entre ambos e com as suas instituições, essa é a mesma análise que temos vindo a fazer ao longo do nosso trabalho pelo que não se justifica repetirmos aqui.

Babilónia, essa mesma razão era a principal para que a Assíria anexasse a Babilónia ao seu território: não havendo um rival à altura, o rei assírio tinha a tarefa de conquistar a Babilónia bastante simplificada, não havendo razões para manter esta região livre do domínio assírio quando o principal objectivo do rei era aumentar territorialmente o seu império.

Associado à questão política podemos encontrar a questão económica. Talvez o principal factor a ter aqui em conta é o custo associado às campanhas militares na Babilónia. De acordo com os anais assírios, a partir do reinado de Tiglath-Pileser III até ao fim do império neo-assírio, temos registos que o exército assírio é chamado a intervir na região da Babilónia pelo menos quinze vezes³³⁸. O exército assírio, tal como os exércitos da antiguidade, não seguiam a mesma estrutura que um exército actual segue. Em primeiro lugar o exército estava dividido num contingente real, do qual faziam parte os membros da família real, e em vários contingentes reunidos pelos governadores das grandes cidades assírias e mesmo pelos governadores das diferentes províncias e estados vassallos que compunham o império assírio³³⁹. Agrupados, o número de soldados podia chegar aos duzentos mil homens³⁴⁰. À excepção de escravos e voluntários, os soldados destes contingentes tinham de ser pagos pelos seus serviços, tal como qualquer outro trabalhador. Tendo em conta que um dos métodos de pagamento mais utilizado era parte dos despojos de guerra conquistados pelo rei³⁴¹, estamos a falar de quantias bastante elevadas que tinham de ser pagas a um grande número de soldados. Claro que a Babilónia não era a única região onde o exército assírio era chamado a intervir³⁴², no entanto, vimos que era bastante propensa a revoltas. Um grupo da esfera política assíria que não concordasse com a determinação do rei em privilegiar a Babilónia relativamente a todos os outros estados vassallos ou províncias podia justificar a sua posição tendo em conta o gasto que o rei tinha nas várias campanhas militares na Babilónia e que, por um lado, nunca resolviam

³³⁸ Tendo em conta o número de campanhas registadas nos anais assírios disponíveis no ARAB I e II.

³³⁹ A. Fuchs em K. Radner e E. Robson, 2011:387.

³⁴⁰ R. A. Gabriel, 2002:6.

³⁴¹ A. Fuchs em K. Radner e E. Robson, 2011:387.

³⁴² Urartu, por exemplo, é outra região muitas vezes mencionada nos anais assírios mas parece ter dado mais problemas a Sargão que interveio directa ou indirectamente quatro vezes (Tiglath-Pileser duas vezes e Assaradão uma vez). Também todos os reinos do Mediterrâneo, desde Gaza até Arpad passando por Samaria, Tiro, Sídon e Damasco, envolveram-se com o exército assírio cerca de onze vezes. O Egipto, um grande prémio para Assaradão e Assurbanípal, travou-se com o império assírio cinco vezes.

definitivamente o problema das revoltas e, por outro lado, nunca traziam nada para os cofres da Assíria uma vez que a Babilónia, devido ao seu estatuto, não era (ou não podia) ser saqueada, não havendo possibilidade de pagar os soldados com os despojos das ricas cidades babilónias³⁴³.

Esta riqueza devia-se ao facto da Babilónia ter uma posição privilegiada no panorama do comércio internacional, sendo ponto de passagem obrigatório de várias rotas comerciais³⁴⁴. As várias cidades importavam bens como ferro, cobre, vinho, madeira, alúmen e corantes para os têxteis e exportavam escravos, cevada, tâmaras, lã e vestuário³⁴⁵. Todos estes produtos faziam circular muita prata na Babilónia que seria bastante útil para suportar um império da dimensão da Assíria, para além de fornecer directamente os assírios de todos estes produtos. Este seria, sem dúvida, um ponto bastante favorável para um grupo que suportava o controlo assírio da Babilónia.

Passando para a análise do panorama religioso e cultural, estes são, por regra, os factores mais sensíveis. A relação da Assíria com a Babilónia manteve-se durante muitos séculos e ao longo de todo esse período os antigos centros urbanos da Babilónia foram sempre considerados pela Assíria como locais sagrados, os centros culturais por excelência de toda a Mesopotâmia. No próximo capítulo iremos ver vários exemplos de como as elites assírias respeitavam as tradições e religião babilónias: os deuses babilónios eram venerados na Assíria, a língua e escrita babilónia estavam reservadas para os documentos de maior importância, o rei assírio confiava muitas decisões a oráculos babilónios, etc. Por outro lado, a tomada da “mão de Bel” no festival de Ano Novo, os constantes apoios à reconstrução e manutenção de templos ou o juramento por parte do rei assírio em proteger os habitantes de cidades como a Babilónia, Borsipa, Nippur, Sippar, Ur ou Uruk parecem evidenciar não só esse estatuto especial que estas cidades tinham mas também um controlo cada vez mais profundo da Assíria em assuntos que, comparando com outras regiões do império neo-assírio, nada tinham a ver com questões assírias.

³⁴³ Sabemos que Senaquerib é a excepção a esta regra.

³⁴⁴ Para um estudo mais alargado das diferentes rotas comerciais que passavam na Babilónia consultar J. R. McIntosh, 2005:133-145.

³⁴⁵ M. Jursa em G. Leick, 2007:231.

Analisar a questão religiosa e cultural tentando-o fazê-lo de um ponto de vista de um grupo a favor da Babilónia e outro contra a Babilónia é, provavelmente, o mais complicado deste conjunto de perspectivas fornecidas por Grayson. Muito dificilmente existiria um conjunto de assírios que se opusessem, por completo, à religião e cultura babilónia até porque, em certa medida, isso seria opor-se à sua própria religião e cultura. No entanto, é bastante credível que existisse um grupo de assírios que se revoltasse com os constantes problemas que os babilónios causavam, especialmente quando as suas cidades eram mais ricas, em todos os sentidos, quando os assírios as controlavam. Aqui a questão irá cair em motivos mais políticos e económicos e não tanto religiosos e culturais.

Existe, a nosso ver, um único cenário possível de suscitar um claro confronto entre estes dois grupos dentro deste panorama: tornar as cidades assírias nos principais centros culturais e religiosos, abandonando (ou mesmo destruindo) as cidades da Babilónia. Parece existir uma tentativa durante o reinado de Senaquerib que possivelmente iria ter algum sucesso caso o rei não tivesse sido assassinado. Para além da já conhecida, e amplamente discutida, destruição da Babilónia, as principais pistas que temos são o texto do “Julgamento de Marduk” e o programa de construção da cidade de Aššur, numa escala nunca antes realizada por um monarca assírio. Estes dois tópicos irão ser estudados mais profundamente no quarto capítulo deste trabalho, no entanto, podemos avançar aqui com algumas ideias.

Sabemos que quando Senaquerib destrói a Babilónia o Festival de Ano Novo é interrompido, uma vez que a estátua de Marduk foi levada para a Assíria (ou destruída) impossibilitando a sua realização. Com esta atitude, Senaquerib dá grandes passos no sentido de eliminar a importância religiosa da cidade da Babilónia pois sem o seu principal deus e sem a possibilidade de realização do festival mais importante do mundo babilónio a cidade perdeu muito do seu esplendor. Por outro lado, os projectos de construção na cidade de Aššur, nomeadamente a construção de um novo Templo do Festival de Ano Novo, levam-nos a crer que, caso o rei não tivesse sido assassinado, seria bem-sucedido no seu objectivo final: transformara cidade de Aššur no grande centro religioso da Mesopotâmia e o deus Aššur no grande deus do panteão mesopotâmio. O texto do “Julgamento de Marduk” acompanha esta nova ideologia

pois neste texto Marduk está a ser julgado por Aššur, demonstrando o poder que este último tinha face ao primeiro.

O assassinato de Senaquerib impede-nos de saber se esta nova ideologia iria ou não vingar na Assíria. Apesar disso, esta ideologia criou com toda a certeza um grande conforto dentro da corte assíria entre quem apoiava o rei nesta “nova” religião e quem estaria totalmente contra a destruição da Babilónia e a captura de Marduk. Este conflito surge como a razão para o assassinato de Senaquerib por apoiantes da Babilónia, no entanto não existem provas concretas que possam comprovar essa teoria.

Analisados os diferentes parâmetros e tendo em conta os diferentes métodos de governação dos reis assírios na Babilónia, e a relação que mantinham com os babilónios, estamos inclinados a concordar com a teoria da existência de dois grupos dentro da corte assíria com posições opostas relativamente à Babilónia. Embora na prática não tenhamos provas suficientes para corroborar a existência dos dois grupos, na teoria essa divisão faz todo o sentido não só por diferentes métodos de governação da Babilónia mas também pelo efeito que os vários problemas na Babilónia tinham tanto na corte como no povo assírio.

2.3 As deportações

O uso das deportações como um modo eficaz de pacificar os povos do império assírio está atestado em várias fontes anteriores ao período neo-assírio. No entanto, a partir do reinado de Tiglath-Pileser III este fenómeno ganha uma nova dimensão e as deportações em massa são fenómenos que estão amplamente descritos nas fontes deste rei e dos reis do período sargónida³⁴⁶.

A política de deportações era, provavelmente, o método preferido dos reis assírios para estabilizar as regiões do império que frequentemente entravam em

³⁴⁶ Os registos das deportações do império neo-assírio estão descritos em inscrições reais, nos textos administrativos, legais e de negócios e em baixo-relevos. A onomástica é também uma boa forma de estudar o tópico das deportações uma vez que os nomes próprios (nesta época) indicavam a proveniência da pessoa e mesmo a sua etnia.

conflito com o governo central. Ao forçar estes, que se contavam às centenas, a saírem de suas casas e se estabelecerem num outro local onde não existia qualquer ligação entre eles, a Assíria eliminava desses povos a vontade de lutar pelas suas terras.

Todo o processo de deslocação de um grande número de pessoas, ao longo de grandes distâncias, obrigava à Assíria uma logística bem planeada com vários oficiais e membros do exército assírio dispersos pelos quatro cantos do império e em permanente contacto com o rei assírio de modo a que o processo de transferência corresse da melhor maneira possível³⁴⁷.

Nos anais dos primeiros reis assírios, quando se relata como as suas grandes vitórias lhes trouxeram vários despojos de guerra, parte desses despojos são as populações conquistadas. No entanto, não parece existir por parte do rei qualquer tom depreciativo no que toca à descrição dessas pessoas que, na verdade, se tornam assírios. Temos várias frases que relatam essa “transformação” tais como: “juntamente com população da Assíria, eu (o rei) contei-os” ou “impostos e tributos impus sobre eles tal como aos assírios”. Os povos conquistados eram simplesmente vistos como assírios mantendo, na maioria dos casos, as mesmas profissões que tinham nas suas terras de origem passando a trabalhar em prol do império assírio³⁴⁸. Desta forma, estes “novos” assírios passavam a ter as mesmas responsabilidades civis e militares que os conterrâneos. Por outro lado, os deportados viviam com qualquer assírio: com as suas famílias, com direito a propriedades (e mesmo escravos), com direito a serem credores ou pedirem crédito e com os mesmos direitos em participar em todas as actividades económicas e comerciais³⁴⁹.

A partir do reinado de Senaquerib e até Assurbanípal, as inscrições assírias sofrem uma alteração no que toca ao modo como é relatado todo o processo de captura dos deportados e a sua deslocação para novos territórios. A consolidação do império com Tiglath-Pileser III e Sargão II parece ter criado nos reis que se seguiram

³⁴⁷ B. Oded, 1979: 33.

³⁴⁸ Oded refere mesmo que o facto de haver uma contagem de despojos de guerra tanto de pessoas como de animais mostra que ambos eram considerados como propriedade do rei. Por outro lado, de acordo com várias inscrições assírias, o rei também considerava o seu próprio povo (dos territórios tradicionalmente assírios) como sua propriedade.

³⁴⁹ Oded, 1976: 87. Segundo o estudo de W. Gallagher, “Assyrian Deportation Propaganda”, SAAB 8 (1994):57-65, Sargão permitia que os deportados construíssem as suas casas em terras que lhes tinham sido oferecidas pelo próprio rei, incentivando-os a uma nova vida junto dentro do império assírio.

um sentimento de superioridade face aos outros reinos que não estavam à altura da grande Assíria. Poderia esta mudança alterar o modo com a Assíria via os seus deportados?

Com um império cada vez maior surgem também cada vez mais necessidades. Uma das maiores era o trabalho humano. Não será coincidência que a partir do momento em que as inscrições reais começam a tratar os deportados com despojos de guerra e não como parte integral dos habitantes assírios, a Assíria mobilize cada vez mais pessoas para os chamados trabalhos forçados. A partir daqui, não é difícil imaginar como o número de deportados que se tornavam escravos começou a subir, existindo mesmo assírios que reclamavam parte dos deportados para si como compensação do esforço de guerra³⁵⁰. Embora haja um aumento significativo destes relatos, não podemos assumir que esta tenha sido, de um modo geral, a nova realidade dos deportados³⁵¹.

De um modo geral, os deportados tornavam-se escravos numa destas três situações: em grupos de trabalhos forçados, especialmente na construção de obras “públicas”; em grupos que eram distribuídos tanto por privados como pelo exército; e grupos que eram oferecidos aos templos como trabalhadores que mantinham os custos de mão-de-obra reduzidos.

Esta situação era uma realidade em todo o mundo antigo, no entanto, para os babilónios do período neo-assírio a situação era diferente. É quase nula a existência de relatos de deportações destes. Senaquerib parece ter optado por deportar babilónios mas só o sabemos pelas inscrições do seu filho, não pelas suas. Assaradão relata que alguns deportados foram mesmo tornados escravos³⁵². Apesar das constantes revoltas provocadas pelos babilónios, a opção do método de deportação não era uma solução utilizada pelos reis assírios devido ao estatuto dos babilónios.

³⁵⁰ Oded, 1976: 91

³⁵¹ Oded afirma que profissões tais como agricultores, artesãos e comerciantes eram de grande interesse para a economia assíria pelo que as populações deportadas que se ocupavam destas, embora não fossem considerados escravos, viam-se obrigados a trabalhar em prol da Assíria e não como trabalhadores privados. Também o exército assírio era um dos grandes destinos de muitos destes deportados.

³⁵² ARAB II:243.

As deportações são um dos melhores exemplos que temos que demonstra que certas regras não se aplicavam aos babilónios mesmo que se tratasse de uma que era fundamental na governação de qualquer região conquistada e que era fundamental para manter a estabilidade dos seus povos.

3. Os deuses babilónios

Para além do modo como a Assíria governava a Babilónia e a relação que o rei assírio tinha com os babilónios também a análise da relação do rei com os deuses babilónios – e todas as medidas tomadas em torno dessa relação – é uma excelente forma para compreendermos melhor a relação entre os dois reinos.

Ao analisarmos as inscrições reais assírias somos confrontados com a presença constante dos deuses do panteão babilónio – mais concretamente Marduk (muitas vezes referido como Bel) e Nabû – que são enumerados junto de deuses que estavam mais ligados à Assíria³⁵³. É bastante claro que nenhuma outra divindade fora da região da Assíria (apenas a parte que constituía o país em concreto) era equiparada aos deuses assírios, ou elevada ao mesmo nível, como Marduk e Nabû o eram. Dada esta importância, vamos começar por ver como Marduk surge no panorama assírio e de seguida passaremos à análise de diferentes parâmetros que marcaram a relação dos reis assírios com as divindades babilónias, como é o caso da importância dada pelo rei ao culto babilónio ou os projectos de construção de templos.

3.1 O deus Marduk na Assíria

Vimos na primeira parte deste trabalho que o rei assírio Adad-nirari II é o primeiro rei deste período que refere nos seus anais a Babilónia. Não será por

³⁵³ Os deuses do panteão assírio eram, como sabemos, da mesma origem dos deuses do panteão babilónio, no entanto, é claro que Marduk e Nabû estavam mais ligados à Babilónia enquanto os restantes eram mais ligados à Assíria.

coincidência que é também durante este reinado que começam a aparecer as primeiras referências ao deus Marduk nos anais e inscrições reais assírios³⁵⁴.

Marduk é mencionado pela primeira vez quando a sua cidade, a Babilónia, começa a ganhar algum destaque durante o último século do império acádico, entre os séculos XXIV e XXIII. No entanto, só alguns séculos mais tarde, a partir do chamado período paleobabilónico, é que Marduk ganha mais destaque quando é incorporado no panteão mesopotâmico como filho do deus sumério Enki (ou, segundo a tradição acádica, Ea). Esta associação, segundo Tzvi Abusch, surgiu da necessidade de juntar a cidade da Babilónia à cidade de Eridu, onde estava o principal templo do deus Ea³⁵⁵.

À medida que a Babilónia consolidava a sua importância no mundo mesopotâmico, o estatuto de Marduk crescia lado a lado com a cidade. É com Hammurabi (século XVIII a.C.) que a Babilónia se impõe nesse mundo e uma vez que, por esta altura, a religião e a política já estavam bastante enlaçadas, quando Hammurabi inicia a sua expansão territorial com a Babilónia no centro este estava a agir de acordo com a vontade dos deuses. Essa vontade era vista através das conquistas de Hammurabi e através do crescente destaque que se começou a dar a Marduk, o principal deus da cidade. A partir do período paleobabilónico, a cidade da Babilónia, graças a Hammurabi, tornou-se naquilo que chamaríamos de capital de toda a região da Babilónia.

Não é certo como evoluiu o estatuto do deus Marduk até se tornar “rei dos deuses” mas sabemos que por volta do fim do segundo milénio a epopeia da criação babilónica *Enûma Eliš* (onde Marduk é o grande herói) já estava suficientemente embrenhada na cultura mesopotâmica. Assim, quando o império neo-assírio é formado, Marduk já teria a sua posição consolidada no panteão babilónico.

Já aqui falámos sobre a importância que o reinado de Tukulti-Ninurta I teve para a relação entre a Assíria e a Babilónia. Este reinado ficou marcado pelo início do

³⁵⁴ No Anexo B podemos consultar a “posição” de Marduk, nos anais e inscrições reais de cada rei do nosso período de estudo, comparativamente a outros deuses. É bastante claro que, há medida que a Assíria se envolve cada vez mais nos assuntos babilónicos, Marduk vai ganhando uma importância crescente, sendo mencionado juntamente com os principais deuses do panteão assírio. É ainda de referir que quando o relato trata de questões relacionadas com a Babilónia, Marduk aparece sempre na primeira ou segunda posição da lista de deuses.

³⁵⁵ Becking, B., Van der Toorn, K. e Van der Horst, P. W. (eds.), 1999:543. Ao fazer esta união, Marduk criava uma relação especial com um dos principais deuses do panteão mesopotâmico.

controlo assírio do seu vizinho meridional mas também introduziu na Assíria o culto ao deus Marduk. Não é certo se este culto já estaria estabilizado em território assírio mas quando Tukulti-Ninurta I conquista a Babilónia leva a estátua de Marduk de volta para a Assíria onde permanecerá até ao reinado de Ninurta-Tukulti-Aššur (1133 a.C.)³⁵⁶. Segundo Frame, no fim do segundo milénio Marduk teve um papel importante na comemoração do Festival de Ano Novo na cidade de Aššur onde foi realizada uma procissão com o deus babilónio³⁵⁷.

A presença mais bem documentada de Marduk na Assíria chega-nos finalmente durante os reinados de Senaquerib, Assaradão e Assurbanípal. A Crónica do Festival de Ano relata que o deus babilónio permaneceu na Assíria durante 20 anos, razão pela qual este Festival não pode ser realizado³⁵⁸. Como explicar então aos babilónios a presença do deus principal numa cidade estrangeira? Assaradão relata que Marduk (e outros deuses) foram criados por Aššur e nasceram em Eharsaggalkurkurra³⁵⁹, a principal cela do templo de Ešarra³⁶⁰. Assim, o rei assírio não só legitimava a presença de Marduk na Assíria como responsabilizava Aššur pela sua criação. Assurbanípal iria consolidar esta justificação ideológica mais tarde quando refere que Marduk, antes de regressar à Babilónia, esteve com o seu pai (Aššur) na Assíria³⁶¹.

3.2 O papel do rei assírio na religião babilónia

A procissão do Festival de Ano Novo, que se realizava na Babilónia, ia passar a fazer parte da política assíria quando, em 729, Tiglath-Pileser III acompanhou Marduk nesta procissão que marcava o início do ano na Mesopotâmia e que só podia ser realizada pelo rei da Babilónia³⁶². A par desta novidade, Tiglath-Pileser também é

³⁵⁶ ARAB I:49-50.

³⁵⁷ G. Frame, *CSMS* 34 (1999):13.

³⁵⁸ ABC 16:1-4.

³⁵⁹ ARAB II:275-276.

³⁶⁰ G. Frame, 2007:57.

³⁶¹ ARAB II:372.

³⁶² Ao realizar este Festival, Tiglath-Pileser assumia-se como rei da Babilónia mas também se tornava a principal figura da festividade mais importante do mundo babilónio. Para outras informações sobre a importância deste Festival consultar J. Bidmead, 2004.

responsável por uma participação mais activa do rei assírio no culto aos deuses babilónios:

*In Sippar, Nippur, Babylon, Borsippa, Kutha, Kish, Dilbat and Erech, unrivaled metropolis, I offered pure (holy) sacrifices to Bel, Sarpanit, Nabû, Tashmetu, Nergal, and Laz, the great gods, mu lords, and they accepted my priesthood.*³⁶³

Com Tiglath-Pileser a abrir este precedente, os anais dos reis que se seguiram (à excepção de Senaquerib) relatam de uma forma bastante semelhante a presença do rei assírio no Festival de Ano Novo e as oferendas que faziam aos deuses babilónios, como podemos ver, por exemplo, nos anais de Sargão:

*In the month of Nisânu, the month the going forth of the lord of the gods, I took the hand of the great lord, Marduk (and) Nabû, king of all oh heaven and earth, and finished the march to the temple of the New Year's Festival. (...) To the gods of Sumer and Akkad I offered (pure) sacrifices.*³⁶⁴

Embora este Festival seja único em termos do que representa, não encontramos nenhum outro registo nos anais e inscrições assírias que dêem tanta importância a uma celebração que não era originária da Assíria. Embora haja alguns registos onde o rei assírio faça oferendas a deuses estrangeiros³⁶⁵, nada se compara com a participação destes monarcas no mundo religioso da Babilónia.

Senaquerib é o único rei que não deixou registado qualquer envolvimento no culto aos deuses babilónios mas nem mesmo este rei foi totalmente indiferente à importância que eles tinham para a Assíria. Falámos sobre a inscrição de Bavian, um dos dois registos onde está relatado a destruição da Babilónia. É neste mesma

³⁶³ ARAB I:283.

³⁶⁴ ARAB II:19.

³⁶⁵ Salmanasar III refere, por exemplo, que fez sacrifícios ao deus Adad de Alepo.

inscrição que podemos encontrar uma passagem curiosa que reflecte um problema de consciência que Senaquerib teve:

*The gods dwelling therein, the hands of my people took them, and they smashed them. Their property and goods they seized.*³⁶⁶

Embora o relato da destruição da cidade seja, como vimos, feito na primeira pessoa, quando esse trata da destruição das imagens dos deuses e da apropriação das suas riquezas passa para a terceira pessoa. Para além dos relatos de Senaquerib, não temos outra fonte de informação que refira quem foi responsável pela destruição dos deuses e templos babilónios, no entanto, embora possamos acreditar que foi realmente isso que aconteceu, Senaquerib não parece querer desafiar o panteão babilónio. Assumir publicamente que um rei assírio seria capaz de destruir os símbolos máximos da religião babilónia – mesmo sendo um rei que demonstrou várias vezes a sua posição pouco favorável no que toca à Babilónia – não seria algo bem visto pelos próprios assírios.

Os registos assírios mostram que os reis demonstravam bastante orgulho quando, ao libertar os grandes centros culturais, devolviam o culto dos deuses aos seus habitantes, como se o rei, sozinho, fosse responsável pela realização do culto aos deuses nas cidades babilónias³⁶⁷. Assaradão fornece-nos um bom relato desse mesmo orgulho:

(...) restorer of Esagila and Babylon, who returns the captive peoples of the lands to their places, and settles them (there) for all time, who clothes the sanctuaries of every city daily, with silver and gold, who establishes the fixed offerings therein, who completely restores the cults, establishes revenues, presents gifts – spending offerings

³⁶⁶ ARAB II:152.

³⁶⁷ Sargão afirma que devolveu os deuses às cidades de Ur, Uruk, Eridu, Larsa, Kullab, Kisik e Nimid-Laguda.

– for every temple (...) who is untiring in offering sacrifices and carrying out (every detail) of the cult, who keeps the day of his god as a feast day (...).³⁶⁸

E Assurbanípal relata-nos o sentimento vivido quando o rei era impedido de prestar esse mesmo culto:

*The gates of Sippar, Babylon and Borsippa he barred and (thus) broke the (bond) of brotherhood. He mounted his fighters upon the walls of those cities and they undertook to make war against me. He prevented my sacrifices being offered before Bel, son of Bel, the light of the gods, Šamaš, and the warrior Ina and brought to an end my oblations. To take (from me) the city, the seat of the great gods, whose sanctuaries I had restored and adorned with gold and silver, in which I had instituted the appropriate cults, was the evil plan.*³⁶⁹

O culto aos deuses babilónios também pode ser encontrado nas composições literárias. A Assurbanípal, por exemplo, foi-lhe atribuído um hino para Marduk e Zarpanitu onde o rei babilónio é mencionado como “o mais poderoso dos deuses”³⁷⁰.

Esta importância conferida ao culto dos deuses babilónios está também relacionada com uma preocupação constante em saber se os deuses aprovavam as acções do rei, uma prática bastante comum em toda a Mesopotâmia. Especialmente dos reinados de Assaradão³⁷¹ e Assurbanípal, temos disponível um vasto conjunto de relatórios e consultas feitos aos deuses por astrólogos tanto assírios como babilónios. O rei pedia a opinião dos deuses para vários assuntos como a nomeação de oficiais³⁷², ataques militares³⁷³ ou mesmo para assuntos relacionados com a sua saúde³⁷⁴.

³⁶⁸ ARAB II:258.

³⁶⁹ ARAB II:301-302.

³⁷⁰ SAA 3 002.

³⁷¹ Os escribas de Assaradão procuraram, mais do que qualquer outro rei assírio, ter sempre atenção à vontade dos deuses e ao lado místico e religioso das acções que o rei tomava (J. A. Brinkman, *JAOS* 103/I (1983b):37).

³⁷² SAA 4 300

³⁷³ SAA 4 028

³⁷⁴ SAA 4 185.

Para além deste envolvimento dos reis assírios no culto das cidades babilónias, também a construção dos templos se tornou um dos projectos mais importantes. No panorama mesopotâmio os templos tinham uma função que ia muito além do que um templo religioso pode ter hoje em dia. Normalmente, os templos localizavam-se no centro da cidade retratando a vida dos antigos mesopotâmios que girava em torno dele. O culto aos deuses não era o único propósito destes monumentos. O templo tinha uma economia própria com terras, indústrias e trabalhadores³⁷⁵. Por outro lado o templo tinha ainda a importante tarefa de ser uma memória constante da importância da cidade e dos feitos dos seus reis no passado. Não só os templos mas todos os monumentos dos antigos centros culturais representavam o esplendor dessa cidade e a sua importância no panorama mesopotâmio. Uma vez que os grandes feitos dos reis estavam registados nos anais que, na maioria das vezes, estavam escondidos do olhar do público nos palácios reais, os grandes monumentos eram uma imagem real dos grandes feitos dos reis que eram transmitidos apenas oralmente³⁷⁶. O objectivo final destes projectos passava assim por unir a população em torno do rei que os construiu mas também da sua própria identidade e é com esse intuito que os reis assírios, especialmente Assaradão, tomaram essa direcção.

Vimos na primeira parte deste trabalho que o rei assírio se considerava o representante da ordem divina pelo que, para além de assegurar o culto dos deuses, ele era responsável por manter as suas casas em boas condições, onde não faltasse nada.

Das inscrições de Tiglath-Pileser e Sargão não podemos retirar informações suficientes sobre a construção de templos. O primeiro pode não ter tido tempo suficiente para incorrer em grandes projectos de construção uma vez que governou a Babilónia apenas durante 2 anos. Quanto a Sargão, o seu reinado é pouco mais extenso pelo que as informações também não são abundantes. Sabemos que quando Sargão afirma nas suas inscrições que devolveu os deuses a algumas cidades babilónias também declara que restaurou os rendimentos ou receitas desses deuses. Para que isso acontecesse, teria de existir um local onde esses deuses podiam permanecer e

³⁷⁵ J. R. McIntosh, 2005:200.

³⁷⁶ J. P. Nielsen em M. Bommas, J. Harrison e P. Roy, 2012:6

receber os bens que Sargão afirma ter restaurado. Por outro lado, Sargão também declara que construiu um cais, na cidade da Babilónia, junto do Eufrates e construiu as famosas muralhas Nēmet-Enlil e Imgur-Enlil³⁷⁷. Em Uruk o rei é autor da construção do templo de Eanna³⁷⁸.

É com Assaradão e Assurbanípal que se torna mais claro a importância do rei assírio na construção dos templos na Babilónia. Ambos os reis tiveram de lidar com a destruição da Babilónia por parte de Senaquerib pelo que não é de estranhar a importância que pai e filho deram aos projectos de construção nas cidades babilónias. Por maior ou mais pequena que tenha sido a destruição deixada por Senaquerib, a situação na Babilónia estaria, sem dúvida, um pouco caótica quando Assaradão se tornou rei. Dada a importância do templo e de outros grandes monumentos para os babilónios (mesmo a nível político e económico) não é de estranhar que este rei tenha investido bastante na reconstrução da Babilónia, esperando ganhar o apoio dos seus habitantes. Por outro lado, de acordo com a tradição mesopotâmica, uma das funções do rei, como representante dos deuses, passava pela construção dos templos e assegurar sempre a sua manutenção e bom funcionamento.

Esagila, templo de Marduk na Babilónia, foi um dos principais projectos de restauração. Assaradão relata como reconstruiu o templo e os santuários dos deuses, “maiores do que foram em dias anteriores”, trazendo de volta o culto aos deuses babilónios. O rei deixa claro que também ele faz parte dos trabalhos de reconstrução e devido à sua importância³⁷⁹ todos os “artesãos e os habitantes de Karduniaš na sua totalidade” foram trazidos para ajudar na reconstrução da zigurate, de outros santuários e de duas muralhas, Imgur-Bel e Nimitti-Bel³⁸⁰. Várias cartas preservaram esta preocupação de Assaradão em reconstruir Esagila pelo que podemos conferir que não se trata apenas de propaganda assíria³⁸¹. Na carta ABL 0119, Urdu-ahhešu, supervisor dos trabalhos do templo de Esagila, relata ao rei que o processo de reconstrução está totalmente terminado.

³⁷⁷ B. N.Porter, 1993:45.

³⁷⁸ Ibidem.

³⁷⁹ Esagila foi o templo que os babilónios saquearam durante o reinado de Senaquerib para subornar o rei do Elam. Esta pode ser uma das razões pela qual Assaradão dá um destaque maior a este templo.

³⁸⁰ ARAB II:244.

³⁸¹ Entre várias podemos destacar a ABL 0471, ABL 0120 e ABL 1219.

Também a cidade de Acade foi alvo da intervenção de Assaradão. Tal como a Babilónia, esta antiga cidade também recuperou, durante o reinado de Assaradão, muitos dos habitantes que tinham sido levados por Senaquerib. Os trabalhos de reconstrução da cidade estão atestados na carta CT 53 106 (K 14677+) onde Mar-Issar relata ao rei que os materiais estão a chegar à cidade vindo do país de Itu'u³⁸². Embora Mar-Issar reporte algumas complicações com um outro oficial chamado Zabadu³⁸³, as cartas CT 54 176 (K 07315) e ABL 0746 reportam ao rei que o culto da “Senhora de Acade” foi instaurado na cidade. Nesta última carta, Mar-Issar queixa-se ao rei que a província de Lahiru, ao fim de alguns anos, passou a ignorar uma ordem real que ordenava que esta cidade fornecesse regularmente as oferendas para os templos da cidade de Acade³⁸⁴. Vemos aqui a preocupação assíria de não instaurar de novo o culto aos deuses babilónios mas também da manutenção do bom funcionamento dos templos.

As inscrições de Assaradão também relatam a participação do rei na restauração do templo de Eanna, em Uruk, dedicado à deusa Ištar³⁸⁵, do templo de Ezida, dedicado ao deus Nabû, em Borsipa³⁸⁶, do templo Ekur, dedicado ao deus Enlil, do templo Ebaradurgarra, dedicado à deusa Inanna, ambos em Nippur³⁸⁷.

Vimos que Assurbanípal não permitiu que o irmão controlasse independentemente a Babilónia, e isso também está reflectido na relação com os deuses. Embora a construção de templos e a sua manutenção a par da continuação do culto devesse fazer parte das tarefas de Šamaš-šuma-ukīn, Assurbanípal não abdicou delas. Mesmo que o rei babilónio tenha levado a estátua de Marduk de volta a Esagila, é Assurbanípal quem fornece as oferendas a este deus e aos outros do panteão babilónio. Para além do mais, e como vimos anteriormente, um dos métodos de governação de Assurbanípal passou por apropriar-se de feitos do seu pai e Esagila é um dos principais exemplos. Apesar de termos visto através da ABL 0119 que Assaradão foi informado que os trabalhos neste templo estavam terminados,

³⁸² Região situada no médio Eufrates, actualmente a cidade de Hit.

³⁸³ ABL 1123.

³⁸⁴ Nesta carta Mar-Issar refere que quando a estátua da “Senhora de Acade” foi levado para o Elam todos os seus “pertences” foram levados.

³⁸⁵ ARAB II:279-280.

³⁸⁶ ARAB II:282.

³⁸⁷ B. N. Porter, 1993:62.

Assurbanípal é bastante claro nas suas inscrições ao afirmar que foi ele quem reconstruiu Esagila:

*The regular offerings of Esagila and the gods of Babylon, I provided for. The feudal protection of Babylon I maintained, that the strong might not injured the weak. Šamaš-šuma-ukīn, my full brother, I appointed to the kingship of Babylon. The unfinished work of Esagila, I finished.*³⁸⁸

Assurbanípal também declara que foi ele quem reconstruiu o templo de Šamaš, em Sippar, que tinha caído em ruína³⁸⁹ e quem reconstruiu a muralha do templo de Nabû em Ezida, que também estava em ruínas³⁹⁰. Também a cidade da Babilónia iria ser alvo de várias intervenções por parte de Assurbanípal ao nível da construção de muralhas da cidade, da intervenção no templo de Ištar ou do deus Ea³⁹¹, assim como a cidade de Nippur, onde o rei interveio no zigurate³⁹². De um modo geral, Assurbanípal relata que Assaradão não concluiu nenhum projecto ficando essa tarefa para si:

*The sanctuaries of Assyria and Akkad of which Esarhaddon, king of Assyria, my father, had laid the foundation, but had not completed the construction, I at this time, at the command of the great gods, my lords, have completed their construction.*³⁹³

Tal como fez o seu pai antes de si, Assurbanípal retrata-se como construtor dos templos, mas este rei chega mesmo a representar-se assemelhando-se à imagem dos antigos reis sumérios³⁹⁴. Tanto Assaradão como Assurbanípal representam a bondade da Assíria face à Babilónia e o papel do rei assírio como protector dos deuses babilónios.

³⁸⁸ ARAB II:371.

³⁸⁹ Ibidem. Cf. G. Frame e A. K. Grayson, SAAB 8 (1984):3-12.

³⁹⁰ ARAB II:375.

³⁹¹ ARAB II:373-376.

³⁹² ARAB II:390.

³⁹³ ARAB II: 343.

³⁹⁴ Imagem 2.

Um outro aspecto importante que complementava o culto aos deuses babilónios e a construção dos seus templos era o regresso das imagens destes mesmos deuses às suas casas³⁹⁵. Quando Senaquerib destruiu a Babilónia, as imagens dos deuses foram levadas (ou destruídas). Assaradão, como reconstrutor e protector da Babilónia tinha agora a tarefa de devolver as divindades aos babilónios para que estes pudessem regressar aos seus cultos:

*Builder of the temple of Aššur, restorer of Esagila and Babylon, who restored (the images) of the gods and goddesses (dwelling) therein, who returned the captive gods of the lands of Aššur to their places and caused them to dwell in peaceful habitations, until he had completely restored (all) the temples and had settled the gods in their shrines, to dwell there eternally.*³⁹⁶

A divindade mais importante era Marduk pelo que seria de esperar que o rei assírio devolvesse a figura do deus babilónio o mais rapidamente possível. No entanto, não foi isso que aconteceu. Apesar de em algumas inscrições Assaradão afirmar que a estátua foi devolvida, ou estava iminente o seu regresso, sabemos pela Crónica Babilónia que “durante 8 anos sob Senaquerib, durante 12 anos sob Assaradão, ou seja, durante 20 anos, Bel permaneceu em Baltil, e o Festival de Ano Novo não foi celebrado”³⁹⁷. A razão pela qual Assaradão não deu aos babilónios o seu “bem” mais precioso³⁹⁸ continua a ser uma incógnita, especialmente tendo em conta toda a política de reconciliação da Assíria com a Babilónia. O rei poderia ter planeado o momento ideal para o fazer mas a sua morte repentina impediu a sua concretização. No entanto, caso Assaradão quisesse mesmo devolver a estátua de Marduk, 12 anos seriam suficientes para o fazer, especialmente tendo em conta, como vimos, que o templo de Esagila foi terminado quando o rei ainda era vivo.

³⁹⁵ Esta prática não é um original dos reis assírios. O reinado de Nabucodonosor I (1127-1105 a.C.), por exemplo, ficou marcado pelo regresso da estátua do deus à cidade da Babilónia.

³⁹⁶ ARAB II:203.

³⁹⁷ ABC 16 1-4.

³⁹⁸ A não realização do Festival de Ano Novo durante 20 anos poderá ter criado algum ressentimento entre a população da Babilónia.

É certo que o rei estava a planear algo para Marduk. Existem algumas cartas, na sua maioria enviadas por Šuma-iddin³⁹⁹ que nos dão informação sobre o desenvolvimento de acontecimentos em torno na construção da estátua de Marduk (e o início dos preparativos da sua devolução). A CT 54 395 enviado por Šuma-iddin ao rei, embora gravemente danificada, relata que houve um início, ou uma tentativa, de revoltas na cidade mas parece que não foram concretizadas pois chegaram notícias que a estátua de Marduk iria regressar. Šuma-iddin também é o autor da carta SAA 13 178 onde ficamos a saber que Assaradão deveria ser representado ao lado de Marduk. O autor da carta diz ao rei que a representação das roupas da estátua na Babilónia deve ser a mesma da estátua que está em Aššur. Ficamos também a saber que esta última estátua está ao lado de uma de Marduk⁴⁰⁰. A ABL 0464 enviada por Urdu-ahhešu⁴⁰¹ relata as oferendas feitas aos deuses Marduk, Nabû e Nergal, que supostamente deveriam ser entregues nos templos dos respectivos deuses, não existindo, no entanto, registo que terá sido essa a situação. Na ABL 0968, o prelado babilónio informa o rei de que quando estava a inscrever o nome do rei na estátua de Marduk foi interrompido por um delegado real que ordenou que os trabalhos fossem interrompidos, suspendendo também todas as oferendas a Marduk⁴⁰². Também a CT 54 129 (K 16120+), enviada por um autor desconhecido a Assaradão, parece informar o rei que a coroa que Assaradão mandou fazer para Marduk estava à espera de uma aprovação. Por fim, a CT 54 506, também enviada por Šuma-iddin, relata ao rei que a estátua de Marduk tem um defeito de construção e parece ter sofrido atrasos na sua construção. Esta carta dá-nos também uma informação curiosa: esta estátua foi mandada fazer por Assaradão na Babilónia. Ao juntarmos a informação desta última carta com a SAA 13 178 parece haver uma probabilidade de existirem duas estátuas do deus Marduk: a que Senaquerib tinha levado para a Babilónia e a que Assaradão tinha mandado fazer na cidade anos mais tarde.

³⁹⁹ Prelado do templo de Esagila e autor de várias cartas destinadas ao rei com relatórios sobre o progresso de reconstrução do templo.

⁴⁰⁰ Aquela que seria vista como refém do deus Aššur depois da sua captura por parte de Senaquerib.

⁴⁰¹ Tal como Šuma-iddin, Urdu-ahhešu envia várias cartas ao rei Assaradão relacionadas com a reconstrução do templo de Esagila pelo que também ele deveria estar ligado à administração do templo.

⁴⁰² Embora já se proceda a oferendas a Marduk, todas as estátuas dão a entender que o processo de construção da imagem divina ainda não foi terminado.

A nomeação de Šamaš-šuma-ukīn como príncipe herdeiro da Babilónia em 672 pode ser a única explicação para que Assaradão não tenha devolvido a estátua de Marduk. O rei assírio poderia ter planeado desde o início do seu reinado a divisão das coroas e ao dar à Babilónia um rei que, à partida, era exclusivo dos babilónios, fazia sentido que fosse ele a regressar com Marduk quando assumisse o trono.

Apesar de se tratar de uma situação grave, o caso de Marduk foi único. Muitos deuses foram devolvidos pelo rei a cidades como Der, Larsa, Sippar-Aruru e Uruk⁴⁰³. Em Larak, os habitantes da cidade também apelaram ao rei para que este permitisse a devolução dos seus deuses que se encontram em Nippur⁴⁰⁴. Aqueles que não foram devolvidos terão sido por desconhecimento de Assaradão. Um desses casos chega-nos através da carta CT 53 141 onde um oficial assírio chamado Šamaš-šumu-lešir informa Assurbanípal que outras divindades (Marat-Sin de Eridu, Marat-Sin de Nemed-Lagudu, Marat-Eridu, Nergal, Amurru, e Lugalbanda) encontravam-se fora dos seus templos desde o tempo em que Senaquerib retirou Marduk da Babilónia.

Marduk acabaria por regressar à Babilónia “num dia auspicioso”⁴⁰⁵ com Šamaš-šuma-ukīn, numa cerimónia que decorreu desde o porto de Aššur ao porto da Babilónia⁴⁰⁶. Durante a procissão, que foi fortemente vigiada pelos oficiais assírios, vários sacrifícios foram feitos. Quando chegou à cidade da Babilónia, Marduk foi recebido por outras divindades como “Bêlit de Acade, Nanâ, Usur-amatsa, Hanibia e Adapa”. Também Nergal, Nabû e Šamaš saíram das suas casas em Emeslam (Cutha), Borsipa e Sippar, respectivamente, para receber “o rei dos deuses”⁴⁰⁷. Este episódio parece ser o único onde Šamaš-šuma-ukīn tem um papel fulcral na sua relação com os deuses babilónios.

⁴⁰³ B. N. Porter, 1993: 60-61 e G. Frame, 2007:76.

⁴⁰⁴ ABL 1230.

⁴⁰⁵ A questão de escolher um dia favorável aos deuses para o regresso de Marduk à Babilónia acompanhado pelo novo rei pode também ser uma das razões que levaram à demora da coroação de Šamaš-šuma-ukin como rei da Babilónia e da partida de Marduk para a Babilónia.

⁴⁰⁶ O tempo de viagem de Šamaš-šuma-ukin e Marduk ao longo do Tigre não nos é fornecido, apenas sabemos quando o rei foi coroado, pelo que esta também pode ser uma das razões que levaram ao atraso da chegada de ambos à Babilónia.

⁴⁰⁷ ARAB II:382.

4. Propaganda real assíria: como os reis assírios narraram a realidade

Ao analisarmos a história conjunta da Assíria e da Babilónia deparamo-nos com alguns episódios que marcaram a relação destes dois reinos. Dada a sua importância, optámos por fazer uma análise separada de cada um deles. Os quatro episódios que de seguida apresentaremos são todos de carácter religioso, sendo que três estão relacionados com o deus Marduk. Todos eles surgem da necessidade, por parte dos reis assírios, de explicarem algum acontecimento relacionado com a Babilónia. Todos os quatro episódios são únicos nas suas características realçando, mais uma vez, a importância que a Babilónia tinha para a Assíria.

É de referir ainda que estamos a falar do período entre os reinados de Sargão e Assaradão pelo que para além do factor “Babilónia” estes episódios são um retrato pessoal dos diferentes reis que se viram em situações fora do normal dentro do panorama do império assírio. Também por esta razão optámos por realçar a sua análise.

4.1 O “pecado” de Sargão

No texto conhecido como “O pecado de Sargão” (K 4730 e Sm. 1876)⁴⁰⁸, Senaquerib relata como ficou bastante perturbado quando o seu pai morreu no campo de batalha inimigo. Sendo um monarca mesopotâmio, Senaquerib acreditava na intervenção dos deuses na vida dos reis assírios pelo que esta “atitude dos deuses” levou a que o rei consultasse vários sacerdotes (reunidos em pequenos grupos e sem poderem trocar informações entre si) que através dos meios de adivinhação iriam analisar a morte de Sargão e qual o pecado tão grave que ele cometeu para sofrer o pior destino possível.

⁴⁰⁸ A versão utilizada para a nossa análise é a que se encontra no artigo de H. Tadmor, B. Landsberger e S. Parpola, “The Sin of Sargon and Sennacherib’s Last Will”, *SAAB* 3 (1989):3-50.

O objectivo de Senaquerib passava por tornar as acções de Sargão, ou seja, o pecado que ele cometeu contra os deuses, uma “abominação” para si, podendo, com a ajuda dos deuses, salvar-se. A pergunta feita pelos arúspices de Senaquerib aos deuses Šamaš e Adad é bastante clara:

Was it because [he honored] the gods off Assyria too much, placing them] above the gods of Babylonia [...], and was it because] he did not [keep] the treaty of the king of gods [that Sargon my father] was killed [in the enemy country and] was not b[uried] in his house?

Segundo o texto, Sargão quebrou o tratado com “o rei dos deuses”, ou seja, teria negligenciado Aššur favorecendo os deuses da Babilónia. Ao quebrar este acordo Sargão estaria a quebrar um acordo com a própria divindade que o tinha colocado no trono assírio, mais uma razão para que o castigo fosse significativo. A morte do rei assírio em território inimigo e a impossibilidade de o “enterrar na sua casa” é o castigo derradeiro para Sargão.

Não querendo sofrer este mesmo destino, pensamos que depois de ouvir os sacerdotes Senaquerib tomou uma atitude totalmente oposta à de Sargão, ou seja, o deus Aššur voltaria a receber o seu lugar como a divindade mais importante da Assíria e os deuses da Babilónia (mais concretamente Marduk e por vezes Nabû) iriam ser, quase que por completo, ignorados.

Ao continuarmos a análise deste texto começam a surgir alguns problemas. Em primeiro lugar, o texto parece mudar drasticamente de rumo. Depois de receber uma resposta afirmativa por parte dos arúspices em como o destino de Sargão teria sido traçado quando este decidiu dar um tratamento especial a Marduk, não faria sentido Senaquerib (que estava com tanto receio em sofrer o mesmo destino que seu pai) referir Marduk como uma divindade a quem o rei iria recorrer. No entanto, é mesmo isso que acontece:

[... After] I had inquired (the will of) Šamaš and Adad, [I lifted my hands and prayed on account of the statue of Marduk, saying: "May it be done!"]. [...] [The gods ... accepted my prayer, and how radiant was [my mood! I said: "Let them make peace and [...] to him; let the gods of Babylonia set their minds [...].

Mais à frente, o texto continua com Senaquerib a dirigir-se a um filho herdeiro que não identifica⁴⁰⁹, alertando-o para que este, antes de tomar qualquer decisão, reúna sempre os arúspices para que eles realizassem sempre as práticas de adivinhação, não se deixando persuadir por conselhos irreflectidos ou imprudentes. Esses conselhos que Senaquerib fala são explicados umas linhas depois:

[Just as I], when I was to make [the statue] of Assur, the great lord, and the statue of [Marduk, the great lord], and to set aright the rites and ordinances of Assyria and [Babylonia], in performing the extispicy divided the haruspices into several groups, so you too, like me, divide the haruspices into several groups, announce your query to [the haruspices] who stand [at the site], and have them [perform] the extispicy [and look at the features].

Existe aqui uma enorme contradição. Por um lado Senaquerib quer afastar-se dos deuses babilônios, por outro afirma que foi mal aconselhado pelos seus sacerdotes quando estes o impediram de construir uma estátua para Marduk. Para além do mais, Senaquerib termina este texto afirmado que os deuses da Assíria e da Babilónia devem ser reconciliados:

Take heed of what I have explained to you, and reconcile [the gods of Babylonia] with your gods!

⁴⁰⁹ É discutível se o herdeiro aqui é Aššur-nādin-šumi ou Assaradão.

É esta contradição que leva a que haja dúvidas sobre se o texto foi escrito no fim do reinado de Senaquerib ou no início do reinado de Assaradão. Os autores do artigo utilizado como fonte deste texto concluem que este não é da autoria de Senaquerib mas sim de Assaradão. Segundo Parpola, este texto é puramente político e propagandístico e tem como objectivo promover uma igualdade entre a Assíria e a Babilónia e justificar a política de Assaradão relativamente a esta última⁴¹⁰. Tendo em conta as reformas religiosas que Senaquerib parece querer alcançar durante o seu reinado (e que veremos de seguida) e, mais tarde, a própria destruição da Babilónia, não há dúvidas quanto ao esforço que este rei fez para eliminar o culto aos deuses babilónios, quase que cortando qualquer contacto com tudo o que fosse babilónio. Por esta razão, seria bastante conveniente para Assaradão que o seu pai afinal estivesse arrependido das acções que tomou em relação à Babilónia apoiando-se ainda do facto de que Senaquerib só envergou por esse caminho pois recebeu maus conselhos dos seus arúspices.

4.2 O Julgamento de Marduk

Embora Senaquerib não tenha realizado qualquer projecto de construção da Babilónia, o rei assírio reconstruiu dois templos na cidade de Aššur: o templo de Aššur e o templo do Festival de Ano Novo. Segundo Senaquerib, o primeiro tinha sido deixado ao abandono pelo que o rei assírio procedeu a uma grande obra de reconstrução. Quanto ao Templo do Festival de Ano Novo, este representa uma peça chave nos planos de Senaquerib. De acordo com a estela da fundação deste Templo, Senaquerib declara que “devido a distúrbios e revoltas, deixaram [as festividades] de ser realizadas”⁴¹¹. Com a destruição do mesmo templo na Babilónia, este novo templo passava a ser o único que celebrava o Festival de Ano Novo, no entanto, não era Marduk a divindade principal, mas sim Aššur. Uma vez que este Festival, com origem suméria, ficou associado à vitória de Marduk frente a Tiamat - eternizado no mito de criação babilónio *Enûma Eliš* -, Senaquerib pretendia tornar o principal deus do

⁴¹⁰ H. Tadmor, B. Landsberger e S. Parpola, *SAAB* 3 (1989):45.

⁴¹¹ ARAB II: 184

panteão assírio no herói de um dos textos mais importantes da cultura mesopotâmia. O facto de Senaquerib também ter depositado um recipiente com terra da Babilónia pós-destruição também pode ser visto como uma representação da vitória de Aššur sobre Marduk.

É neste contexto, onde Aššur é considerado o grande vencedor, que nos surge o texto referido como o “Julgamento de Marduk”⁴¹². Este texto, a par da estela do Templo de Ano Novo, chega como um justificativo para a destruição da Babilónia e a presença de Marduk na Assíria. No texto, Marduk é visto como um criminoso sendo preso e julgado perante um conjunto de deuses, liderados por Aššur. O objectivo de Senaquerib é, sem dúvida, demonstrar que Aššur detinha autoridade sobre Marduk⁴¹³, ou seja, dar a Senaquerib a legitimidade e o suporte necessários para explicar as suas acções na Babilónia⁴¹⁴. Assim, o “Julgamento de Marduk” é um texto altamente propagandístico que visa acabar com qualquer oposição que pudesse existir dentro da corte assíria relativamente às atitudes do rei dentro da Babilónia.

Esta ideia mostra uma grande astúcia por parte de Senaquerib. O rei queria criar um novo panorama religioso para a Assíria e tanto o Templo do Festival de Ano Novo como o texto do “Julgamento de Marduk” seriam formas do povo assírio proceder a uma transição pacífica, e justificada, da política religiosa que Tiglath-Pileser e Sargão tinham introduzido.

⁴¹² Foram encontradas até ao momento cinco versões deste texto, todas elas diferentes. Apesar do número de exemplares, todos os textos estão bastante danificados sendo difícil compreender o verdadeiro significado do texto. Para a nossa análise utilizaremos dois desses exemplares, de Aššur e de Nínive, ambos traduzidos para inglês por A. Livingstone.

⁴¹³ Cf. A. Livingstone, 2007:230-235

⁴¹⁴ Existe alguma discussão sobre quando foi escrito este texto. Livingstone acredita que o texto data do reinado de Senaquerib, sendo o texto parte de uma propaganda real que visava uma reforma religiosa. Por outro lado, no artigo “The Tribulations of Marduk the So-Called “Marduk Ordeal Text”” (JAOS, 1983, 130, 131-141), Tikva Frymer-Kensky defende que o texto não foi escrito durante o reinado de Senaquerib mas sim no início do reinado de Assurbanípal, quando a estátua de Marduk regressa à Babilónia. De acordo com a autora, o texto não pretende humilhar Marduk que acabaria por não ser condenado pelos deuses, acabando por ser libertado (processo semelhante à saída de Aššur e entrada na Babilónia). Apesar de esta ser uma hipótese válida, pensamos que o mais certo é o texto fazer parte da estratégia de Senaquerib pois fazia mais sentido este rei justificar os seus actos através de um texto desta natureza do que Assurbanípal. Por outro lado, como veremos mais à frente, a relação que Assurbanípal tinha com a Babilónia não parece enquadrar-se num texto com o desfecho que Frymer-Kensky fornece.

4.3 A identificação do deus assírio Aššur com o deus babilónio Anšar

A nova política religiosa de Senaquerib ganha uma nova vertente quando a estátua de Marduk é levada para a Assíria, como refém, depois da destruição da Babilónia. Com a destruição desta e sem o seu principal deus, a Babilónia perdia o seu grande centro cultural e religioso abrindo caminho para que Senaquerib pudesse implementar a sua nova política, ou seja, a cidade de Aššur poderia emergir em lugar da cidade da Babilónia.

A par das medidas tomadas que já vimos, Senaquerib também tentou implementar uma nova ideia que, por curiosidade, foi encontrá-la nos textos do seu pai: a identificação do deus assírio Aššur com o deus babilónio Anšar. Este era um antepassado de Marduk e pertencia à geração mais antiga do panteão babilónio. É claro que os dois reis não tinham objectivos semelhantes quando procederam a esta identificação. Embora, na sua maioria, as inscrições de Sargão escrevam Aššur da maneira tradicional, em algumas inscrições do início do reinado de Sargão, todas provenientes de Aššur, o deus assírio é escrito da forma AN.ŠAR. Também alguns prismas datados do fim do reinado de Sargão, encontrados em Nimrud, usam regularmente a forma AN.ŠAR⁴¹⁵. De acordo com Tadmor e Parpola, os escribas babilónios na corte de Sargão pretendiam ofuscar o que os autores chamam de “carácter nacional” do deus Assírio⁴¹⁶. Por sua vez, Senaquerib pretendia que esta identificação demonstrasse que Marduk deveria submeter-se a Aššur, uma vez que Anšar (=Aššur) era um antepassado directo, pai de Anu que por sua vez era avô de Marduk.

Esta identificação encontra-se nas inscrições provenientes da cidade de Aššur, uma vez que ela iria ser a “próxima Babilónia” fazia sentido que todo este processo começasse aqui. Este episódio, embora seja um pouco diferente dos outros três que aqui analisamos, também se enquadra bastante bem nos métodos de propaganda assíria. O objectivo final passava por convencer os assírios que Aššur tinha poder sobre

⁴¹⁵ No artigo de G. W. V. Chamaza, “Sargon II's Ascent to the Throne: The Political Situation”, *SAAB* 6/1 (1992):21-33, podemos encontrar alguns exemplos desta grafia.

⁴¹⁶ H. Tadmor, B. Landsberger e S. Parpola, *SAAB* 3 (1989):3-50.

Marduk e a Assíria tinha poder sobre a Babilónia, legitimando assim as acções de Senaquerib na Babilónia e em Aššur.

4.4 O papel de Marduk na destruição da Babilónia

A destruição da Babilónia teve um carácter pessoal não só para Senaquerib como também para Assaradão. Nenhum filho queria assumir publicamente a responsabilidade do pai num dos eventos que mais marcou a história da Assíria e da Babilónia. Vimos que Assaradão nunca referiu o nome de seu pai nos anais ou inscrições que relatavam essa destruição mas este rei também arranjou uma maneira especial de distanciar a Assíria dessa mesma destruição: responsabilizou Marduk.

É certo que Assaradão não queria tomar uma posição que denegrise a imagem do seu pai mas, por outro lado, o rei assírio queria apaziguar ânimos tanto de babilónios como de assírios que estariam contra a destruição da Babilónia. Desta forma, o melhor método encontrado por Assaradão foi de responsabilizar os deuses pelo que aconteceu sendo o desejo destes, ou mais concretamente de Marduk, que a Babilónia fosse destruída levando a que os deuses abandonassem aquela região por livre vontade⁴¹⁷.

Os babilónios provocaram a ira de Marduk quando roubaram do templo de Esagila uma grande fortuna para oferecer ao rei do Elam como forma de pagamento pela ajuda que este reino iria dar. Como castigo, Marduk destruiu o canal Arahtu provocando uma enorme inundação que levou a que os deuses babilónios saíssem da cidade⁴¹⁸ e que os seus habitantes fossem levados como escravos.

⁴¹⁷ Discutimos na primeira parte deste trabalho como assírios e babilónios acreditavam que os deuses interferiam directamente na política da região. Uma derrota militar significava o descontentamento de uma divindade para com o povo derrotado, levando a que essa o abandonasse. O mesmo acontece quando se dá a destruição da Babilónia e o consequente abandono de Marduk. Um outro exemplo desta mesma ideologia mas referente ao Egipto pode ser encontrado na carta SAA 8 418.

⁴¹⁸ Vimos que de acordo com as inscrições de Assurbanípal (ARAB II:372), quando Marduk saiu da Babilónia e foi levado para a Assíria permaneceu ao lado do seu pai, o deus Aššur, “que o tinha criado”.

A Babilónia deveria manter-se nesta condição durante 70 anos, no entanto, o “misericordioso Marduk” encurtou esse período para apenas 11 anos⁴¹⁹, reconciliando-se com o seu povo⁴²⁰. O texto refere como Marduk “virou o Livro ao contrário e ordenou a restauração da cidade no décimo primeiro ano”. Dada a especial característica, na escrita cuneiforme, do número 70 (𐎶 𐎠) e do número 11 (𐎠 𐎶)⁴²¹, Assaradão aproveitou o facto de terem decorrido 11 anos entre a destruição da Babilónia e o início da sua reconstrução para introduzir a ideia de que Marduk virou o Livro do Destino ao contrário como símbolo da sua boa vontade para com os babilónios, tal como o rei assírio estava a demonstrar⁴²².

Desta forma, ao restaurar a Babilónia também Assaradão estava, como representante dos deuses, a cumprir os seus desejos, no entanto, por muito boas que fossem as intenções de Assaradão o mais certo é que os Babilónios não seriam tão ingénuos ao ponto de acreditar no rei assírio. Apesar disto não podemos deixar de dar crédito a Assaradão pela tentativa que é única tanto na Babilónia como no império assírio.

⁴¹⁹ ARAB II:243.

⁴²⁰ ARAB II:250.

⁴²¹ Assemelhando-se à característica que o 9 e o 6 têm na numeração comum.

⁴²² Cf. D. D. Luckenbill, *AJSL* 41/III (1925):165-173.

Conclusão

Ao longo deste trabalho, procurámos estudar as diferentes vertentes da relação entre a Assíria e a Babilónia durante o período neo-assírio. Para além das relações políticas e militares próprias de dois reinos direccionámos a nossa análise para uma vertente mais profunda dessas mesmas relações, ultrapassando as normais interacções que a Assíria tinha com outros povos, e para uma vertente especial: a percepção que a Assíria tinha da Babilónia e dos seus habitantes de um ponto de vista social, cultural e religioso. Chegado ao fim desta análise, temos reunidas as condições para avaliar a importância da Babilónia para a Assíria e em que medida essa importância condicionou a governação assíria sobre o seu vizinho do Sul.

Desde cedo percebemos que a Babilónia se destacava entre todos os povos com que os assírios se relacionavam. Vimos que mesmo numa altura em que a Babilónia não fazia parte do império assírio, ou seja, antes do reinado de Tiglath-Pileser III, os anais assírios eram bastante explícitos quanto à sua importância. Os monarcas assírios deste período inicial, embora não tenham um contacto constante com a Babilónia, reflectem a sua importância através da descrição das principais cidades desta região ou mesmo através de uma representação do rei babilónio onde este é caracterizado como um “rei irmão”, de igual estatuto, do rei assírio. Por outro lado, percebemos que embora existisse uma coerência quanto ao modo como a Assíria lidava com os povos que não aceitavam o seu controlo, a Babilónia fugia a essa regra, não sendo castigada pelas suas acções.

Depois de analisados os primeiros contactos entre assírios e babilónios, sempre de um ponto de vista das fontes assírias, terminámos a primeira parte do nosso trabalho com a análise dessa mesma relação mas de um ponto de vista babilónio, com a única fonte disponível deste período. O tratado de paz assinado entre o rei da Babilónia, Marduk-zakīr-šumi I, e o rei assírio Šamši-Adad V deixa bastante claro que a Babilónia não se via na responsabilidade de tratar a Assíria do mesmo modo que esta tratava a Babilónia. Dadas as várias vezes em que os reis assírios se mostraram benevolentes para com a Babilónia, poderíamos esperar que quando a Assíria

necessitasse, o seu vizinho iria dispor-se a ajudar. No entanto, este tratado de paz deixa bastante claro que não havia reciprocidade quanto à percepção que assírios e babilónios tinham uns dos outros.

Na segunda parte do trabalho entrámos no reinado de Tiglath-Pileser III e analisámos as relações políticas e militares da Assíria e da Babilónia até aos reinados de Assurbanípal e Kandalanu. A relação entre os dois reinos alcançou um novo nível quando Tiglath-Pileser se proclamou rei da Babilónia em 729, realizando as celebrações do Festival de Ano Novo na cidade da Babilónia. Vimos que as acções de Tiglath-Pileser abriram caminho a uma relação cada vez mais próxima entre a Assíria e a Babilónia onde os destinos desta última passaram a ser, cada vez mais, controlados pelos monarcas assírios.

A análise às várias revoltas que assolaram a Babilónia durante os mais de 100 anos, entre o início do reinado de Tiglath-Pileser e o fim do reinado de Assurbanípal, permitiram-nos acompanhar as diversas maneiras utilizadas pelos reis assírios para controlar os babilónios. Maioritariamente, estes monarcas não atribuíam aos babilónios (a população dita mais tradicional) a responsabilidade pelos tumultos, mostrando-se como seus protectores. No entanto, também vimos que a relação entre a Assíria e a Babilónia era afectada por questões de carácter mais pessoal e, quando tal acontecia, o rei assírio castigava os babilónios.

A análise da relação política e militar ficou completa com uma análise aos diferentes métodos de governação da Babilónia, à relação que o rei assírio tinha com os deuses babilónios e a diferentes episódios que, seguindo um estilo propagandístico próprio da Assíria, pretendiam justificar as acções de alguns monarcas deste império na Babilónia.

A governação assíria da Babilónia acompanhou os acontecimentos políticos e militares que se iam desenrolando na região. Vimos que foram adoptados vários métodos de governação: o rei assírio tornava-se também rei da Babilónia, um rei fantoche era nomeado para governar a Babilónia ou um príncipe assírio era coroado ou nomeado como rei. Não existiu qualquer coerência quanto ao género de governação que deveria ser mantida na Babilónia e essa instabilidade foi bastante prejudicial para a Assíria. O carácter pessoal de que falámos anteriormente teve uma

grande influência na governação da Babilónia, especialmente nos reinados de Senaquerib, Assaradão e Assurbanípal. Cada um destes reis marcou, à sua maneira, a relação entre a Assíria e a Babilónia durante o nosso período de estudo. Pensamos que essas variações contribuíram para que, de um modo geral, os babilónios não estabelecessem uma união com o seu vizinho, nunca aceitando que um monarca estrangeiro pudesse governar a Babilónia, mesmo tendo presente que enquanto a Assíria esteve à frente dos destinos da Babilónia o crescimento económico desta foi bastante significativo.

Os habitantes dos grandes centros urbanos da Babilónia, salvo raras excepções, foram sempre tratados de um modo especial pelos reis assírios. Na primeira parte do trabalho vimos que estes não foram castigados pelo apoio demonstrado aos povos que se queriam libertar do jugo assírio. Também durante o reinado de Tiglath-Pileser III e de Assurbanípal, vimos, através das cartas enviadas por estes aos babilónios, que os reis assírios se desmarcavam de qualquer responsabilidade pelas revoltas que surgiram, tratando-os quase como vítimas.

A par do destaque dado aos habitantes da Babilónia, também as grandes cidades desta região mereceram uma especial atenção por parte dos reis assírios. Cidades como a Babilónia, Borsipa, Sippar, Nippur, Ur e Uruk foram alvo de grandes obras de reconstrução, especialmente nos templos dos deuses locais. A cidade da Babilónia foi, sem dúvida, aquela que nos reinados de Assaradão e Assurbanípal recebeu uma maior atenção, uma vez que se tratava da principal cidade da Babilónia. O facto de os grandes projectos de reconstrução levados a cabo pelos reis assírios nas várias cidades da Babilónia serem, na sua maioria, junto dos templos babilónios também representa a relação especial que os monarcas tinham com o panteão babilónio.

No capítulo dedicado à relação entre os reis assírios e os deuses babilónios destacámos o deus Marduk e como este, mesmo sendo um deus estrangeiro, ganhou uma importância maior no panorama religioso da Assíria. Vimos que tal como os habitantes da Babilónia mereciam uma atenção especial entre todos os povos que constituíam a Assíria, o mesmo acontecia com os deuses babilónios. Nenhum outro deus estrangeiro teve a mesma importância para a Assíria como Marduk.

Os esforços assírios para conquistar os babilónios passaram também por justificar as suas acções na Babilónia como sendo vontade divina. Desta forma, o rei podia demarcar-se de certos acontecimentos que prejudicaram os babilónios, não sendo responsável por prejudicar esse reino. Para além do mais, esta propaganda real assíria tornava o rei desse país salvador dos babilónios.

Apesar de todos os esforços assírios para manter os babilónios satisfeitos com a sua governação, o mais certo é estes nunca terem aceitado, de bom grado, o rei assírio como seu. O episódio da destruição da Babilónia por parte do rei Senaquerib terá deixado nos babilónios uma profunda marca, mesmo nas gerações que se seguiram, levando a que estes nunca tenham confiado totalmente na governação assíria. Existe, possivelmente, a excepção da classe sacerdotal babilónia que com os reis assírios viu os seus templos e as suas riquezas aumentarem substancialmente. No entanto, também não podemos afirmar, com toda a certeza, que a Assíria reuniu um apoio incondicional junto das elites babilónias.

Finda esta dissertação, estamos em condições de reconhecer a importância especial da Babilónia e dos seus deuses para a Assíria. Apesar de em determinadas situações ter havido a necessidade de castigar os babilónios, os reis assírios sempre destacaram este povo de entre os vários povos que compunham o império assírio. No entanto, também podemos concluir que esta importância dada à Babilónia prejudicou a Assíria. O facto de não existir um método de governação consistente ao longo destes séculos prejudicou mais a Assíria do que a Babilónia. O tempo e recursos gastos em tentar, ao mesmo tempo, manter os babilónios satisfeitos com a governação assíria e controlar as rebeliões que iam surgindo levou a um desgaste da Assíria. No fim, esta acabou por não ter meios para continuar a governar a Babilónia e, assim que a oportunidade surgiu, o império neo-babilónico tornou-se a principal potência da Mesopotâmia.

Bibliografia

Fontes:

Cole, Steven W.

1998: com Peter Machinist, *Letters from Priests to the Kings Esarhaddon and Assurbanipal*. State Archives of Assyria Vol. 13. Helsinki: Helsinki University Press.

Glassner, Jean-Jacques

2004: *Mesopotamian Chronicles*. Atlanta: Society of Biblical Literature.

Grayson, Albert K.

1975: *Assyrian and Babylonian Chronicles. Texts from Cuneiform Sources 5*. Locust Valley, New York: J.J. Augustine.

1991a: *Assyrian Rulers of the Early First Millennium BC I (1114-859 BC). Royal Inscriptions of Mesopotamia Assyrian Period, Volume 2*. Toronto: University of Toronto Press.

1996: *Assyrian Rulers of the Early First Millennium BC II (858-745 BC). Royal Inscriptions of Mesopotamia Assyrian Period, Volume 3*. Toronto: University of Toronto Press.

Fuchs, Andreas

2001: com S. Parpola, *The Correspondence of Sargon II, Part III. Letters from Babylonia and the Eastern Provinces*. State Archives of Assyria Vol. 15. Helsinki: Helsinki University Press.

Luckenbill, Daniel D.

1926-1927: *Ancient Records of Assyria and Babylonia*. 2 volumes. Chicago: The University of Chicago Press

Lukko, Mikko

2002: com G. Van Buylaere, *The Politican Correspondence of Esarhaddon*. State Archives of Assyria Vol. 16. Helsinki: The Neo-Assyrian Text Corpus Project.

2012: *The correspondence of Tiglath-Pileser III and Sargon II from Calah e Nimrud*. State Archives of Assyria Vol. 19. Helsinki: The Neo-Assyrian Text Corpus Project.

Oppenheim, A. Leo

1967: *Letters From Mesopotamia*. Chicago: The University of Chicago Press.

Parpola, Simo

1988: com Kazuko Watanabe, *Neo-Assyrian Treaties and Loyalty Oaths*, State Archives of Assyria Vol. 2. Helsinki: University of Helsinki Press.

1993: *Letters from Assyrian and Babylonian Scholars*, State Archives of Assyria Vol. 10. Helsinki: University of Helsinki Press.

1997: *Assyrian Prophecies*. State Archives of Assyria Vol. 9. Helsinki: University of Helsinki Press.

Reynolds, Frances

2003: *The Babylonian correspondence of Esarhaddon. And Letters to Assurbanipal and Sin-Šarru-iškun from Northern and Central Babylonia*. State Archives of Assyria Vol. 18. Helsinki: University of Helsinki Press.

Saggs, Henry W. F.

2001: *Nimrud Letters, 1952*. Cuneiform Texts from Nimrud V. British School of Archaeology in Iraq.

Starr, Ivan

1990: *Queries to the Sun-god. Divination and Politics in Sargonid Assyria*. State Archives of Assyria Vol. 4. Helsinki: University of Helsinki Press.

Bibliografia geral:

Becking, Bob, Van der Toorn, Karel e Van der Horst, Pieter W. (eds.)

1999: *Dictionary of Deities and Demons in the Bible*. Leiden: Brill.

Bidmead, Julye

2004: *The Akitu Festival. Religious Continuity and Royal Legitimation in Mesopotamia*. Gorgias Near Eastern Studies 2. Piscataway, New Jersey: Gorgias Press.

Bottéro, Jean

2001: *Religion in Ancient Mesopotamia*. Chicago: The University of Chicago Press.

Brice, Trevor

2009: *The Routledge Handbook of the Peoples and Places of Ancient Western Asia. The Near East from the Early Bronze Age to the Fall of the Persian Empire*. Oxon: Routledge

Brinkman, John A.

1965: *Elamite Military Aid to Merodach-Baladan*, *Journal of Nearer Eastern Studies* 24/III: 161-166.

1972: *Foreign Relations of Babylonia from 1600 to 625 B. C.: The Documentary Evidence*, *American Journal of Archeology* Vol. 76/III:271-281.

1973: *Sennacherib's Babylonian Problem: An Interpretation*, *Journal of Cuneiform Studies* Vol. 25/II:89-95.

1983a: *Documentary Evidence for the Economic Base of Early Neo-Babylonian Society: A Survey of Dated Babylonian Economic Texts*, *Journal of Cuneiform Studies* 35/I e II:1-90.

1983b: *Through a Glass Darkly Esarhaddon's Retrospects on the Downfall of Babylon*, *Journal of the American Oriental Society*, Vol. 103/I:35-42.

1984: *Prelude to Empire. Babylonia Society and Politics, 747-626 BC*. Philadelphia: Occasional Publications of the Babylonian Fund.

1987: *Neo-Assyrian Treaties from the Royal Archives of Nineveh*, *Journal of Cuneiform Studies* 39: 161-189.

Chamaza, G. W. Vera

1992: *Sargon II's Ascent to the Throne: The Political Situation*, *State of Assyria Archive Bulletin* Vol. 6/I:21-33.

Clay, Albert T.

1908: *The Babylonian Expedition of the University of Pennsylvania. Series A: Cuneiform Texts Vol. 8/1*. Philadelphia: Department of Archaeology, University of Pennsylvania.

Cogan, Morton

1974: *Imperialism and Religion: Assyria, Judah and Israel in the Eighth and Seventh Centuries B.C.E.*, Society of Biblical Literature Monograph Series Vol. 19:22-41.

Eph'al, Israel

1974: *Arabs in Babylonia in the 8th Century BC*, Journal of the American Oriental Society, Vol. 94/1: 108-115.

Fales, Frederick M.

2011: *Moving around Babylon: On the Aramean and Chaldean Presence in Southern Mesopotamia*, em E. Cancik-Kirschbaum, M. van Ess, e J. Marzahn (eds.), *Babylon: Wissenskultur in Orient und Okzident*. Berlin: de Gruyter

Frame, Grant

1984: com A. K. Grayson, *An Inscription of Ashurbanipal Mentioning the Kidinnu of Sippar*, State Archives of Assyria Bulletin 8:3-12.

1999: *My Neighbour's God: Aššur in Babylonia and Marduk in Assyria*, Canadian Society of Mesopotamian Studies 34:5-22.

2007: *Babylonia 689-627 B.C. A Political History*. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten.

2013: *The Political History and Historical Geography of the Aramean, Chaldean, and Arab tribes in Babylonia in the Neo-Assyrian Period*, em Angelika Berlejung e Michael P. Streck (eds.), *Arameans, Chaldeans, and Arabs in Babylonia and Palestine in the First Millennium B.C.*:87-121. Wiesbaden : Harrassowitz Verlag.

Frymer-Kensky, Tikva

1983: *The Tribulations of Marduk the So-Called Marduk Ordeal Text*, *Journal of the American Oriental Society* 103/1:131-141.

Fuchs, Andreas

2007: *Assyria at War: Strategy and Conduct* em K. Radner e E. Robson (eds.), *The Oxford Handbook of Cuneiform Culture*:380-401. Oxford: Oxford University Press.

Gabriel, Richard A.

2002: *The Great Armies of Antiquity*. Westport, Connecticut: Praeger Publishers.

Gadd, C. J.

1928: com Leon Legrain, *Ur Excavations. Texts. I, Royal Inscriptions*. London: British Museum. Pennsylvania: Museum of the University of Pennsylvania.

Galil, Gershon

1992: *Conflicts Between Assyrian Vassals*, *State Archives of Assyria Bulletin* Vol. 6/1:55-63.

Gallagher, William R.

1994: *Assyrian Deportation Propaganda*, State Archives of Assyria Bulletin Vol. 8: 57-65

Gerardi, Pamela

1987: *Assurbanipal's Elamite Campaigns: A Literary and Political Study*. University of Pennsylvania, Philadelphia, PA. Tese de Doutorado não publicada disponível em <http://repository.upenn.edu/dissertations/AAI8714039/>, acedido a 3 de Setembro de 2014.

1992: *The Arab Campaigns of Assurbanipal: Scribal Reconstruction of the Past*, State Archives of Assyria Bulletin 6:67-103.

Godbey, Allen H.

1905: *The Esarhaddon Succession*, American Journal of Semitic Languages and Literatures Vol. 22/1:63-80.

Goodspeed, G. S.

1902: *A History of Babylonians and Assyrians*. New York: Charles Scriber's & sons.

Grayson, Albert K.

1991b: *Assyria: Sennacherib and Esarhaddon (704-669 B.C.)* em J. Boardman, I. E. S. Edwards, N.G.L. Hammond e E. Sollerberger (eds.), *The Cambridge Ancient History, Volume III Part 2. The Assyrian and Babylonian Empires and other States of the Near East, from the Eighth to the Sixth Centuries BC*. Cambridge: Cambridge University Press.

1993: *Assyrian Officials and Power in the Ninth and Eight Centuries*, State Archives of Assyria Bulletin 7:19-52

Haas, Volkert.

1980: *Die Dämonisierung des Fremden und des Feindes im Alten Orient*, *Rocznik Orientalistyczny* Vol 41/II:37-44.

Johnston, Christopher

1906: *A Letter of Esarhaddon*, *American Journal of Semitic Languages and Literatures* Vol. 22/III:242-246.

Jursa, Michael

2007: *The Babylonian Economy in the First Millennium BC* em G. Leick (ed.), *The Babylonian World*:224-235. Oxon: Routledge

King, Leonard W.

1912: *Babylonian Boundary Stones and Memorial Tablets in the British Museum*. 2 volumes. London: Printed by Order of the Trustees.

Knudtzon, Jørgen A.

1893: *Assyrische Gebete an den Sonnengott für Staat und königliches Haus aus der Zeit Assahaddons und Asurbanipals*. Leipzig: Pfeiffer.

Kraeling, Emil G.

1933: *The Death of Sennacherib*, *Journal of the American Oriental Society* Vol. 53: 335-346

Laato, Antti

1995: *Assyrian Propaganda and the Falsification of History in the Royal Inscriptions of Sennacherib*, *Vetus Testamentum* 45:198-226.

Lambert, Wilfred G.

1960: *Babylonian Wisdom Literature*. Oxford: Oxford University Press.

Lehmann, Carl F.

1891: *Šamašumiukîn, König von Babylonien 668-648 v. Chr., inschriftliches Material über den Beginn seiner Regierung*. Leipzig: Assyriologische Bibliothek 8.

Liverani, Mario

2003: *Relaciones internacionales en el Próximo Oriente Antiguo, 1600-1100 a.C.*. Barcelona: Bellaterra.

Livingstone, Alasdair

2007: *Mystical and Mythological Explanatory Works of Assyrian and Babylonian Scholars*. Oxford: Oxford University Press.

Luckenbill, Daniel D.

1925: *The Black Stone of Esarhaddon*, *American Journal of Semitic Languages and Literatures* 41/III:165-173.

Mcinstosh, Jane R.

2005: *Ancient Mesopotamia. New Perspectives*. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, Inc.

McKay, John

1973: *Religion in Judah Under the Assyrians 732 - 609 BC*. London: SCM Press

Millard, Allan

1982: *The Eponyms of the Assyrian Empire, 910-612 BCE*. State Archives of Assyria Vol. 2. Helsinki: University of Helsinki Press.

Neumann, Jehuda

1987: com Simo Parpola, *Climatic Change and the Eleventh-Tenth-Century Eclipse of Assyria and Babylonia*, The Journal of Near Eastern Studies Vol. 46/III:161-182.

Nielsen, John P.

2012: *Marduk's Return: Assyria Propaganda, Babylonian Cultural Memory, and the akītu Festival of 667 BC* em Martin Bommas, Juliette Harrison e Phoebe Roy, *Memory and Urban Religion in the Ancient World*. London: Bloomsbury Publishing Plc.

Novotny, James

2009: com Jennifer Singletary, *Family Ties: Assurbanipal's Family Revisited* em Mikko Luukko, Saana Svärd and Raija Mattila, *Of God(s), Trees, Kings, and Scholars Neo-Assyrian and Related Studies in Honour of Simo Parpola*. Studia Orientalia Vol. 106:167-178.

Oded, Bustenay

1979: *Mass Deportations and Deportees in the Neo-Assyrian Empire*. Wiesbaden: Reichert.

Olmstead, Albert T.

1912: *Climatic Changes in the Nearer East*, Bulletin of the American Geographical Society 44/VI:432-440.

1915: The Assyrian Chronicle, Journal of the American Oriental Society Vol. 34: 351-352.

1918a: *Assyrian Government of Dependencies*, The American Political Science Review Vol. 12/I:63-77.

1918b: *The Calculated Frightfulness of Ashur Nasir Apal*, Journal of the American Oriental Society, Vol. 38: 209-263.

1921: *Babylonia as an Assyrian Dependency*, The American Journal of Semitic Languages and Literatures, Vol. 37/III:212-229.

1923: *History of Assyria*. New York City: Charles Scriber's & sons

Parpola, Simo

1972: *A Letter from Šamaš-šumu-ukin to Esarhaddon*, Iraq Vol. 34:21-34.

1987: *Neo-Assyrian Treaties from the Royal Archives of Nineveh*, Journal of Cuneiform Studies Vol. 39/II:161-189.

1995: *The Construction of Dur-Šarrukin in the Assyrian Royal Correspondence*, em A. Caubet (ed.), *Khorsabad, le palais de Sargon II, roi d'Assyrie:49-77*. Louvre, conférences et colloques, Paris.

Pohl, Alfred

1934: *Neubabylonische Rechtsurkunden Aus den Berliner Staatlichen Museen II Teil*, Analecta Orientalia 9. Roma: Pontificio Istituto Biblico.

Porter, Barbara N.

1993: *Images, Power and Politics. Figurative Aspects of Esarhaddon's Babylonian Policy*. Philadelphia: American Philosophical Society.

Postgate, J. Nicholas

1973: *The Governor's Palace Archive*. London: British School of Archeology in Iraq.

1992: *The Land of Assur and the Yoke of Assur*, World Archeology Vol. 23/III, Archeology of Empires:247-263.

2004: com R. A. Mattila, *Il-yada' and Sargon's Southeast Frontier* em G. Frame (ed.), *From the Upper Sea to the Lower Sea: 235-254. Studies on the History of Assyria and Babylonia in honour of A. K. Grayson*. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten.

Radner, Karen

2003: *The Trials of Esarhaddon: the Conspiracy of 670 BC*. em P. Miglus e J.M. Cordoba (eds.), *Assur und sein Umland:165-184*, Isimu: Revista sobre Oriente Proximo y Egipto en la antigüedad 6.

2011: *The Assur-Nineveh-Arbela Triangle: Central Assyria in the Neo-Assyrian Period*. em Peter Miglus e Simone Mühl (eds.), *Between the Cultures: The Central Tigris Region in Mesopotamia from the 3rd to the 1st Millennium BC:321-329*. Heidelberg: Heidelberger Studien zum Alten Orient.

2011b: *Assyrians and Urartians* em Sharon R. Steadman e Gregory McMahon (eds.),
The Oxford Handbook of Ancient Anatolia (10.000-323 BCE).

Reade, Julian E.

1998: *Assyrian Eponyms, Kings and Pretenders, 648-605 BC*. *Orientalia* (nova series)
67:255-265.

Spalinger, Anthony

1974: *Ashurbanipal and Egypt. A Source Study*, *Journal of the American Oriental Society* Vol. 94:316-328.

Spar, Ira

2000: com Eva Von Dassow, *Private Archives Texts from the First Millennium BC. Cuneiform Texts in the Metropolitan Museum of Art, Volume III*. New York: The Metropolitan Museum of Art.

Spieckermann, Hermann

1982: *Juda unter Assur in der Sargonidenzeit*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.

Tadmor, Hayim

1989: com B. Landsberger e S. Parpola, *The Sin of Sargon and Sennacherib's Last Will*,
State Archives of Assyria Bulletin 3:3-50

Van der Spek, R. J.

1978: *The Struggle of King Sargon II of Assyria Against the Chaldean Merodach-Baladan II*, *Jaarbericht Ex Oriente Lux* Vol. 25:56-66.

Weisberg, David B.

2003: *Neo-Babylonian Texts in the Oriental Institute Collection*. OIP 122. Chicago: The University of Chicago Oriental Institute Publications.



Imagem 1: Salmanasar III e Marduk-zakir-šumi

(Fonte: <http://oracc.museum.upenn.edu/nimrud/ancientkalhu/thepeople/shalmaneseriii/index.html>)



Imagem 2: Estela do rei Assurbanípal representado como os antigos reis sumérios. Borsipa.

(Fonte: http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/me/s/stela_of_ashurbanipal-1.aspx)

Anexo A: Textos Económicos⁴²³

	Babilónia	Borsippa	Dilbat	Nippur	Sippar	Ur	Uruk	Sem info.	Total
Marduk- apla-iddina II	4			1		1	1	30	37
Sargão	2			1				1	4
Senaquerib				2					2
Marduk-zākir-šumi II									0
Bel-ibni			5	1				1	7
Aššur-nādi-šumi			2				2		4
Nergal-ušeziḫ									0
Mušeziḫ-Marduk	1	1						1	3
Assaradão	4	3	8	1	1		5	1	23
Assurbanipal		3	1	22		1	10	3	40
Šamaš-šuma-ukīn	73	27	11	6		5	17	24	163
Kandalanu	57	13	8		16		13	86	193
Total	141	47	35	34	17	7	48	147	476

⁴²³ Tendo em conta o artigo de J. A. Brinkman, "Documentary Evidence for the Economic Base of Early Neo-Babylonian Society: A Survey of Dated Babylonian Economic Texts", *Journal of Cuneiform Studies* 35/I e II:1-90, e a obra de G. Frame, "Babylonia 689-627 B.C. A Political History". Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten. Estamos apenas a ter em consideração os textos provenientes das grandes cidades e aqueles que não temos informação sobre a proveniência do texto. Existem ainda pouco mais de vinte textos provenientes de cidades menores de toda a região da Babilónia.

ANEXO B: Marduk nos Anais e Inscrições Reais Assírias

Adad-nirari II	Tukulti-Ninurta II	Aššurnasipal II	Shalmaneser III	Adad-nirari III	Shalmaneser IV
Aššur Enlil Sin Šamaš Marduk	Aššur Anu Enlil Ea Sin Adad Šamaš Marduk	Aššur Anu Ea Sin Marduk Adad Ninurta Nusku Ninlil Nergal Enlil Šamaš Aššur Anu Enlil Ea Sin Adad Šamaš Marduk Ninurta Nergal Nusku Ninlil Ištar	Aššur Anu Enlil Adad Ninurta Ištar Ea Sin Marduk	Aššur Šamaš Adad Marduk Aššur Marduk Adad Sin Aššur Šamaš Nabû Marduk Enlil Ninurta Nergal Ištar Aššur Anu Enlil Ea Marduk Nabû Sin Ištar Gula	Aššur Šamaš Marduk Adad

Tiglath-Pileser III	Sargão II	Senaquerib	Assaradão		Assurbanbipal	
Aššur	Aššur	Aššur	Aššur	Aššur	Aššur	Aššur
Šeru'a	Marduk	Sin	Sin	Sin	Belit	Šamaš
Bel		Šamaš	Šamaš	Šamaš	Sin	Marduk
Zarpanitu	Aššur	Bel	Nabû	Adad	Šamaš	
Nabû	Šamaš	Nabû	Marduk	Ištar	Adad	Marduk
Tašmetu	Marduk	Nergal		Nabû	Bel	Nabû
Nanâ	Adad	Ištar de Nínive	Aššur	Marduk	Nabû	Urta
Nergal		Ištar de Arbela	Sin		Ištar de Nínive	Nergal
Laz	Aššur		Šamaš	Šamaš	Ištar de Arbela	
	Nabû	Aššur	Bel	Adad	Urta	Aššur
Aššur	Marduk	Anu	Nabû	Marduk	Nergal	Ninlil
Šamaš		Enlil	Ištar de Nínive		Nusku	Šerûa
Marduk	Aššur	Ea	Ištar de Arbela	Aššur		Šamaš
	Šamaš	Sin		Marduk	Aššur	Adad
Aššur	Nabû	Šamaš	Aššur		Sin	Nabû
Šamaš	Marduk	Adad	Šamaš	Aššur	Šamaš	Marduk
Marduk		Marduk	Nabû	Anu	Adad	
Adad	Aššur	Nabû	Marduk	Enlil	Bel	Nabû
	Anu	Ištar		Ea	Nabû	Marduk
	Enlil	Sibi	Aššur	Sin	Ištar de Nínive	Urash
	Ea		Anu	Šamaš	Ištar de Arbela	Nin-egal
	Sin		Enlil	Adad	Urta	
	Šamaš		Ea	Marduk	Nergal	
	Adad		Sin	Nabû	Nusku	
	Marduk		Šamaš	Nergal		
	Nabû		Adad	Ištar	Aššur	
	Ištar		Marduk		Marduk	
	Sibi		Ištar			